

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A PRÁTICA DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO MODELO
PEDAGÓGICO DE CURSOS VIRTUAIS DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA:
A PERCEPÇÃO DE TUTORES E MONITORES DO TCU**

ANA CLARA TORRES MÁXIMO

BRASÍLIA – DF, julho 2011

Máximo, Ana Clara Torres.

A Prática da Aprendizagem Colaborativa no Modelo Pedagógico de Cursos Virtuais de uma Instituição Pública: A Percepção de Tutores e Monitores do TCU/

Ana Clara Torres Máximo: Brasília: UnB. 2011.

Trabalho final de curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade de Brasília, 2011.

Orientador: Carlos Alberto Lopes de Sousa

ANA CLARA TORRES MÁXIMO

**A PRÁTICA DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO MODELO
PEDAGÓGICO DE CURSOS VIRTUAIS DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA:
A PERCEPÇÃO DE TUTORES E MONITORES DO TCU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa.

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Villar

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. MSc^a. Danielle Pamplona

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA – DF, julho de 2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA CLARA TORRES MÁXIMO

A PRÁTICA DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO MODELO PEDAGÓGICO DE CURSOS VIRTUAIS DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA: A PERCEPÇÃO DE TUTORES E MONITORES DO TCU

Trabalho de Conclusão de Curso defendido
sob a avaliação da Comissão Examinadora
constituída por:

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Orientador

Prof. Dr. José Villar
Membro Titular – UnB/FE

Profª. MScª. Danielle Pamplona
Membro Titular – UnB/FE

Brasília - DF, julho de 2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por todas as oportunidades que me foram dadas.

À minha família, em especial à minha mãe, que sempre me incentivou e me apoiou.

Às minhas amigas, em especial a Kellen, Natália, Solange, Marina Vianna e Aline que tanto me ajudaram durante a minha trajetória na UnB e que estão sempre presentes em minha vida. Devo este trabalho principalmente a elas, sem esse apoio e incentivo ele, com certeza, não seria concluído.

Ao meu namorado, pela paciência e por ter me cedido seu computador, que me ajudou sobremaneira na execução deste trabalho.

Aos meus professores, em especial o professor Carlos Lopes, que foi meu impulso nessa reta final. Obrigada pela paciência, pelo apoio e incentivo.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como discussão central a prática da aprendizagem colaborativa no modelo pedagógico de cursos virtuais oferecidos pelo Tribunal de Contas da União, relacionando a prática da aprendizagem colaborativa nos cursos com a atuação dos tutores e monitores. Como fundamentação teórica são citados diferentes autores que conceituam ambientes virtuais de aprendizagem, educação corporativa e aprendizagem colaborativa. É destacado, ainda, se ocorre, de fato, a aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU e quais as razões que contribuem ou não para sua prática na percepção dos tutores e monitores que atuam nos cursos. A partir da formulação do problema proposto nesta pesquisa, optou-se por seguir a linha de pesquisa qualitativa, utilizando-se como método de pesquisa o estudo de caso. Para fundamentação da pesquisa buscou-se referências à aprendizagem colaborativa em fontes documentais presentes nos cursos Licitações e Contratos Administrativos e Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal oferecidos pelo TCU em abril, maio e junho de 2011. Por ser uma pesquisa com intuito de saber qual é a visão que possuem os atores (tutores e monitores) envolvidos no processo sobre a prática da aprendizagem colaborativa nos cursos a distância ofertados pelo TCU, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma amostra de seis tutores e seis monitores que atuaram nos cursos LCA e LRF em 2011. Os resultados desta pesquisa mostraram que mesmo havendo um enfoque na aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU, na prática ela ocorre de forma restrita devido ao pouco incentivo dos tutores e monitores que atuam no processo.

Palavras-chave: Ambientes Virtuais de Aprendizagem, Educação Corporativa, Aprendizagem Colaborativa.

ABSTRACT

This work has as central discussion the practice of collaborative learning in the pedagogical model of virtual courses offered by the Tribunal de Contas da União, relating the practice of collaborative learning in courses with the performance of tutors and mentors. As theoretical support, different authors conceptualize virtual learning environments, corporate education and collaborative learning. It highlights, yet, if it occurs, in fact, collaborative learning in virtual courses of TCU and the reasons that contribute to their practice or not in the perception of tutors and mentors who work in the courses. From the formulation of the problem proposed in this study, we chose to follow the line of qualitative research, using a case as a method. The foundation of the survey was based on references in documentary sources of collaborative learning in these courses Licitações e Contratos Administrativos (LCA) and Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) offered by TCU in April, May and June 2011. Being the research a way to know what is the impression of the actors (tutors and monitors) involved in the process of the practice of collaborative learning in distance education courses offered by TCU, semi-structured interviews were conducted with a sample of six tutors and six monitors who served in courses LCA and LRF in 2011. The results have shown that even with a focus on collaborative learning in virtual courses of TCU, in practice it is so restricted due to insufficient encouragement from tutors and mentors who work in the process.

Keywords: Virtual Learning Environments, Corporate Education, Collaborative Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organização cursos LCA e LRF 2011	51
Figura 2 - Campo "Fique de Olho!" dos cursos LCA e LRF	52
Figura 3 - Ambientação	53
Figura 4 - Módulos de conteúdo do curso LCA	55
Figura 5 - Módulos de conteúdo do curso LRF	58
Figura 6 – Enunciado fórum “Aprendendo com a Prática”	68
Figura 7 – Mensagens fórum “Aprendendo com a Prática” 1	70
Figura 8 – Mensagens fórum “Aprendendo com a Prática” 2	72
Figura 9 – Mensagens fórum “Aprendendo com a Prática” 3	72
Figura 10 – Enunciado fórum “Debate sobre os textos”	88
Figura 11 – Mensagens fórum “Debate sobre os textos” 1	91
Figura 12 - Mensagens fórum “Debate sobre os textos” 2	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de turmas por mês	51
Tabela 2 - Distribuição de alunos por mês.....	52
Tabela 3 - Distribuição de alunos por mês.....	61
Tabela 4 – Participação no fórum “Aprendendo com a Prática” LCA.....	69
Tabela 5 – Participação no fórum “Aprendendo com a Prática” LRF	69
Tabela 6 – Participação no fórum “Debate sobre os textos” LCA	89
Tabela 7 – Participação no fórum “Debate sobre os textos” LRF	89

LISTA DE SIGLAS

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

AVEC – Ambiente Virtual de Educação Corporativa

EaD – Educação a Distância

ESAF – Escola de Administração Fazendária

ISC – Instituto Serzedello Corrêa

LCA – Curso de Licitações e Contratos Administrativos

LRF – Curso de Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal

MOODLE – Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment

NTICS – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

PCC – Curso de Prestação de Contas de Convênios

PCSP – Programa Capacitação de Servidores Públicos

POP – Curso de Planejamento de Orçamento Público

Seduc – Serviço de Educação a Distância

TCU – Tribunal de Contas da União

SUMÁRIO

MEMORIAL	12
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1: AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM	26
1.1 – Contextualização e Conceituação	26
1.2 - O Perfil do Tutor e do Monitor no AVA	31
1.2.1 - O Tutor no AVA	31
1.2.2 - O Monitor no AVA.....	33
1.3 – A Educação Corporativa no AVA.....	34
CAPÍTULO 2 - APRENDIZAGEM COLABORATIVA	36
2.1 – Teorias de Aprendizagem.....	36
2.2 - Conceitos.....	37
2.3 – Aprendizagem Colaborativa no AVA.....	39
CAPÍTULO 3 - O TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO	41
3.1 – Contexto Histórico	41
3.2 – O Instituto Serzedello Corrêa - ISC.....	41
3.3 – Educação Corporativa e Educação a Distância no Âmbito do TCU	42
3.4 - Elaboração e Desenvolvimento de Cursos no Ambiente Virtual de Educação Corporativa do TCU.....	44
3.5 - Programa Capacitação de Servidores Públicos	48
3.5.1 – Cursos Licitações e Contratos Administrativos (LCA) e Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)	50
3.5.1.1 – Curso Licitações e Contratos Administrativos (LCA)	55
3.5.1.2 – Curso Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)	57
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	59
4.1 – Pesquisa Qualitativa	59
4.2 – Método de Pesquisa	59
4.2.1 – Estudo de Caso	59
4.3 – Técnica de Pesquisa.....	60
4.3.1 – Análise Documental.....	60
4.3.2 – Entrevista Semiestruturada.....	60

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	63
5.1 – Análise das entrevistas com Tutores	63
5.2 – Análise das entrevistas com Monitores.....	80
5.3 - Análise Conjunta das Entrevistas	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS.....	113
APÊNDICE.....	117
ANEXOS	120

MEMORIAL

Eu sou Ana Clara, nasci em Brasília, dia 29 de fevereiro de 1988, por isso só faço aniversário de quatro em quatro anos. Não acho muito ruim até porque em 2012 farei meu 6º aniversário, e assim demorarei muito para envelhecer. Brincadeiras a parte, tenho 23 anos, sou a filha mais velha de pais separados. Meus pais se separaram quando eu tinha 4 anos, mas continuaram muito amigos, por isso meu pai frequentava nossa casa todos os dias. Sempre morei no Guará com a minha mãe e minha irmã mais nova de 19 anos. Minha mãe é brasiliense e meu pai maranhense, veio para Brasília em 1967, com sua família, em busca de uma vida melhor na capital. Minha mãe é Servidora Pública, trabalha na Secretaria de Fazenda do Distrito Federal e meu pai era autônomo, tinha uma empresa de aluguel de máquinas e mão-de-obra para construções. Minha irmã mais nova é estudante, ainda não trabalha, faz Gestão em Saúde na Universidade de Brasília, no Campus da Ceilândia.

Comecei a estudar aos três anos em um colégio perto da minha casa, CETU, Centro Educacional Três Ursinhos. Não me lembro de quase nada desta época, não me recordo da minha mãe me levando à escola nem do meu primeiro dia de aula, só sei que eu chorava muito, porque ela me já me contou. Desta época me lembro apenas que estudava na mesma sala de uma prima e que um dia a professora fez uma mágica na frente de toda a turma, colocou uma bolinha bem pequena na nuca e a bolinha foi sair em sua boca. Ficava impressionada com o que ela fazia, achava o máximo.

Como eu chorava muito para ir à escola e dava muito trabalho para a minha mãe, ela decidiu me deixar sem estudar quando tinha quatro anos. Ela achou que não haveria problema me deixar fora da escola nesta idade. Realmente não tive problema nenhum em relação à alfabetização, mas quando voltei à escola aos cinco anos continuei chorando muito. Estudei em outra escola perto de casa chamada Compacto. Não tinha problema com a socialização, porque me lembro bem de ter alguns colegas nesta época, mas eu não gostava de ir para a escola. Quando me lembro do que eu fazia nesta época vejo o quanto deve ter sido difícil para a minha mãe e para o meu pai. Eu fazia escândalos horríveis para não ficar na escola, minha

professora tinha que me puxar para dentro da sala enquanto meu pai corria para ir embora. E esta situação durou quase até o final do ano.

No ano seguinte, 1994, fui estudar em uma escola grande, maior que todas que já havia estudado e longe de casa. Fiz o Jardim 3 na Escola Paroquial Santo Antônio, que fica na Asa Sul. Estava muito animada para o meu primeiro dia de aula em uma nova escola, mas quando o dia chegou achei aquele lugar muito estranho, muito grande, só tinha pessoas que eu não conhecia. Por isso a animação não durou muito, agarrei na mão da minha mãe e chorei quando ela me levou na sala. Olhava para os colegas ao lado e ninguém estava chorando, estavam todos olhando para mim, mas eu não me importava, achava que se chorasse muito minha mãe me levaria de volta. Como ficava muito complicado para minha mãe deixar eu e minha irmã na escola todos os dias, pois ela trabalhava no Guará, começamos a ir para a escola de transporte escolar.

Até me acostumar com a rotina da escola, todo dia era a mesma coisa, um chororô para sair de casa, e agora éramos eu e minha irmã chorando. Minha professora era uma senhora muito simpática e atenciosa, chamava-se Tia Fernanda. Além da professora nos ensinar as famílias das consoantes e as vogais, minha mãe me ajudava muito em casa até que consegui escrever as minhas primeiras palavras corretas: Ana Clara. Orgulhei-me muito, mostrei minha nova façanha ao meu pai, meus avós e tias.

O ano foi passando e eu estava preparada para ir para a 1ª série, agora teria meus próprios livros e cadernos. Cursei a 1ª série em um colégio no Guará chamado São Francisco. Estudava com a minha prima, na mesma sala. Nesta época continuei não gostando de ir à escola, não chorava mais todos os dias, somente às vezes. Lembro-me que gostava muito do recreio, de brincar no parque com minha prima. Como não gostava de ficar na escola, muitas vezes quando terminava o recreio levava minha agenda na coordenadora e pedia para ela ligar para minha mãe ir me buscar, alegando que estava passando mal. Recordo-me que não sentia nada, só queria ir para casa. Minha mãe foi me buscar nas primeiras vezes, mas quando ela e a coordenadora perceberam o que estava acontecendo começaram a me pedir para esperar que ela já viria e isso só acontecia na hora da saída. Mesmo assim eu não desisti continuei indo lá, muitas vezes, pedir para ir embora. Acredito que coordenadora deveria ter conversado comigo para saber o motivo de nunca querer ficar na aula, saber se estava acontecendo alguma coisa e, também, deveria ter sido

sincera, dizendo que minha mãe só iria me buscar no final da aula. Isso seria necessário para que soubesse lidar com situações em que era contrariada.

No ano seguinte, 1996, fui estudar na Escola Classe 308 Sul, onde estudei até a 4ª série, 1998. Considero que fiz minha primeira parte do Ensino Fundamental, antiga 1ª a 4ª série, muito bem feita. Apesar de ter feito em colégio público foi muito bom, adorava minhas professoras, meus colegas, ir todas as quintas-feiras para a Escola Parque 308 Sul, tudo era o máximo. Naquela época o ensino público aqui em Brasília ainda era valorizado e considerado um ensino de qualidade. Muitos colegas da minha sala moravam muito longe da escola e iam de ônibus sozinhos, porque seus pais não tinham muito dinheiro. E tinham outros que moravam na Asa Sul e seus pais iam buscá-los todos os dias na porta da escola. Eu ia para a escola e voltava para casa de transporte escolar, não gostava muito porque demorava até 1h para chegar em casa. Tenho umas lembranças engraçadas, lembro-me que às vezes sentia sede no transporte, quando estava voltando para casa, enquanto passava pelos prédios da Asa Sul e ficava pensando: 'Se eu morasse aqui estaria bebendo água agora, já teria almoçado'. É incrível como tudo para a criança é tão sofrido e doloroso, agora me divirto lembrando estas situações.

Em 2002, quando estava na 8ª série, do colégio Projeção, a matéria Ciências era dividida em física e química, para nos preparar para o Ensino Médio. O professor dessa matéria era horrível, eu não gostava da aula dele de jeito nenhum e muito menos da matéria que não entendia nada. Ele fazia questão de nos humilhar, dizer que a gente não tinha ideia do que ainda estava por vir, que se a gente estava achando aquilo difícil iríamos reprovar, porque ele não era bonzinho. Ele ria dos nossos erros, fazia perguntas em voz alta e humilhava quem respondia errado. Ficava muito nervosa nas aulas dele, até porque era muito tímida, só queria passar despercebida. Na primeira avaliação de física que era sobre MU (Movimento Uniforme) e MUV (Movimento Uniformemente Variado) eu tirei 0,3 em uma prova que valia 6,0 pontos. Nunca tirava notas baixas, era muito estudiosa. Fiquei arrasada e tive que mostrar a prova para a minha mãe assinar, pois ele exigia que tivesse assinatura dos pais. No dia seguinte na escola, quando fui mostrar minha prova assinada na mesa dele, ele me perguntou: "Você não ficou com vergonha de mostrar uma nota dessas pra sua mãe?" e começou a rir e a turma inteira riu também, mas estava claro que o problema não era comigo e sim com ele, pois quase todos os alunos da sala tiraram notas muito baixas. Parecia que ele adorava

aquela situação. Lembro-me dele dizer para todos que se continuássemos a tirar notas baixas nós iríamos sim passar na UnB, só que seria somente na porta dentro do ônibus L2 norte.

Em 1999 passei para a 5ª série e fui estudar no Colégio Projeção, que ficava perto da minha casa, no Guará. Novamente, voltei a estudar na mesma sala da minha prima, que já estudava lá há dois anos, por isso já tinha seu grupo de amizade. Foi muito fácil me adaptar à escola, pois fui incluída no grupo de amizades da minha prima. Como fiz a 4ª série em escola pública tive muita dificuldade nas matérias, pois na escola em que estava o ensino era mais avançado e precisava de uma base que eu não tinha adquirido durante a primeira etapa do Ensino Fundamental. Minha maior dificuldade foi em matemática, sempre em exatas, pois eu não conseguia interpretar os problemas para resolver as questões. Resultado? Pela primeira vez na minha vida tirei uma nota baixa na prova. Fiquei desesperada, chorei muito quando cheguei em casa, senti-me inferior e acuada, pois não via nenhuma saída. Vendo a situação minha mãe foi à escola e solicitou que eu participasse de aulas de reforço de matemática, que aconteciam no período da tarde. As aulas me ajudaram muito, pois eu passava a tarde resolvendo muitos problemas com a ajuda de um professor, sempre que eu não entendia ou errava algo ele me explicava. A minha professora de matemática da 5ª série era muito grosseira e não identificava a dificuldade dos alunos, por isso mesmo vendo minhas notas ela nunca me procurou para saber o que estava acontecendo, se eu estava precisando de alguma ajuda. Eu nunca a procuraria, pois morria de medo dela me envergonhar na frente da sala, me lembro que ela falava muito alto.

Estudei no Colégio Projeção até o 1º ano do Ensino Médio (2003). Como passei muitos anos da minha vida nesse colégio conhecia todo mundo, tinha grandes amizades e achava a escola muito acolhedora. Vivi muitas situações naquela escola, com minhas amigas, que convivo até hoje, situações que marcaram minha adolescência. Foi uma época muito boa da minha vida, que recordo com muito carinho. Neste ano comecei a fazer o PAS (Programa de Avaliação Seriada) da UnB, mas não sabia que curso queria, como na primeira etapa do PAS não é preciso escolher o curso, eu fiquei mais tranquila e deixei as coisas fluírem. Não me dediquei para esta prova, não estudei, porque não me interessava passar na UnB, eu ainda não tinha parado para pensar que um dia a escola iria acabar e que eu teria que fazer alguma coisa. O PAS seria uma forma de facilitar meu ingresso na

UnB, que era o sonho da minha mãe, mas eu não percebia isso com a clareza de hoje.

Todos os dias chegava em casa e reclamava para a minha mãe, contava o que ele falava em sala e ela ficava assustada e revoltada. No dia da reunião de pais, que aconteceu em um sábado, minha mãe foi conversar com ele e falou assim: “Ahh!! Você que é o bicho papão!” e conversou com ele sobre a minha situação e as atitudes que ele tinha, mas ele alegou que só fazia isso brincando e que não prejudicava ninguém e só eu que me sentia assim. Na segunda-feira, assim que começou a aula ele perguntou em voz alta quem era Ana Clara, quando ouvi meu nome meu coração acelerou e veio parar quase na boca, levantei meu braço e me identifiquei. Na mesma hora ele disse: “Ahh!! Você foi dizer para a sua mãe que eu sou um bicho papão? Porque foi isso que ela me disse na reunião.” Eu não conseguia nem responder, todas as pessoas rindo ao meu redor, não consegui nem raciocinar. Nem me lembro o que respondi a ele, mas quando tive oportunidade fui ao banheiro e chorei de vergonha e de raiva do que minha mãe tinha feito comigo. Mais tarde, quando cheguei em casa fui contar para ela a humilhação que tinha me feito passar na frente daquele professor e na frente de toda a turma. Somente depois de conversarmos muito entendi que ela não estava errada e que ele não poderia ter feito aquilo, contar para a turma toda o que eles tinham conversado na reunião. Ela disse que iria a escola conversar com a coordenadora, pois aquela atitude não era correta para um professor. Eu preferia que ela não fosse para evitar novas gracinhas dele. Mesmo assim ela foi à escola novamente, mas não resolveu muito, pois ele continuou com as mesmas gracinhas, as mesmas humilhações, ou seja, a mesma atitude em relação à turma, só que com um agravante, ele havia me marcado, então tudo que acontecida, tudo que tinha que ser feito, lido, qualquer coisa, ele chamava a Ana. A atitude que tomei foi estudar muito para a matéria dele, até tirar a nota máxima na prova, acreditava que dessa forma seria mais fácil aturar aquele homem.

Em 2004, no 2º ano do Ensino Médio, mudei novamente de escola e fui estudar no Centro Educacional Católica de Brasília, que fica em Taguatinga Sul. Sai do Projeção porque, segundo a minha mãe, o ensino de lá estava ficando muito fraco e eu teria que estudar em um colégio melhor para conseguir passar na UnB. Voltei a estudar com a minha prima, ela já estava na Católica há dois anos e, de novo, já tinha um grupo de amizade, por isso foi mais fácil minha adaptação à

escola. Senti muita dificuldade no primeiro bimestre, pois não estava acostumada com um ritmo tão acelerado de conteúdos e de provas. Resultado? Fiquei de recuperação bimestral em seis matérias, foi a primeira vez que tirei zero em uma prova, desenho geométrico, que nunca tinha visto antes. Fiquei muito chateada, pois sempre fui estudiosa, mas não sabia como estudar para dar conta de tanta coisa. Minha mãe conversou muito comigo e disse que a única forma de reverter àquela situação era estudando muito, e foi o que eu fiz. Dediquei-me mais aos estudos, prestava atenção nas aulas, fazia as tarefas de casa e estudava para as provas. Consegui obter notas muito boas e não precisei fazer recuperação. No final daquele ano fiz a segunda etapa do PAS e novamente não me esforcei para realizar uma boa prova, não tinha interesse nenhum e nem sabia qual curso queria.

Em 2005 continuei na Católica, onde concluí meu Ensino Médio. O 3º ano foi tranquilo, pois já estava adaptada ao ritmo da escola e aos professores. Continuei estudando para as provas, fazendo as tarefas de casa e prestando atenção nas aulas, por isso consegui passar de ano com boas notas e sem nunca ter ficado de recuperação. Orgulho-me muito de nunca ter feito uma prova de recuperação, por sempre passar de ano sem precisar fazer aquela prova com todos os conteúdos estudados durante o ano inteiro. No final de 2005 fiz a terceira e última etapa do PAS, optei pelo curso de Pedagogia, pois a nota de corte era baixa. Percebi que tinha jogado minha chance fora, pois não tinha estudado para nenhuma das provas e minhas notas nas etapas anteriores eram péssimas. Nesse momento caí na real e vi quanto tempo e chances perdidas, já que o Ensino Médio já tinha acabado. O que seria de mim nos próximos anos? Minha mãe me disse que eu teria que passar na UnB de qualquer jeito, pois eu tinha potencial só bastava força de vontade e que ela não tinha condições de pagar uma faculdade particular para mim. Como eu já esperava não passei no PAS, pois minhas notas foram muito baixas. Percebi o quanto minha mãe acreditou em mim e o quanto havia investido em meus estudos e provas do PAS para eu não ter levado a sério.

Em janeiro de 2006 fiz o vestibular da UnB para Pedagogia, mas infelizmente não passei como já esperava, por não ter estudado. Minha mãe decidiu pagar um cursinho Pré-Vestibular para mim, pois seu maior sonho era que passasse na UnB e eu estava disposta a estudar e me dedicar. Durante meu cursinho meu pai adoeceu, emagreceu muito e não sabíamos ao certo qual era o motivo. Ele fez alguns exames que acusaram uma gastrite, ele foi medicado, mas continuava emagrecendo muito.

Não me preocupei muito porque meu pai tinha uma saúde de ferro, nunca adoecia, estava sempre de bem com a vida e tinha uma disposição danada. Em maio de 2006 meu pai estava muito fraco e muito magro, passando muito mal, por isso minha mãe decidiu levá-lo ao hospital. Ele não tinha plano de saúde, nunca se preocupou com isso, porque nunca precisava. Foi levado ao HRAN (Hospital Regional da Asa Norte) e medicado. Voltou para casa com muitos pedidos de exames, mas sem saber ao certo o que tinha. Ele começou a ter um desarranjo intestinal que não parava nunca, por isso foi ficando fraco e desidratado.

No dia 09 de maio de 2006, meu pai foi internado no HRAN com suspeita de ter alguma bactéria no organismo. Até então os médicos não sabiam o que era ao certo e estavam esperando sair o resultado dos exames que ele havia feito. Alguns dias após sua internação os resultados dos exames saíram e comprovaram que ele tinha duas bactérias em seu organismo, que poderiam ter sido causadas por água contaminada com a urina de algum animal. Meu pai tinha uma fazenda no Município de Padre Bernardo (Goiás) e ia para lá todos os fins de semana. Acreditamos que ele tenha consumido esta água contaminada em sua fazenda. Infelizmente, as bactérias já estavam em um estágio muito avançado, porque demoramos demais para descobrir. Ele estava emagrecendo a mais ou menos um ano, mas os exames que fazia sempre acusavam algum problema no estômago, por isso nunca desconfiamos.

No hospital ele ficou em um quarto com mais três pacientes, o hospital era horrível, o cheiro era péssimo e ver meu pai naquelas condições me cortava o coração. Por conta dessa situação quase não estudei para o vestibular da UnB. Estava fazendo o cursinho, mas minha cabeça estava em outro lugar, eu não parava de pensar no meu pai. Toda tarde ia ao hospital ficar com ele e quando saía de lá chorava muito. Foi muito sofrido, considero ter sido a pior época da minha vida. Tive que sair do curso de Espanhol que fazia há dois anos, porque o curso era à tarde e eu não poderia visitar meu pai se fosse às aulas.

Meu pai estava cada vez pior no hospital, com um desarranjo intestinal incontrolável, por isso estava perdendo muito peso. Não tinha mais forças para andar, além de tomar um remédio muito forte, que causava delírios. Aquele homem deitado naquela cama já não era o meu pai, forte e alegre, com uma risada que contagiava qualquer pessoa a sua volta. No dia 29 de junho de 2006, meu pai faleceu com falência múltipla dos órgãos. Foram apenas 1 mês e 20 dias de

internação, não tive tempo de me despedir do meu pai, pois em nenhum momento achei que ele fosse morrer, estava esperando sua melhora, foi tudo muito rápido.

Quando meu pai morreu o cursinho Pré-Vestibular já tinha terminado e eu já tinha feito o vestibular da UnB para Pedagogia. Tinha certeza que não iria passar, até porque não tinha estudado o quanto deveria. Fiquei muito nervosa na hora da prova, principalmente na hora da redação. Como sabia que não passaria minha tia se prontificou a pagar para mim um curso de Psicologia no CEU, pois minha mãe não tinha condições de bancar, principalmente depois da morte do meu pai que nos ajudava muito financeiramente. Fiz o vestibular do CEUB e passei para o curso de Psicologia. Paguei a matrícula, mas não estava muito empolgada para o curso. Alguns dias depois da morte do meu pai saiu o resultado do vestibular da UnB. Eu tinha passado! Foi incrível, porque não esperava, não tinha estudado, foi um dos dias mais felizes da minha vida. Foi maravilhoso ver minha família tão orgulhosa de mim, foi muito bom proporcionar para eles alguma alegria durante aquele momento difícil que passávamos. Acredito que foi um presente de Deus, pois estava totalmente descrente de tudo após a morte do meu pai. Cancelei minha matrícula no CEUB e entrei no Curso de Pedagogia diurno da Universidade de Brasília.

Entre no curso totalmente desinformada, não sabia o que iria estudar, como era organizado o curso, estava totalmente perdida. Falava para todo mundo que só iria fazer um semestre e depois mudaria para o curso de Psicologia. O semestre foi passando, fui conhecendo alguns assuntos que o curso de Pedagogia aborda e me apaixonei pelo curso. Fiz muitas amizades e sei que serão para a vida inteira, pessoas maravilhosas que sempre estão ao meu lado. Amadureci muito com as situações que passei em minha vida, com as minhas amizades e com o meu curso, por isso hoje percebo que estou no lugar certo, fazendo a coisa certa.

Depois de ter conhecido e estudado diversas áreas de atuação de um pedagogo (Educação à distância, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos), já está bem claro para mim que quero atuar na área escolar, principalmente na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Adoro a rotina escolar, estar com os alunos. Pude perceber tudo isso após fazer sete meses de estágio na Escola Paroquial Santo Antônio, onde estudei quando era mais nova. Estagiei na Educação Infantil e vi o quanto é maravilhoso e gratificante.

Fiquei desiludida com a educação quando estagiei em um colégio particular, para classe alta, e percebi que naquele ambiente não há valorização do professor.

Senti que não pensam e não se preocupam com a educação e com o desenvolvimento integral do aluno e sim com o valor que os alunos (seus pais) pagam por mês. Em uma das reuniões pedagógicas a diretora chegou a dizer que temos que nos preocupar com nossos clientes. Sei que em muitos colégios particulares é essa a preocupação e é essa a realidade, mas acredito que a educação pode e deve ser diferente.

Hoje, após ter vivenciado isso, agradeço a Deus por ter a família que tenho e a educação que tive. Percebi que as crianças não têm referencial nenhum, para eles o que importa é o ter, eles são materialistas e consumistas. Não valorizam e não respeitam os sentimentos e o ser humano que está ao seu lado, tanto professor quanto colega de sala. Acredito que o que mais me deixou impressionada foi a falta de respeito que eles tinham com todos. Com o dinheiro as crianças acham que compram tudo, até o carinho, o amor, afeto que não têm em casa. Justamente devido à educação que recebem em casa que eles são assim, por isso a responsabilidade da escola é muito maior nesses casos, ela precisa ver os alunos como seres humanos que precisam ser respeitados e amados, se sentir queridos e não incentivados a terem essa postura.

A escola onde trabalhei é uma escola antiemocional, racionalista, que não valoriza as emoções, os sentimentos e a subjetividade é a educação do intelecto. A educação com emoção é importante para desenvolver a sensibilidade, não formar pessoas insensíveis, que não valorizam o outro. Formar pessoas sensíveis é muito importante, pois elas se colocam no lugar do outro, se importam e se preocupam com o ser humano, que está ao seu lado.

No início de 2009 fui chamada para trabalhar no Tribunal de Contas da União – Instituto Serzedello Corrêa, atuando como monitora de cursos a distância oferecidos pelo órgão.

Devo a minha educação primeiramente à minha família, pois ela foi fator fundamental na minha vida e em especial à minha mãe que sempre me incentivou e me apoiou. Tudo que tenho hoje devo aos meus familiares, principalmente meus pais. Fui educada em minhas escolas também, aprendi muito em toda a minha trajetória escolar e com todos que fizeram parte dela, professores, colegas de sala, diretores, porteiros, faxineiros, etc. Grande parte das minhas amizades foi feita na escola, fruto do convívio diário e da união a cada ano. Com o contato que tive com

meus professores pude entender e valorizar a profissão. Na UnB amadureci e aprendi a ser responsável.

Todas as etapas da minha vida contribuíram para ser o que sou hoje, tanto as boas quanto as ruins, e principalmente as ruins, porque acredito que é através do sofrimento que aprendemos. Temos tantas coisas boas e não as valorizamos, mas quando algo ruim acontece começamos a refletir e percebemos o real valor que damos a elas e principalmente as pessoas que realmente importam. Por isso, por mais que apareçam problemas ou dificuldades em minha vida eu agradeço a Deus pela nova oportunidade que me foi dada de aprender e repensar meus atos.

Gostaria de compartilhar uma mensagem que adoro e que sempre tento me lembrar quando algo que me desagrada acontece.

Agradece (Livro Vigiai e Orai)

“Agradece os acontecimentos inesperados que te induzem a indispensável esforço de superação.

Agradece a prova que não se originou de tua invigilância.

Agradece os dissabores que te compelem a ser mais indulgente para com as fraquezas alheias.

Agradece a saudade que te ensina a sublimação dos próprios sentimentos.

Agradece a oportunidade de fazer o bem aos semelhantes, na tarefa que, não raro, te canse pela rotina.

Agradece o espinho na carne que te limita os sonhos impossíveis e te disciplina os desejos.

Agradece a crítica que te alerta no que os amigos não se animariam a dizer-te.

Agradece o terreno acidentado que te impede de correr desenfreadamente.”

As experiências e os aprendizados que tive durante cada uma das etapas que percorri serão de suma importância em minha vida profissional, pois sei a professora que quero ser, que devo ser. Destaco um trecho do livro *“Avaliar para Conhecer, Examinar para Excluir”* (ALVARÉZ MÉNDEZ, 2002, p. 88): “Se algo deve distinguir a profissão docente, é o seu estado de abertura permanente para a aprendizagem contínua. A docência não é um estado ao qual se chega, e sim um caminho que é feito”.

Acredito que o grande desafio da educação é ensinar a viver junto, que o aluno aprenda a desenvolver o bom senso, a respeitar o outro. Tendo esses valores ensinados e valorizados pela escola e pela família o aluno acaba internalizando

esses valores, fazendo com que eles façam parte de seu caráter, sua vida. Estou certa de que a educação tem a função de formar um cidadão, alguém que contribua para a sociedade e que se fizer a minha parte como professora estarei dando minha contribuição para que a educação, e conseqüentemente a sociedade, sejam melhores.

Para mudar o todo é necessário que cada pedacinho que o integra seja mudado também. Seguindo essa analogia, para mudar a educação é necessário que cada professor faça sua parte, porque a principal forma de melhorar a educação é mudando a postura de cada professor dentro de sua sala de aula. Não podemos esperar que a mudança simplesmente aconteça, precisamos fazer com que aconteça, pois ela ocorre de dentro para fora e não de fora para dentro.

O trecho da música a seguir retrata muito bem essas ideias:

Pra não dizer que não falei das flores

Geraldo Vandré

*“Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção.*

*Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.*

[...]

*Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição.*

*Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e o avanço tecnológico possibilitaram uma transformação na sociedade, fazendo com que o número de informações e tarefas, que envolvem tecnologias, ocorram em quantidade e velocidade cada vez maiores. Por consequência, os processos educativos começam a fazer parte desta transformação.

Nesse contexto de inovações tecnológicas, surge, devido à propagação da utilização do computador e a expansão da internet, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que oferece suporte ao processo de ensino-aprendizagem.

Nos últimos anos, o Ambiente Virtual de Aprendizagem está cada vez mais recorrente no âmbito educacional, sendo utilizado como suporte para graduações, especializações, cursos de formação e capacitação. No AVA, que utiliza o ciberespaço, a comunicação e a construção de conhecimentos podem acontecer com a flexibilidade de espaço, tempo e ritmo, além de propor ambientes que estimulam a interação e a colaboração entre os sujeitos envolvidos no processo.

Devido a essa interação entre os atores do processo educativo é possível perceber a grande quantidade de cursos realizados em AVAs que têm enfoque na aprendizagem colaborativa, onde conhecimento é construído coletivamente por meio da troca de experiências, pontos de vista e informações. Na aprendizagem colaborativa tanto o aluno como o professor são sujeitos ativos no processo.

O que despertou interesse para a realização deste trabalho acadêmico foi uma experiência prática vivenciada pela pesquisadora durante seu estágio no Tribunal de Contas da União (TCU), onde atuou como monitora de cursos a distância oferecidos pela instituição, cursos esses que têm um enfoque na aprendizagem colaborativa. Diante disso, vários questionamentos surgiram diante do enfoque dado à aprendizagem colaborativa, conforme expresso nos documentos dos cursos, frente à prática de atuação dos sujeitos envolvidos nos cursos.

Esta pesquisa foi realizada no Tribunal de Contas da União com tutores e monitores que atuaram nos cursos “Licitações e Contratos Administrativos” e “Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal” oferecidos pelo órgão nos meses de abril, maio e junho de 2011, justamente para se confirmar ou não as observações,

feitas de forma empírica, de que a interação entre os sujeitos envolvidos nos cursos é relativamente pequena apesar do enfoque dado à aprendizagem colaborativa.

Ao assumir essa vertente de estudo, esse trabalho, cujo tema é “A prática da aprendizagem colaborativa no modelo pedagógico de cursos virtuais de uma instituição pública: O caso do TCU”, abordará os seguintes questionamentos: Ocorre na prática a aprendizagem colaborativa, expressa pelo TCU, no contexto da modalidade educativa a distância? Quais as razões que contribuem ou não para sua prática nos cursos?

Diante destes questionamentos, o objetivo geral deste trabalho acadêmico é analisar a prática da aprendizagem colaborativa no modelo pedagógico de cursos virtuais oferecidos pelo TCU. Para o alcance desse propósito foi necessário perpassar os seguintes objetivos específicos:

- Discutir teoricamente as concepções de aprendizagem colaborativa, estabelecendo relação com cursos oferecidos em ambientes virtuais;
- Identificar a concepção de aprendizagem colaborativa como expresso pelo TCU e no contexto da modalidade educativa a distância;
- Analisar criticamente a concepção de aprendizagem colaborativa do modelo pedagógico do TCU e sua aplicação em cursos na modalidade a distância;
- Identificar as razões que contribuem ou não para a prática da aprendizagem colaborativa;
- Apontar sugestões em relação ao modelo pedagógico do TCU, principalmente, em relação à aprendizagem colaborativa.

Este trabalho acadêmico foi elaborado e estruturado em cinco capítulos, com questões ligadas a ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), a aprendizagem colaborativa, a um breve contexto sobre o Tribunal de Contas da União além de abordar a metodologia utilizada na pesquisa e a análise dos dados coletados.

O Capítulo 1, Ambientes Virtuais de Aprendizagem, apresenta uma reflexão do que são ambientes virtuais de aprendizagem para alguns autores. Neste capítulo também é abordado o perfil do tutor e do monitor, bem como a educação corporativa nesses ambientes.

O Capítulo 2, Aprendizagem Colaborativa, apresenta uma reflexão do que é aprendizagem colaborativa para alguns autores. Também tece comentários sobre a

influência das teorias de aprendizagem na concepção de aprendizagem colaborativa e ainda aborda como ela ocorre e como é importante nos AVAs.

O Capítulo 3, O Tribunal de Contas da União, traz uma contextualização do TCU, local utilizado para a pesquisa. Neste capítulo também é abordado como são elaborados e desenvolvidos os cursos a distância na unidade. Conclui-se o capítulo apresentando o “Programa Capacitação de Servidores Públicos” que contempla os cursos “Licitações e Contratos Administrativos” e “Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal” que foram pesquisados.

O Capítulo 4 aborda a metodologia e os instrumentos de pesquisa utilizados para a realização deste trabalho.

O capítulo 5 é o registro e a análise dos dados coletados por meio das entrevistas realizadas com tutores e monitores que atuaram nos cursos “Licitações e Contratos Administrativos” e “Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal”.

Por fim, apresentam-se as considerações finais deste trabalho que pretende contribuir para identificar se ocorre de fato nos cursos a aprendizagem colaborativa e quais as razões que contribuem ou não para que ela ocorra.

CAPÍTULO 1: AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

1.1 – Contextualização e Conceituação

O desenvolvimento e o avanço tecnológico possibilitaram uma transformação na sociedade e por consequência na educação. Além disso, o número de informações e tarefas que envolvem tecnologias, trazidas pelo mundo globalizado em quantidade e velocidade cada vez maiores, faz com que o processo de ensino-aprendizagem comece a fazer parte desta transformação.

Devido às novas tecnologias digitais de informação que possibilitaram a propagação da utilização do computador e a expansão da internet, foram utilizados instrumentos para auxiliar na criação de cursos utilizando essas tecnologias, tais como os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs).

Para entendermos em que consistem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) é necessário apresentarmos a definição de Pereira et al. (2007, p. 4):

Em termos conceituais, os AVAs consistem em mídias que utilizam o ciberespaço para veicular conteúdos e permitir interação entre os atores do processo educativo. Porém, a qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aprendiz, da proposta pedagógica, dos materiais veiculados, da estrutura e qualidade de professores, tutores, monitores e equipe técnica, assim como das ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no ambiente.

Já Valentini e Soares (2005, p. 15) entendem que o AVA seja

[...] um espaço social, constituindo-se de interações cognitivo-sociais sobre ou em torno de um objeto de conhecimento: um lugar na Web, “cenários onde as pessoas interagem”, mediadas pela linguagem da hipermídia, cujos fluxos de comunicação entre os interagentes são possibilitados pela interface gráfica.

Segundo as autoras, os AVAs não são apenas apostilas de conteúdos disponibilizadas na Web ou sites com diversos aplicativos e ferramentas, seu foco deve ser dado ao conhecimento alcançado utilizando esses recursos. O AVA está aliado ao desenvolvimento de condições, estratégias e intervenções de aprendizagem num espaço virtual na Web, organizado de tal forma que propicie a construção de conceitos, por meio da interação entre alunos, professores e objeto de conhecimento (VALENTINI; SOARES, 2005). Nascimento et al. (2008, p. 5) diz que os ambientes virtuais são desenvolvidos para auxiliar na interação entre o aluno/usuário e o seu objeto de conhecimento.

Nascimento et al. (2008, p. 5) ainda acrescenta que os ambientes virtuais de aprendizagem devem ser “[...] interativos, colaborativos e reflexivos gerando um comportamento de autonomia, responsabilidade do aluno no processo de construção do conhecimento, respeitando características e necessidades”.

Santos (2003, p. 2) afirma que todo ambiente virtual pode ser considerado um ambiente de aprendizagem se a entendermos “como um processo sócio técnico onde os sujeitos interagem na e pela cultura sendo esta um campo de luta, poder, diferença e significação, espaço para construção de saberes e conhecimento”.

Para entendermos melhor a definição de ambientes virtuais de aprendizagem vejamos como Santos (2003, p. 2) define as palavras ambiente e virtual: “Por ambientes podemos entender tudo aquilo que envolve pessoas, natureza ou coisas, objetos técnicos. Já o virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência”.

Segundo a autora, a interpretação que muitos dão a expressão “virtual” está equivocada, pois a utilizamos para representar algo abstrato, que se opõe ao real, quando na verdade o virtual é algo atual, que existe potencialmente e não em ação, algo que seja possível de se exercer.

Transportando para a realidade educacional é possível dizer que quando há interação entre sujeitos e objetos técnicos edificando uma significação podemos estar virtualizando. Neste sentido, “podemos afirmar que um ambiente virtual é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem potencializando assim, a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem” (SANTOS, 2003, p. 2).

Muitos defendem que foi a popularização da internet que possibilitou a construção dos ambientes virtuais de aprendizagem e que estes se restringem ao ciberespaço, como podemos comprovar vendo o significado de AVA que é fornecido pela enciclopédia on-line Wikipédia:

Ambientes Virtuais de Aprendizagem são softwares que auxiliam na montagem de cursos acessíveis pela Internet. Elaborado para ajudar os professores no gerenciamento de conteúdos para seus alunos e na administração do curso, permite acompanhar constantemente o progresso dos estudantes. Como ferramenta para EAD, são usados para complementar aulas presenciais. Ex: Moodle, SOLAR, TelEduc etc.

Também é possível aferir essa dependência dos ambientes virtuais de aprendizagem da internet nos trechos abaixo:

A popularização da Internet, nos anos 90, permitiu a construção de ambientes virtuais de aprendizagem através dos quais a comunicação entre os participantes pôde acontecer em qualquer lugar, a qualquer hora na modalidade de um para um, um para muitos, muitos para um e muitos para muitos (MORAES, 2004 apud PEREIRA et al., 2007, p. 5)

Assim, a expressão “ambiente virtual de aprendizagem” está relacionada ao desenvolvimento de condições, estratégias e intervenções de aprendizagem num espaço virtual na *Web*, organizado de tal forma que propicie a construção de conceitos, por meio da interação entre alunos, professores e objeto de conhecimento. (VALENTINI; SOARES, 2005, p. 16)

Em contrapartida, Santos (2003, p. 2-3) defende que o ambiente virtual de aprendizagem não depende necessariamente de tecnologias digitais:

[...] então AVA pode não ser necessariamente um ambiente que envolva as novas tecnologias digitais de informação e comunicação? Ouso responder que sim. É possível atualizar e, sobretudo virtualizar saberes e conhecimentos sem necessariamente estarmos utilizando mediações tecnológicas seja presencialmente, seja à distância. Entretanto essas tecnologias digitais podem potencializar e estruturar novas sociabilidades e conseqüentemente novas aprendizagens.

Mesmo posicionamento nesse estudo se sustenta na concepção de Nascimento et al. (2008, p. 5):

O ambiente virtual de aprendizagem é um sistema que intermedeia qualquer atividade educacional realizada pelo aluno/usuário, como por exemplo, o uso de mídias: rádio, TV, livros e internet. O uso destes suportes atende tanto à educação presencial, quanto à educação a distância, promovendo a interatividade necessária ao processo de aprendizagem através das mídias.

Diante disso, é possível verificar que atualmente o conceito de “Virtual”, dentro do contexto de ambientes virtuais de aprendizagem, ainda diverge entre os autores. A grande maioria pesquisada acredita que os AVAs são oriundos e dependem da internet. É importante destacar também, que mesmo os autores que não acreditam que o AVA tenha se originado devido à popularização da internet, não ignoram as potencialidades trazidas pelas novas tecnologias digitais para a aprendizagem.

Os ambientes virtuais de aprendizagem podem ser complementares ao ensino presencial e podem ser também inteiramente a distância.

Frente a essa discussão sobre AVA a educação a distância (EaD) pode ser entendida como um processo de ensino-aprendizagem no qual professores e alunos não estão fisicamente presentes num mesmo local, mas podem se comunicar por meio das tecnologias (MORAN, 2002). Ao passar dos anos, a EaD

utilizou diversas tecnologias: correspondência, rádio, televisão. Elas variavam de acordo com os recursos disponíveis em cada época.

Hoje o uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) nos AVAs é considerado a maneira mais interativa de se aprender a distância, haja vista que estas tecnologias tendem a dinamizar e facilitar o processo de aprendizagem. É nesse contexto de AVA, como facilitador, colaborador e promotor de cursos a distância, que esta pesquisa está inserida.

As mudanças causadas pelo desenvolvimento e o avanço tecnológico, tanto na educação quanto na sociedade, estão diretamente relacionadas ao processo de digitalização. Digitalizada a informação adquire grandes proporções, consegue alcançar diversas pessoas e localidades ao mesmo tempo, ou seja, se reproduz e circula rapidamente.

O AVA, que utiliza o digital, já é uma realidade para muitas pessoas e está cada vez mais recorrente no âmbito acadêmico e corporativo. Nesse contexto, de AVA que utiliza o digital é que surge o ciberespaço, onde normalmente os cursos são realizados. Lévy (1997, p. 17) define o ciberespaço como sendo

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Fontão (2007, p. 4), por sua vez, define:

A partir da noção de léxico, o ciberespaço compõe-se dos termos ciber + espaço, o que significa espaço virtual. Vocabulário de origem inglesa – cyberspace – substantivo masculino, sob a ótica semântica, constitui-se da dimensão ou domínio virtual da realidade, constituído por identidades ou ações puramente informacionais; meio, conceitualmente análogo a um espaço físico, em que seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem. Pode em certos contextos, significar o termo restritivo relacionado à Internet. Quando estamos navegando na AVA, habitamos um ciberespaço e interagimos com a cibercultura.

As NTICs estão favorecendo a interação nos AVAs e o ciberespaço tem se tornado essencial nesse processo e vem, cada vez mais, fazendo parte do real e do cotidiano das pessoas. Ele surge não somente devido à digitalização, mas principalmente por conta da utilização da internet, que permite uma conexão, em proporções mundiais, de diversos computadores ao mesmo tempo, permitindo assim que os envolvidos em um curso se encontrem para construir coletivamente e colaborativamente o conhecimento, potencializando o processo de ensino-

aprendizagem. Nesse contexto ocorre o que Valente (2009, p. 46) define como “estar junto no virtual”:

Por intermédio do *e-mail*, era possível atuar a cada momento no desenvolvimento das atividades dos professores e auxiliá-los na solução de questões que emergiam no processo de implantar o computador em uma atividade específica ou mesmo em questões de ordem administrativas. Era como estar junto dos professores, porém a distância, acompanhando as práticas que realizavam no dia-a-dia e com isso, podendo ajudá-los na implantação da informática nas respectivas disciplinas.

O espaço virtual permite que haja a comunicação síncrona, onde duas ou mais pessoas podem conversar em tempo real, por exemplo, por meio de *chats on-line*, e a assíncrona onde a comunicação não é simultânea, ou seja, se indivíduo postar um questionamento no ambiente do curso, não necessariamente a outra pessoa verá naquele exato momento, mas é possível que veja e responda depois sem nenhum prejuízo ao processo. Os fóruns de discussão são um bom exemplo de comunicação assíncrona. Estes dois tipos de comunicação tendem a tornar o ambiente de aula virtual mais dinâmico e produtivo, já que os usuários não precisam aguardar um *chat* para tirar suas dúvidas com o professor ou para dar início a discussões com os colegas.

Os AVAs utilizando o ciberespaço são vistos, na maioria das vezes, como uma solução para os problemas brasileiros de acesso à educação, já que possibilita que o conhecimento chegue até às populações que vivem em localidades mais afastadas das grandes capitais. Esse raciocínio equivocado pode acarretar prejuízos aos AVAs, depositando neles grande responsabilidade e gerando muitas expectativas que, não sendo superadas, podem causar uma má reputação para estes. Por isso, não podemos generalizar pensando que através dos AVAs conseguiremos superar todas as dificuldades sociais de acesso à educação em nosso país, pois seria inviável. Contudo eles podem contribuir substancialmente para a melhoria dos problemas educacionais.

Segundo Okada (2004 apud NASCIMENTO et al., 2008, p. 6), os AVAs podem ser divididos em três tipos de ambientes: instrucional, interativo e cooperativo. O ambiente instrucional tem foco no conteúdo e no suporte tutorial feito por professores que não, necessariamente, são os autores do material. A interação é mínima e a participação on-line do estudante é praticamente individual. Os autores acreditam que este ambiente é o mais comum e representa o tradicional, onde as informações são transmitidas como na aula expositiva presencial.

No ambiente interativo a participação é essencial, submetendo os participantes a reflexões e discussões. Os materiais e atividades são criados ao longo do curso a partir das ideias e reflexões discutidas pelos participantes, por isso o papel do professor é mais intenso. Nesse ambiente há um incentivo à liberdade e à responsabilidade, pois cada uma pode escolher o material desejado e fazer suas interpretações. O ambiente cooperativo é caracterizado pelo trabalho colaborativo e participação on-line. Há interação entre os participantes, construção de pesquisas, descobertas de novos desafios e soluções. (OKADA, 2004 apud NASCIMENTO et al., 2008, p. 6).

Segundo Behrens (2000, p. 99), é importante destacarmos que o sucesso de um curso realizado em AVAs não depende somente do recurso utilizado, pois este sozinho não garante a inovação. Depende principalmente de um projeto bem elaborado, que seja apropriado à realidade em que está inserido, escolhendo a tecnologia mais adequada a ser utilizada, e da motivação e interação dos sujeitos envolvidos. Ou seja, em um curso a utilização de um computador como recurso não garante que tenha bons resultados, é preciso encará-lo como um recurso auxiliar no processo de aprendizagem.

O processo de escolha da tecnologia adequada a ser utilizada em um AVA é essencial. É necessário conhecer a realidade do público alvo de um curso antes mesmo da elaboração do material, caso contrário será ineficaz. Peguemos como exemplo um curso que utilize tecnologias de última geração para um público que vive em um local onde o acesso à Internet seja precário, nesse caso a ação será pouco eficiente.

Nesta monografia o ambiente virtual de aprendizagem será utilizado e compreendido no contexto de espaços virtuais na Web, utilizando o ciberespaço, necessitando das novas tecnologias digitais, tais como o computador e a internet.

1.2 - O Perfil do Tutor e do Monitor no AVA

1.2.1 - O Tutor no AVA

Nas instituições que oferecem cursos em AVA, é possível observar que existem diversas denominações para caracterizar o professor que atua no AVA, tais como tutor, instrutor, orientador, professor, facilitador da aprendizagem, tutor-orientador, tutor-professor e, até mesmo, animador de rede (BARBOSA; REZENDE,

2006, p. 476). As denominações vão se modificando em consonância com a proposta que compreende o programa e a instituição em que este atua. Há instituições em que a pessoa que elabora o conteúdo não é a mesma que o ministra. Nesta pesquisa será utilizada a denominação tutor para indicar esse educador.

Litwin (2001, p. 99) afirma que um bom professor “cria propostas de atividades para a reflexão, apoia sua resolução, sugere fontes de informação alternativas, oferece explicações, facilita os processos de compreensão; isto é, guia, orienta, apoia, e nisso consiste o seu ensino”. Da mesma maneira, o bom tutor deve favorecer e incentivar a realização das atividades auxiliando suas resoluções, não apenas fornecendo as resposta, mas apontando novas leituras, diferentes das disponíveis no curso, para que o aluno possa pesquisar e lançando questões para reflexão, promovendo assim uma maior compreensão do conteúdo por parte do aluno.

Nos AVAs não há apenas um emissor, aquele que transmite o conteúdo, os alunos são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. O ensino nos AVAs é diferente do ensino no ambiente presencial, principalmente na organização e no desenvolvimento da ação. Nos AVAs a tecnologia está presente impondo uma nova postura aos sujeitos envolvidos, devido a liberdade possibilitada por esses ambientes exigindo uma responsabilidade maior.

É comum percebermos tutores de cursos realizados em AVAs agindo como reprodutores da educação tradicional presencial, achando que ministrar aulas a distância seja algo trivial. Limitando sua atuação somente respondendo questionamentos de alunos que o procura, não se preocupando em propor novas questões, trazer outras informações sobre o assunto do curso, incentivar a participação dos alunos nos debates e procurar aquele aluno que parece estar tendo dificuldade. Essa limitação na execução do trabalho do tutor pode prejudicar o desempenho dos alunos, prejudicando assim o desenvolvimento do curso.

Para exercer sua função de maneira eficiente é importante que o tutor possua formação especializada no assunto que é objeto do curso, tenha domínio da ferramenta, utilizando-a de forma adequada. Neste ambiente o professor assume o papel de mediador:

A interação aluno-computador necessita da intervenção de um profissional que tenha conhecimento do significado do processo de aprender por intermédio da construção do conhecimento. Esse profissional pode ser o professor, porém ele tem que assumir uma postura diferente daquela de entregar a informação: tem que entender as ideias do aprendiz e saber

atuar no processo de construção de conhecimento. (VALENTE, 2003, p.102)

A interação é um fator importante para quem estuda nos AVAs, pois é a partir dela que o aluno constrói seu conhecimento, amadurece suas ideias e assume um posicionamento ao longo do curso. Nesse contexto, Moore e Kearsley (2007, p.152), identificam três tipos de interação que ocorrem nos AVAs: interação aluno-conteúdo, interação aluno-instrutor e interação aluno-aluno.

A Interação aluno-conteúdo “[...] representa uma característica definidora da educação, que é um processo de aprendizado planejado de determinado conteúdo, auxiliado por um professor”. O segundo é a Interação Aluno- Instrutor, que é considerada “[...] essencial pela maioria dos alunos e como altamente desejável pela maior parte dos educadores”. Por último, a Interação Aluno-Aluno, é simplesmente “[...] a interação dos alunos, de um aluno com outros alunos”. (MOORE; KEARSLEY 2007, p.152)

Assim, é possível verificar que o empenho e eficiência demonstrados pelo tutor podem ser determinantes para motivar os alunos e, com isso, quem sabe diminuir os índices de evasão nos cursos. Dessa forma, é possível perceber a importância e a responsabilidade depositadas no tutor. Seu papel é fundamental para o sucesso dos cursos nos AVAs.

1.2.2 - O Monitor no AVA

O monitor, nos cursos realizados em AVAs, é responsável pelo contato direto com os alunos e professores. Sua função principal é manter a interação entre os sujeitos envolvidos. Atua como mediador e facilitador do processo e é responsável pelo apoio aos alunos de forma a motivá-lo. O monitor acompanha a execução das atividades nos cursos sem domínio das questões de conteúdo ou avaliação, essas são de responsabilidade do tutor.

O monitor auxilia os alunos quanto às dificuldades de acesso ao ambiente virtual, bem como a utilização de seus recursos, além de auxiliá-los por telefone, caso seja necessário, quando eles tiverem alguma dúvida específica em relação ao ambiente ou ao cronograma do curso. Acompanha o cumprimento e a participação dos alunos nas atividades do curso.

Para Fiuza e Martins (2002 apud PAZ, 2003, p. 336)

O monitor é o agente responsável pela integração deste modelo, realizando ações de socialização por meio do estabelecimento de contato entre alunos e professores e estimulando a motivação para a aprendizagem.

De acordo com os autores, o monitor tem a função de auxiliar em questões de acesso tecnológico, incentivando o uso do ambiente virtual e esclarecendo dúvidas referentes a ele.

Para que o monitor possa atender de forma eficaz aos alunos, dando suporte, é indispensável que tenha conhecimento das ferramentas e recursos utilizados no processo, saiba se comunicar com clareza, seja cortez, compreensivo e paciente, pois alguns alunos têm dificuldades para se adaptar a ferramenta, haja vista que os recursos utilizados nos cursos em AVAs são uma novidade para muitos.

O monitor tem um papel primordial para o bom andamento de um curso em um AVA. Ele humaniza o processo e sem sua ajuda, o tutor seria prejudicado tendo que cuidar de tarefas administrativas e tecnológicas, simultaneamente ao seu trabalho específico sobre o conteúdo (DÖDING et al., 2003). O importante é capacitar o profissional de forma que ele possa atender aos alunos com qualidade, utilizando as ferramentas e competências disponíveis.

1.3 – A Educação Corporativa no AVA

Atualmente o AVA exerce um papel fundamental na formação continuada, pois possibilita o acesso da grande maioria dos profissionais que não tem disponibilidade de tempo, devido às diversas atividades e tarefas desempenhadas no dia-a-dia. Para essas pessoas seria muito complicado o deslocamento até uma instituição física, com horários definidos, por isso acabam optando pelo ensino a distância. Para Valente (2003, p. 2) isso ocorre devido

A necessidade de continuar a aprender mesmo depois de formado tem sido atualmente a tônica do mercado produtivo. As pessoas que estão hoje em qualquer tipo de serviço sabem que devem estar se aprimorando constantemente como forma de se manterem atualizadas e de vencerem novos desafios.

A necessidade de qualificação, especialização e atualização dos profissionais tem aumentado o investimento das organizações, sejam elas públicas ou privadas, em programas de formação que pretendem desenvolver em seus colaboradores habilidades, competências e princípios que vão de encontro aos objetivos da

organização. Essa capacitação profissional que traz benefícios tanto para os alunos (profissionais) quanto para as empresas é denominada Educação Corporativa.

Hoje para que um profissional tenha um bom lugar no mercado de trabalho é preciso que seja capacitado e atualizado, pois com a quantidade de informações que são geradas a cada momento e a velocidade com que as novas tecnologias são substituídas por outras mais novas ainda, um profissional que não atualiza seus conhecimentos pode ser considerado antiquado. Nesse contexto é possível perceber que é necessário o aprendizado contínuo dos profissionais, tanto aqueles que procuram emprego, como aqueles já empregados.

As organizações vêm se preocupando e investindo, cada vez mais, na capacitação profissional de seus colaboradores, uma das razões é apontada por Bayma (2004, p. 24):

A preocupação pelo tema está diretamente relacionada com o crescimento da complexidade que as empresas precisam lidar. As exigências atuais do mercado as tornam cada vez mais competitivas, demandando funcionários mais capazes e mais habilidosos, gerencialmente. Passa a ser determinante para as empresas a existência de políticas que assegurem a formação de quadros profissionais competentes.

Para grandes empresas e órgãos públicos é menos vantajoso custear aulas presenciais, pois há gastos com passagens e hospedagem para seus profissionais. Por isso a maioria opta pelos AVAs para a capacitação deles, pois estes além de serem de fácil acesso a seus colaboradores demanda menos tempo e recursos. Porém, cabe ressaltar que a economia em cursos realizados no AVA não pode comprometer sua qualidade. Para utilizarem os AVAs é necessário que as organizações tenham acesso à tecnologia e equipe técnica qualificada.

CAPÍTULO 2 - APRENDIZAGEM COLABORATIVA

2.1 – Teorias de Aprendizagem

A maioria dos autores que discutem o tema aprendizagem colaborativa embasam seus posicionamentos nas teorias de Vygotsky e Piaget. As Teorias da Aprendizagem Cognitiva postuladas por Lev Vygotsky e Jean Piaget surgiram na década de 1950 (PALANGANA, 2001).

Para Vygotsky o aluno só aprende se for submetido a situações de aprendizagem (SIQUEIRA; ALCÂNTARA, 2003, p. 58). Dessa forma, o professor acumula grandes responsabilidades, pois ele deve submeter seus alunos a situações de aprendizagem.

Fundamentada na teoria de Vygotsky, Oliveira (1996, p.56 apud SIQUEIRA; ALCÂNTARA, 2003, p. 59) acrescenta:

Do mesmo modo que o desenvolvimento não é um processo espontâneo de maturação, a aprendizagem não é fruto apenas de uma interação entre o indivíduo e o meio. A relação que se dá na aprendizagem é essencial para a própria definição desse processo, que nunca ocorre no indivíduo isolado.

A autora ainda destaca que a aprendizagem é um processo que compreende o aluno, o educador e a relação entre esses sujeitos, ou seja, ocorre em um contexto coletivo.

De acordo com Palangana (2001, p. 127-129) na concepção vygotskyana a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem simultaneamente. Segundo Vygotsky, podem-se identificar dois níveis de desenvolvimento, o primeiro, chamado “nível de desenvolvimento real”, compreende as informações que o indivíduo tem em seu poder, ou seja, a capacidade de resolver um problema sozinho, sem ajuda. O segundo é o “nível de desenvolvimento potencial”, definido pelos problemas que a crianças consegue resolver com o auxílio de outros. Dessa forma, Vygotsky amplia o conceito de desenvolvimento incluindo a “zona de desenvolvimento proximal” que é a distância entre os níveis real e potencial, compreendendo a informação que o indivíduo ainda não atingiu, mas tem potencialidades para apreender.

Pode-se inferir que o nível de desenvolvimento real compreende a informação que o indivíduo conseguiu formar sozinho. Já a zona de desenvolvimento proximal é determinada pelas informações que os indivíduos ainda não desenvolveram completamente e que têm possibilidade de desenvolverem com a ajuda do outro. Ou

seja, é na zona proximal que está pautada a aprendizagem colaborativa, pois nessa o indivíduo interage com outros.

Nessa teoria, acrescenta Leite et al. (2005, p. 6), “[...] os sujeitos são agentes ativos na construção do conhecimento de maneira que, trabalhando colaborativamente possam trazer suas próprias contribuições”.

Os estudos de Piaget procuraram conhecer como ocorria o processo de desenvolvimento do conhecimento pelo indivíduo. Segundo sua teoria, o conhecimento é constituído na interação do sujeito com o meio físico e social, mas é principalmente a partir da ação do sujeito individual (e não do meio sobre ele) que o conhecimento se estrutura (PALANGANA, 2001, p. 83).

O autor acredita que a aprendizagem ocorra em função do desenvolvimento, dependendo dele para ocorrer. É nesse ponto que sua teoria se opõe à de Vygotsky, que considera que a aprendizagem e o desenvolvimento são interdependentes, um influenciando o outro, dessa forma, quanto mais se aprender, mais se desenvolve.

Contudo, as teorias desses pensadores tiveram grande influencia no desenvolvimento da proposta de aprendizagem colaborativa, pois acreditavam na interação como base de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo (TORRES et al., 2004, p. 137).

2.2 - Conceitos

Os estudos referentes à aprendizagem colaborativa, bem como sua execução por pesquisadores e educadores, podem parecer recentes, mas ocorrem desde o século XVIII (TORRES et al., 2004, p.135).

Segundo os autores, houve bastante produção sobre a aprendizagem cooperativa e colaborativa na década de 1970, mas o assunto só ganhou popularidade entre professores de ensino superior na década de 1990. Como exemplo disso, estudiosos da área como David, Roger Johnson e Karl Smith apropriaram a aprendizagem cooperativa para a sala de aula nas faculdades e escreveram um livro sobre o assunto.

Quando se trata de aprendizagem cooperativa e aprendizagem colaborativa alguns estudiosos acreditam que apesar de terem significados parecidos, esses termos são distintos. Pesquisadores como Nitzke, Carneiro e Geller (1999 apud TORRES et al., 2004, p.131) acreditam que o termo cooperação é mais abrangente

com distinções hierárquicas de ajuda mútua, ao passo que na colaboração existe um objetivo comum entre as pessoas que trabalham em conjunto sem uma hierarquia.

Nesse contexto, Dillembourg e Larocque (1999 apud TORRES et al., 2004, p.132) acreditam que, na colaboração, todos trabalham em conjunto, sem diferenças hierárquicas, em um esforço coordenado, a fim de alcançarem o objetivo ao qual se propuseram. Já na cooperação, a estrutura hierárquica prevalece e cada um dos membros da equipe é responsável por uma parte da tarefa. Ao pesquisar sobre o tema é possível verificar a utilização desses termos como sinônimos. Esta pesquisa se insere no contexto da aprendizagem colaborativa, por isso esse será o termo utilizado.

Segundo Torres et al. (2004, p. 131) a aprendizagem colaborativa pode ser definida como “uma estratégia de ensino que encoraja a participação do estudante no processo de aprendizagem e que faz da aprendizagem um processo ativo e efetivo.”

Para Ribeiro e Júnior (2003 apud ALMEIDA, 2011, p. 41) a aprendizagem colaborativa é compreendida como um conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem para serem utilizados em grupos estruturados; um conjunto de estratégias de desenvolvimento de competências mistas (desenvolvimento pessoal e social), em que os membros do grupo são responsáveis pela sua aprendizagem e pela aprendizagem dos outros integrantes. Nesse contexto, Campos et al. (2003, p. 26) encara a aprendizagem colaborativa como “[...] uma proposta pedagógica na qual estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com o objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto”.

A partir dos posicionamentos dos autores em relação à aprendizagem colaborativa é possível perceber que todos acreditam que o conhecimento será construído e adquirido através do trabalho em equipe. A interação entre os sujeitos envolvidos no processo é a base da aprendizagem colaborativa.

Dessa forma, a proposta de colaboração faz com que a aprendizagem abandone o padrão individual e passe a ser em grupo. A partir desse posicionamento Pallof e Pratt (2002, p. 141 apud LEITE et al., 2005, p. 4) acreditam que quando “os alunos trabalham em conjunto, isto é, colaborativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes”.

Para Torres et al. (2004, p. 140) “o grupo é, pois, antes de qualquer coisa, uma ferramenta, um instrumento a serviço da construção do saber”. Os autores ainda acrescentam que nas atividades a serem realizadas pelo grupo os integrantes deverão se organizar, discutir ideias, interagirem entre si, definirem tarefas e papéis, mas tudo isso dentro de uma proposta elaborada e definida em conjunto. O importante é que os integrantes participem da atividade como um todo, não cada um fazendo sua parte e reunindo tudo ao final.

De acordo com a definição dos autores para os termos colaboração e cooperação, é possível identificar que na maioria das vezes as atividades em grupo, propostas tanto no ensino on-line quanto no presencial, são realizadas cooperativamente, pois há uma divisão das tarefas entre os integrantes e cada um realiza apenas a sua parte, mas o discurso utilizado é de que foi realizado um trabalho em colaboração. Portanto, é possível concluir que nem sempre as atividades em grupo enfocam a aprendizagem colaborativa.

Os professores e alunos não estão habituados a trabalhar de maneira colaborativa. Para modificar essa realidade, o papel do educador é fundamental, pois ele como mediador e facilitador poderá inserir seus alunos no processo colaborativo. Nesse contexto, Behrens (2000, p. 78) afirma que a relação professor-aluno na aprendizagem colaborativa

é de parceiros solidários que enfrentam desafios de problematização do mundo contemporâneo e se apropriam da colaboração, da cooperação e da criatividade, para tornar a aprendizagem colaborativa significativa, crítica e transformadora.

2.3 – Aprendizagem Colaborativa no AVA

Hoje existem diversas possibilidades de agir de maneira colaborativa, além do espaço físico da sala de aula, é possível utilizar também o ciberespaço do AVA. Podemos perceber a grande quantidade de cursos realizados em AVAs que têm enfoque na aprendizagem colaborativa.

A aprendizagem colaborativa não está restrita apenas a recursos tecnológicos para ser implementada, mas a popularização da internet oportuniza a criação de cursos que tenham enfoque na proposta de aprendizagem colaborativa. De acordo com essa ideia, Varella et al. (2002 apud LEITE et al., 2005, p. 4) acredita que “aliada à aprendizagem colaborativa, a tecnologia possa potencializar as situações

em que professores e alunos pesquisem, discutam e construam individualmente e coletivamente seus conhecimentos”.

Para Leite et al. (2005, p. 4) o computador tem potencialidade para ser um recurso muito importante para a educação colaborativa no AVA: “(...) pois além de servir para a organização das mais diversas atividades, pode ser um meio para que os alunos colaborem uns com os outros nas atividades de grupo”.

A utilização da internet nos cursos realizados no AVA pode ser significativa para a aprendizagem colaborativa, pois possibilita a criação de ambientes motivadores, colaborativos, interativos e comunicativos. Esses ambientes favorecem a aprendizagem colaborativa facilitando o encontro dos alunos, já que podem utilizar a comunicação síncrona ou assíncrona.

O professor, que também pode ser denominado tutor em alguns cursos, atua como facilitador e mediador, do processo. Ele precisa participar continuamente, motivando os alunos, visando a aprendizagem colaborativa. Nesse contexto, Leite et al. (2005, p. 8) salienta que

o professor necessita ter clareza dos aspectos que envolvem a aprendizagem colaborativa em ambientes on-line para saber conduzir o processo, fazer com que os alunos possam interagir e realmente cooperar uns com os outros, com o objetivo de produzir conhecimentos, através das diferentes atividades possíveis num curso on-line.

CAPÍTULO 3 - O TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

3.1 – Contexto Histórico

O Tribunal de Contas da União (TCU) é um órgão do Poder Legislativo com sede no Distrito Federal. É composto por nove ministros, tem quadro próprio de pessoal e jurisdição em todo o território nacional.

A sua função primordial é o auxílio ao Congresso Nacional no exercício do controle externo, por meio da

fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e das entidades da administração direta e indireta, quanto à legalidade, à legitimidade e à economicidade e a fiscalização da aplicação das subvenções e da renúncia de receitas. Qualquer pessoa física ou jurídica, pública ou privada, que utilize, arrecade, guarde, gerencie ou administre dinheiros, bens e valores públicos ou pelos quais a União responda, ou que, em nome desta, assumira obrigações de natureza pecuniária tem o dever de prestar contas ao TCU. (PORTAL DO TCU)

Com a intenção de melhorar seus resultados o TCU determinou em seu Plano Estratégico (PET-TCU 2006-2010) a missão, o negócio, a visão e os valores, que norteiam o Órgão:

- **Missão:** assegurar a efetiva e regular gestão dos recursos públicos, em benefício da sociedade;
- **Negócio:** controle externo da administração pública e da gestão dos recursos públicos federais;
- **Visão:** ser instituição de excelência no controle e contribuir para o aperfeiçoamento da administração pública;
- **Valores:** ética, Efetividade, Independência, Justiça e Profissionalismo.

Esse Plano contém vários objetivos estratégicos que estabelecem as ações do órgão para que seja cumprida sua missão.

3.2 – O Instituto Serzedello Corrêa - ISC

Para auxiliar na execução desses objetivos estratégicos o TCU conta com o Instituto Serzedello Corrêa – ISC, que é subordinado à Secretaria-Geral da Presidência (Segepres), previsto na Lei Orgânica do TCU (art. 88 da Lei nº 8.443/92) e instituído pela Resolução-TCU nº 19, de 09/11/1994.

De acordo com o portal do TCU o Instituto possui essa denominação em homenagem a Innocêncio Serzedello Corrêa, que, como Ministro da Fazenda no período de 31/8/1892 a 30/4/1893, foi responsável pela regulamentação e funcionamento do Tribunal de Contas da União, tornando-o autônomo, independente e moralizador dos gastos públicos.

O ISC, local da presente pesquisa, é uma unidade responsável por todas as ações educacionais no âmbito do TCU, ou seja, onde ocorrem e são desenvolvidos os cursos de capacitação oferecidos por esse órgão, sendo estes nas modalidades presencial e a distância, para servidores do TCU e alguns programas destinados a servidores públicos provenientes de outros órgãos públicos.

Na página principal do Instituto, no Portal do TCU, suas funções são descritas como “propor e conduzir políticas e ações de seleção externa de servidores, educação corporativa e gestão do conhecimento organizacional”. Ou seja, ele é responsável pelas ações de seleção e capacitação dos servidores internos e externos. Em seguida, especifica os processos sob sua responsabilidade:

1. Seleção e integração de futuros servidores;
2. Educação Corporativa (Treinamento e Desenvolvimento Profissional);
3. Gestão de Competência (Modelo de Gestão de Pessoas por Competências); e
4. Gestão de Informação e Documentação (Biblioteca, Editora e Gestão Documental). (PORTAL DO TCU)

3.3 – Educação Corporativa e Educação a Distância no Âmbito do TCU

No âmbito do Tribunal de Contas da União, a Educação Corporativa é definida como:

O processo corporativo formado pelo conjunto de práticas de desenvolvimento de pessoas e de aprendizagem organizacional com o objetivo de adquirir, desenvolver e alinhar competências profissionais e organizacionais, permitir o alcance dos objetivos estratégicos, incentivar a colaboração e o compartilhamento de informações e conhecimentos, estimular processos contínuos de inovação e promover o aperfeiçoamento organizacional. (Resolução-TCU nº 212/2008, Art 3º, I)

Para o TCU, a gestão de pessoas é compreendida como o conjunto de práticas gerenciais e institucionais que tem como objetivo o desenvolvimento de competências, a melhoria do desempenho, a motivação e o comprometimento dos servidores com a instituição (MATHIAS, 2010, p. 20).

Para o Tribunal a maneira de melhorar a qualidade no processo de gestão de pessoas é valorizar a educação corporativa e estimular a participação de servidores internos ou externos em cursos de capacitação. Nesse contexto, definiu no artigo segundo, da Resolução TCU nº 212/2008, os princípios que regem as ações relativas à educação corporativa:

- I – parceria do Instituto Serzedello Corrêa com as demais unidades organizacionais do TCU e com outras instituições de educação, nacionais ou estrangeiras;
- II – vinculação das ações de educação aos objetivos e estratégias do Tribunal;
- III – equidade de oportunidades de desenvolvimento profissional;
- IV – incentivo ao autodesenvolvimento e ao desenvolvimento profissional contínuo;
- V – busca de melhoria contínua e inovação de processos educacionais;
- VI – co-responsabilidade de gerentes com o processo de desenvolvimento do servidor e da equipe;
- VII – avaliação de ações de educação com base na aprendizagem ou na mudança de comportamento dos participantes e no impacto produzido por essas ações nos resultados do TCU;
- VIII – estímulo à inovação de processos de trabalho, produtos e serviços; e
- IX – compartilhamento de conhecimentos visando ao aperfeiçoamento profissional e institucional.

O ISC tem procurado estimular a aprendizagem, em suas ações diretas de capacitação, também por meio da educação a distância, utilizando principalmente a internet como ferramenta tecnológica. A adoção dessa estratégia de promoção da aprendizagem foi uma alternativa encontrada para o cumprimento das metas do Instituto. Essa é uma maneira de alcançar um grande número de servidores ao mesmo tempo utilizando menos recursos.

O Instituto trabalha há 16 anos com educação corporativa, porém somente em 1999 começou a utilizar a EaD. Há no ISC um setor responsável pelas ações a distância, chamado Serviço de Educação a Distância (Seduc). Ele é responsável por planejar e executar as ações educacionais a distância. Os cursos nessa modalidade oferecidos pelo Tribunal são tanto para o público interno quanto para o público externo.

A partir de 2006 o TCU começou a utilizar a plataforma virtual de aprendizagem Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), para realizar as ações a distância. Porém, sua efetiva implantação no Ambiente Virtual de Educação Corporativa (AVEC-TCU) ocorreu somente em 2007. O Moodle

é um software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual. O programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem. Esta plataforma é gratuita e atualmente está sendo bastante utilizada por instituições públicas e privadas, além de instituições de ensino superior.

Segundo Carvalho (2009, p. 21) “atualmente, o Órgão continua sem uma proposta fundamentada de EaD e tem oferecido as ações educacionais de modo a cumprir demandas emergenciais”. Se o Tribunal seguisse uma única diretriz no ensino a distância poderia alcançar maiores resultados. Hoje os coordenadores dos cursos estão tentando padronizá-los, para seguirem apenas uma linha, tanto na formatação e formulação dos documentos presentes nos cursos quanto nas atividades, adequando-as a cada curso e seu público.

Visando solucionar a falta de uma proposta fundamentada na EaD, conforme apontou Carvalho (2009), o Seduc criou um curso de formação de tutores, que visa sistematizar e potencializar a atuação dos tutores nos cursos.

A maioria dos servidores que trabalham no TCU, tanto os coordenadores quanto os tutores, não possui formação em áreas relacionadas à educação, tampouco possuem experiência em EaD fora do Tribunal.

Quanto aos materiais dos cursos, muitos são importados de outras instituições que são parceiras do TCU. Atualmente, o material pedagógico de alguns cursos são elaborados por servidores do Tribunal com a orientação dos coordenadores dos cursos. A plataforma Moodle é relativamente nova no Tribunal, por isso com o passar dos anos os cursos vão sendo aperfeiçoados, utilizando como parâmetro os cursos já realizados.

3.4 - Elaboração e Desenvolvimento de Cursos no Ambiente Virtual de Educação Corporativa do TCU

No material disponível no curso “*Formação de Tutores para Cursos a Distância*”, que foi ofertado pelo Seduc em agosto de 2010, com o objetivo de treinar tutores para que tivessem condições de desempenhar atividades de tutoria em eventos educacionais a distância promovidos pelo TCU, foram encontradas informações de como os cursos a distância do TCU são elaborados e desenvolvidos

pelo Seduc. De acordo com esse material o processo de elaboração e desenvolvimento dos cursos é dividido em:

- I. Diagnóstico: identificar lacuna de conhecimento ou competência que tem condições de ser trabalhada em uma ação educacional;
- II. Planejamento: elaboração do projeto pedagógico, compreendido por plano instrucional, materiais didáticos e de apoio;
- III. Execução: quando o curso está em andamento, colocando em prática as ações especificadas no projeto pedagógico elaborado na etapa anterior;
- IV. Avaliação: ocorre ao final do curso, quando os sujeitos envolvidos (tutor e aluno) avaliam os resultados da ação educacional.

Segundo este mesmo material, no TCU não existe uma única metodologia de EaD. São utilizados diferentes métodos e princípios pedagógicos, que são definidos de acordo com o contexto e objetivos da ação educacional.

No TCU, os atores envolvidos nas ações educacionais a distância são:

a) Participante:

Aluno virtual dos cursos ofertados. São servidores do TCU ou servidores de outros órgãos. No material disponibilizado no curso “*Formação de Tutores para Cursos a Distância*” ele, e não o professor, é apontado como o principal responsável pelo processo de aprendizagem.

Segue, abaixo, o que é esperado de um participante que se inscreve nos cursos do TCU:

- Motivação pessoal;
- Autodisciplina;
- Habilidade para gerir o tempo;
- Acesso a computadores e boa conexão a Internet;
- Apoio da família ou da organização empregadora.

Na maioria dos cursos oferecidos pelo Seduc há um “Guia do Participante”, documento onde estão dispostas informações e orientações sobre o funcionamento de cada curso, objetivando um melhor aproveitamento do participante na ação educacional. Atualmente este documento, entre outros, foram padronizados pelo

setor. Para cada curso são modificadas somente as informações que diferem entre um curso e outro, tais como: nome, período de realização, carga horária, atividades e critérios de avaliação.

b) Coordenador:

O coordenador pedagógico é um servidor do ISC, lotado no Seduc, que é responsável pela coordenação dos cursos oferecidos e desenvolvidos pela unidade. No ISC são realizadas diversas ações educacionais, por isso os servidores do setor responsável pela EaD coordenam vários cursos ao mesmo tempo, mesmo não tendo nenhuma formação em áreas relacionadas à educação.

As diretrizes da unidade apontam que são atribuições do coordenador:

- Providenciar a contratação dos facilitadores de aprendizagem (conteudistas e tutores);
- Elaborar com o conteudista do curso a proposta pedagógica para realização dos cursos;
- Avaliar a adequação e a qualidade dos materiais elaborados e revisá-los;
- Disponibilizar, na plataforma do curso, os arquivos e materiais do curso;
- Orientar o trabalho dos tutores e monitores;
- Acompanhar a execução do curso, inclusive os trabalhos realizados pela tutoria e monitoria;
- Avaliar o evento em conjunto com outros atores e propor melhorias.

c) Conteudista

É o responsável por elaborar o material pedagógico dos cursos. No TCU o conteudista não é necessariamente o tutor do curso, algumas vezes ele nem mesmo acompanha a ação educacional. Pode ser um servidor do órgão, proveniente de uma instituição parceira ou de uma empresa terceirizada.

Para a unidade suas atribuições são:

- Elaborar, com o coordenador, o planejamento instrucional;
- Elaborar textos, slides e conteúdos necessários para o alcance dos objetivos instrucionais;

- Elaborar avaliações de aprendizagem e atividades práticas;
- Cumprir cláusulas e condições estabelecidas em contrato com o ISC.

d) Tutor:

É o professor dos cursos oferecidos pelo TCU. Responsável por orientar os participantes nas atividades e dúvidas referentes ao conteúdo durante o período de realização do curso. É possível encontrar cursos em que o tutor também é o conteudista, mas estes são minoria.

Os tutores são servidores do TCU que demonstram interesse e domínio sobre o conteúdo do curso. A maioria dos servidores que se interessam em ser tutores não possui experiência com cursos a distância e muito menos com o AVEC-TCU. Por isso, para prepará-los foi elaborado e executado o curso de “*Formação de Tutores para Cursos a Distância*”. Trinta e oito servidores realizaram este curso em agosto de 2010 e hoje atuam como tutores nos cursos a distância oferecidos pelo ISC. Até o término desta pesquisa este curso teve apenas esta oferta.

Segundo informações retiradas do curso de formação de tutores, as atribuições do tutor são:

- Coordenar o desenvolvimento do fórum, de forma a estimular a participação, a reflexão e o compartilhamento de conhecimentos e experiências;
- Orientar e incentivar os participantes quanto à realização das atividades previstas;
- Responder dúvidas e questionamentos dos participantes quanto ao conteúdo;
- Realizar avaliações de aprendizagem, conforme previsto no planejamento instrucional do evento;
- Incentivar o trabalho colaborativo entre os participantes;
- Emitir *feedback* das atividades avaliadas para os participantes.

e) Monitor

Os monitores dos cursos são estagiários estudantes do curso de pedagogia. Atualmente o Seduc conta com oito monitores.

De acordo com as diretrizes da unidade o monitor atua como motivador da turma, orientando os alunos quanto ao uso de recursos do ambiente virtual, além de

elaborar cronograma de atividades e acompanhar o desenvolvimento dos cursos. Na maioria das vezes os monitores não atuam em parceria com os coordenadores na elaboração do projeto pedagógico dos cursos. Só são comunicados que irão trabalhar em determinado curso quando este já está estruturado.

Atualmente para atuarem como monitores dos cursos os estagiários passam por uma capacitação. Essa capacitação foi sendo aperfeiçoada a cada nova contratação. As primeiras monitoras a serem contratadas só receberam orientações orais no momento em que estavam atuando nos cursos. Já os estagiários que foram contratados no início de 2011 realizaram um curso no AVEC-TCU com duração de uma semana, chamado “Oficina de Monitoria em EaD”, para orientá-los quanto ao trabalho que iriam executar.

Conforme o “Guia do Participante”, presente nos cursos, as atribuições do monitor são:

- Conduzir a etapa de ambientação dos cursos;
- Orientar os alunos sobre o acesso e uso dos recursos do ambiente virtual de aprendizagem;
- Acompanhar a participação dos alunos nas atividades do curso.

3.5 - Programa Capacitação de Servidores Públicos

O TCU realiza desde 2009 o Programa Capacitação de Servidores Públicos (PCSP) oferecendo cursos de capacitação a distância para servidores públicos de todo o país. Para esta pesquisa foram utilizados cursos desse programa.

Segundo a fala do Presidente do TCU, ministro Benjamin Zymler, o objetivo desse programa é “disseminar boas práticas de gestão na administração pública”. Ou seja, disseminar normativos legais e boas práticas administrativas que devem ser observados por todos os servidores em suas atribuições e, assim, contribuir para a correta e regular aplicação dos recursos públicos (PORTAL DO TCU).

Objetivos do PCSP retirados do Projeto de ofertas dos cursos para o ano de 2010:

- desenvolver conhecimentos que favoreçam o bom desempenho dos gestores públicos;

- divulgar a forma de atuação do TCU na fiscalização dos recursos públicos em benefício da sociedade;
- fornecer informações sobre o controle de recursos públicos e melhorar a comunicação entre os órgãos de controle, os gestores públicos e a sociedade;
- orientar a participação ativa de representantes da sociedade na fiscalização da aplicação dos recursos públicos.

De acordo com os organizadores desse programa, essas ações educacionais contribuem para o aprimoramento da administração pública, atuando de forma preventiva.

Começaram a pensar no programa após o TCU verificar, por meio de auditorias, diversas irregularidades em órgãos públicos. Constatou-se que, em vários casos, estas ocorriam devido ao desconhecimento, por parte dos servidores e gestores públicos, das leis.

O programa teve início em 2009 e tinha como objetivo capacitar 14 mil servidores públicos nos cursos introdutórios de Licitações e Contratos Administrativos (LCA), Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e Prestação de Contas de Convênios (PCC). Porém, naquele ano nem todas as capacitações eram realizadas a distância, houve também turmas presenciais. Para alcançar a meta, o ISC, responsável pelo programa, realizou parcerias com duas outras instituições que realizavam capacitação de servidores públicos. Essas parcerias foram de grande importância para o cumprimento da meta proposta para aquele ano.

Em 2010 o PCSP continuou com os mesmos cursos, sendo ofertados somente na modalidade a distância, no AVEC-TCU. Para conseguir cumprir e a meta para aquele ano, capacitar 20.000 gestores e servidores públicos, sem a necessidade do auxílio de parcerias, o Seduc aumentou sua equipe. Em novembro de 2010 foi incluído um quarto curso no programa, o de Planejamento e Orçamento Público (POP).

Em 2011 o programa conta com quatro cursos para a capacitação de servidores públicos: LCA, LRF, PCC e POP, com o objetivo central de diminuir os erros cometidos por servidores públicos, que muitas vezes recebem punições do TCU por terem cometido infrações por desconhecimento dessas leis. Para este ano

não houve a fixação de meta institucional quantitativa, no que se refere aos números de vagas a serem fornecidas. É importante destacar que mesmo não havendo a fixação de metas quantitativas, ainda assim, é oportuno que o ISC mantenha resultados semelhantes ou superiores aos obtidos no ano de 2010.

As inscrições nos cursos são gratuitas e realizadas através do portal do TCU. Os servidores e gestores públicos que tiverem interesse podem fazer suas inscrições sem nenhum pré-requisito, só precisam pertencer ao público alvo. Segundo documento presente na ferramenta para inscrição no PCSP no portal do TCU, o público alvo desses cursos são servidores e gestores públicos, civis e militares, efetivos e comissionados dos Três Poderes da União: Legislativo, Executivo e Judiciário e das Três Esferas de Poder: Federal, Estadual e Municipal.

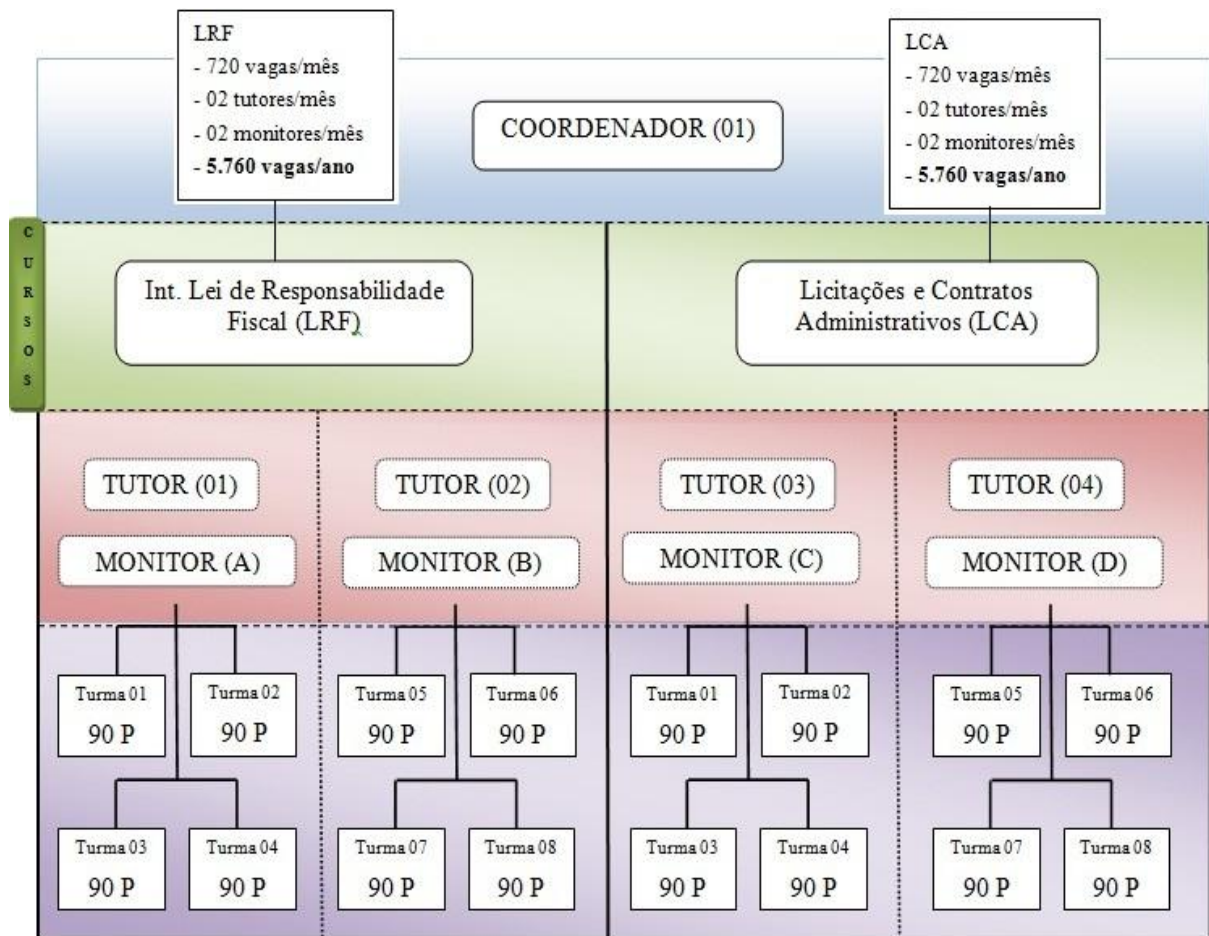
É importante destacar que o interessado pode se inscrever em quantos cursos desejar, ou seja, pode realizar somente um curso ou os quatro de uma só vez. Durante a execução da ação educacional o participante pode solicitar cancelamento de sua matrícula em qualquer um dos cursos ou até mesmo em todos que está matriculado, sem sofrer nenhuma punição, podendo se inscrever novamente nos cursos quando desejar.

Neste trabalho serão analisados os cursos Licitações e Contratos Administrativos (LCA) e Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) no ano de 2011.

3.5.1 – Cursos Licitações e Contratos Administrativos (LCA) e Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)

Os cursos LCA e LRF, para o ano de 2011, contaram por mês com um coordenador, quatro monitores (um monitor para cada quatro turmas) e quatro tutores, cada um responsável por quatro turmas. A figura a seguir, retirada do documento de desdobramento da ação educacional para o ano de 2011, demonstra de forma detalhada a força de trabalho demandada e a distribuição de vagas por mês:

Figura 1 - Organização cursos LCA e LRF 2011



Fonte: Documento Proposta de implementação e desdobramento da ação – Programa Educacional “Capacitação de Servidores e Gestores Públicos” 2011

A tabela 1, a seguir, aponta a quantidade de turmas que realizaram os cursos LCA e LRF nos meses de abril, maio e junho de 2011:

Tabela 1 - Distribuição de turmas por mês

Curso	Abril	Maio	Junho	TOTAL
LCA	08 Turmas	08 Turmas	08 Turmas	24 Turmas
LRF	08 Turmas	08 Turmas	08 Turmas	24 Turmas
TOTAL	16 Turmas	16 Turmas	16 Turmas	48 Turmas

Fonte: Controle de turmas do ISC/TCU

A tabela 2, a seguir, apresenta a quantidade de participantes matriculados nos cursos LCA e LRF nos meses de abril, maio e junho de 2011:

Tabela 2 - Distribuição de alunos por mês

Curso	Abril	Maio	Junho	TOTAL
LCA	724	721	726	2171
LRF	727	729	732	2188
TOTAL	1451	1450	1458	4359

Fonte: Controle de matrículas do ISC/TCU

A disposição dos cursos LCA e LRF no AVEC – TCU é praticamente a mesma. Os cursos iniciam com o campo “Fique de Olho!”, conforme demonstrado na figura a seguir, retirada do curso LCA:

Figura 2 - Campo "Fique de Olho!" dos cursos LCA e LRF

Fonte: Página do curso LCA e LRF maio/2011

Como podemos verificar na figura acima, o campo “Fique de Olho!” é composto por:

- *Quadro de Avisos*: espaço destinado para postagem de avisos da tutoria, monitoria e coordenação, referentes ao curso;
- *Cronograma do Curso*: arquivo com as datas de disponibilização e encerramento das atividades do curso;
- *Meus Deveres como Participante*: arquivo elaborado para auxiliar os participantes na organização de seus estudos. Possui uma programação do que eles devem fazer em cada dia;
- *Guia do Participante*: documento onde estão dispostas informações e orientações sobre o funcionamento do curso, objetivando um melhor

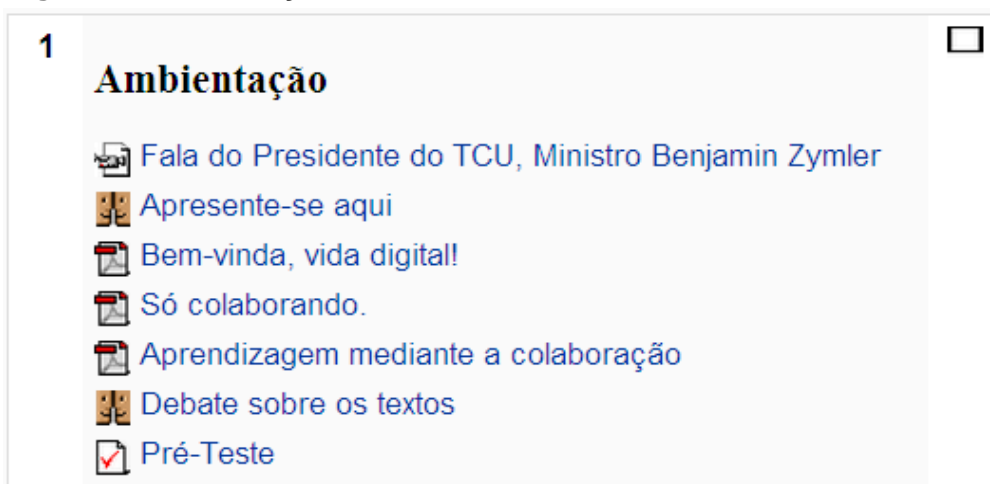
aproveitamento do participante na ação educacional. No Guia constam informações como: carga horária do curso, período de realização, atividades e critérios de avaliação;

- *Guia de utilização do Moodle*: documento com instruções para auxiliar os participantes no manuseio das ferramentas do AVEC-TCU;
- *Cronograma Tutoria*: documento elaborado para auxiliar os tutores em seu trabalho no curso. Informa aos tutores quais atividades eles devem realizar em cada dia.

Nos cursos LCA e LRF ocorrem a “Fase de Ambientação”, nos três primeiros dias do curso. Ela é destinada para os participantes conheçam a estrutura do curso, se familiarizem com as ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem e compreendam como ele será desenvolvido. Nessa etapa os participantes devem se apresentar no fórum “Apresente-se aqui”, ler os documentos presentes no campo “Fique de Olho!”, mostrado acima, e ler textos sobre EaD e aprendizagem colaborativa para debaterem com os colegas e monitor da turma.

Na figura a seguir é possível visualizar como é disposta a “Ambientação” nos cursos LCA e LRF:

Figura 3 - Ambientação



Fonte: Página do curso LCA e LRF maio/2011

Como podemos verificar na figura anterior, a “Ambientação” é composta por:

- *Fala do Presidente do TCU*: vídeo do Presidente do TCU, Ministro Benjamin Zymler, apresentando o PCSP;

- *Apresente-se Aqui*: fórum destinado para que os participantes, tutor e monitor possam se conhecer melhor. Falem de suas experiências com EaD, onde moram e trabalham e suas expectativas em relação ao curso;
- *Bem-vinda, vida digital!*: texto de Luiz Alberto Marinho que fala sobre os avanços tecnológicos e como as tecnologias ocupam grande espaço em nossas vidas;
- *Só colaborando*: texto escrito por Denis Russo Burgierman que mostra como a colaboração de moradores foi primordial para a elaboração de um projeto de construção de um quarteirão em Dallas, no Texas;
- *Aprendizagem mediante a colaboração*: texto desenvolvido pelo Seduc (TCU) apresentando e reforçando a ideia de que somente mediante a colaboração entre todos os envolvidos do processo de ensino e aprendizagem é possível construir o conhecimento e promover o aprendizado colaborativo;
- *Debate sobre os textos*: fórum destinado para que o participante poste seu ponto de vista a respeito das informações trazidas pelos textos e discuta com os colegas e monitor;
- *Pré-Teste*: questionário com 10 questões de múltipla escolha, destinado a identificar, no início do curso, os conhecimentos prévios de cada aluno sobre o conteúdo. Os participantes realizam o Pré-Teste antes do conteúdo ser disponibilizado. Ele não é pontuado e encerrado ao final da ambientação, ou seja, os participantes têm três dias para realizá-lo. É importante destacar que o conteúdo abordado no Pré-Teste modifica de um curso para outro.

Nos cursos LCA e LRF há um fórum chamado “Fale com a Monitoria”, destinado às dúvidas dos participantes quanto à utilização do ambiente virtual, navegação e orientações gerais sobre o curso, tais como cronograma, pontuação e encerramento de atividades. É o monitor do curso que atua nesse fórum, respondendo as dúvidas dos participantes em até 24 horas úteis.

Após a realização do módulo de ambientação, inicia os módulos com os conteúdos propriamente ditos. Nos cursos LCA e LRF há dois módulos de conteúdo que são disponibilizados gradativamente.

3.5.1.1 – Curso Licitações e Contratos Administrativos (LCA)

O curso LCA possui duração de aproximadamente 30 dias, com carga horária de 30 horas e tem como objetivo “abordar noções gerais relativas ao processo de licitações e conceitos relacionados aos contratos administrativos, especialmente aqueles constantes da Lei 8.666/93.” (GUIA DO PARTICIPANTE, 2011, p. 3)

O curso é composto por dois módulos de conteúdo:

- *Módulo Licitações*, que tem como objetivo: apresentar conceitos, princípios e regras básicas sobre “Licitações Públicas” - princípios, modalidades, procedimentos, dispensa, inexigibilidade, anulação e revogação;
- *Módulo Contratos Administrativos*, que tem como objetivo: Apresentar conceitos, princípios e regras básicas sobre “Contratos firmados pela Administração Pública” - definição, características, formalização, cláusulas essenciais, instrumentos, garantias, prazos e vigência, publicação, mutabilidade, execução, inexecução e irregularidades.

Na figura, a seguir, é possível constatar como são distribuídos os módulos de conteúdo e as atividades nesse curso:

Figura 4 - Módulos de conteúdo do curso LCA

<p>3 Licitações</p> <ul style="list-style-type: none">  LICITAÇÕES - Conteúdo  Dúvidas sobre o módulo "Licitações"  "Aprendendo com a Prática" - Módulo Licitações  Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Licitações  Avaliação "Verificação de Aprendizagem" - Módulo Licitações 	<input type="checkbox"/>
<p>4 Contratos Administrativos</p> <ul style="list-style-type: none">  CONTRATOS ADMINISTRATIVOS - Conteúdo  Dúvidas sobre o módulo "Contratos Administrativos"  "Aprendendo com a Prática" - Módulo Contratos Administrativos  Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Módulo Contratos Administrativos  Avaliação "Verificação de Aprendizagem" - Módulo Contratos Administrativos  Pós-Teste  Avalie o Curso e sua Participação 	<input type="checkbox"/>

Fonte: Página do curso LCA maio/2011

Após a ambientação é disponibilizado apenas o conteúdo do módulo “Licitações” e os fóruns “Dúvida sobre o módulo” e “Aprendendo com a Prática”. O fórum de dúvidas sobre o conteúdo está presente nos dois módulos e o tutor é o responsável por responder os questionamentos postados nesses fóruns em até 24 horas úteis. O fórum “Aprendendo com a Prática” também está presente nos dois módulos e é destinado à realização de discussões sobre o tema dos módulos, conforme as orientações traçadas pelo tutor, que é responsável por mediar às discussões nesses fóruns. O fórum “Aprendendo com a Prática” não é avaliado.

As avaliações são disponibilizadas após, aproximadamente, cinco dias da abertura do conteúdo do módulo. No curso LCA há duas avaliações em cada módulo de conteúdo, “Avaliação Fixação de Aprendizagem” e “Avaliação Verificação de Aprendizagem”. A primeira contém 50 questões de múltipla escolha e vale 20 pontos, a segunda contém 10 questões de múltipla escolha e também vale 20 pontos. Essas avaliações foram formatadas no recurso “Questionário” do Moodle, que permite a sua correção automática de acordo com os gabaritos previamente cadastrados, dessa maneira os participantes visualizam a nota após enviar o questionário. São permitidas até três tentativas para cada avaliação e não há limite de tempo para realizá-las. Essas avaliações ficam disponíveis até o último do curso.

A disponibilização do conteúdo e das avaliações no módulo “Contratos Administrativos” ocorre da mesma maneira que no módulo “Licitações”, com intervalo de, aproximadamente, cinco dias entre a liberação do conteúdo e dos fóruns e a liberação das avaliações.

O Pós-Teste e o fórum “Avalie o Curso e sua Participação” são disponibilizados, aproximadamente, cinco dias após a disponibilização das avaliações do módulo “Contratos Administrativos”. O Pós-Teste é destinado para identificar, ao final do curso, a evolução da aprendizagem do participante em relação ao início do curso. O participante terá apenas uma tentativa para realizá-lo. Ele contém 10 questões de múltipla escolha que também são corrigidas automaticamente e vale 20 pontos. O fórum “Avalie o Curso e sua Participação” é destinado para que o participante realize a avaliação do curso e da sua participação. Esse fórum não é pontuado, mas o monitor incentiva todos a responderem. Ele foi criado em busca de um retorno mais imediato para o setor que desenvolve os cursos a distância no TCU.

Ao final da página inicial de cada curso há uma “Biblioteca Virtual”, onde estão textos complementares e os módulos de conteúdo salvos em formato *.pdf*, para os alunos que tiverem interesse possam salvá-los ou imprimi-los. A biblioteca é disponibilizada no início do curso, junto com o conteúdo do primeiro módulo.

Nos últimos dias do curso é disponibilizada a “Avaliação de Satisfação”. Ela é destinada para que o participante avalie o conteúdo, a metodologia e a atuação de tutores e monitores no curso marcando as opções: péssimo, ruim, regular, bom, muito bom e ótimo. Há uma questão em que o participante, caso queira, pode dar alguma sugestão. Essa avaliação é formatada no recurso “Enquete” do Moodle, e não é pontuada. As informações dessa avaliação são encaminhadas para um setor do ISC, que é responsável pelas avaliações de todos os cursos, tanto presenciais quanto a distância, desenvolvidos pela unidade.

3.5.1.2 – Curso Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)

O curso LRF possui duração de aproximadamente 30 dias, com carga horária de 30 horas e tem como objetivo “abordar conceitos gerais relativos às responsabilidades fiscais do gestor, especialmente aqueles estabelecidos na Lei de Responsabilidade Fiscal” (GUIA DO PARTICIPANTE, 2011, p. 3).

É composto por dois módulos de conteúdo que são divididos em quatro unidades:

- *Introdução à LRF – Unidades 1 e 2;*
- *Introdução à LRF – Unidades 3 e 4.*

Após a ambientação é disponibilizado apenas o conteúdo do módulo “Introdução à LRF – Unidades 1 e 2”, a síntese do conteúdo e os fóruns “Dúvida sobre o módulo” e “Aprendendo com a Prática”. Esses fóruns têm a mesma função dos fóruns do curso LCA e não são avaliados.

As avaliações são disponibilizadas após, aproximadamente, cinco dias da abertura do conteúdo do módulo. No curso LRF há duas avaliações em cada módulo de conteúdo, “Avaliação Fixação de Aprendizagem – Unidade 1”, “Avaliação Fixação de Aprendizagem – Unidade 2” e há também avaliações fixação de aprendizagem para as Unidades 3 e 4. Cada uma delas contém 10 questões de múltipla escolha e vale 20 pontos. As avaliações são corrigidas automaticamente assim que são

enviadas pelos participantes. São permitidas até três tentativas para cada avaliação e não há limite de tempo para realizá-las. Essas avaliações ficam disponíveis até o último do curso.

Na figura, a seguir, é possível verificar como são distribuídos os módulos de conteúdo e as atividades nesse curso:

Figura 5 - Módulos de conteúdo do curso LRF

The image shows a screenshot of a course interface with two main sections. The first section is titled '3 Introdução à LRF - Unidades 1 e 2' and contains the following items: 'Unidades 1 e 2 - versão para navegação.', 'Dúvidas sobre as Unidades 1 e 2', '"Aprendendo com a Prática"', 'Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 1', and 'Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 2'. The second section is titled '4 Introdução à LRF - Unidades 3 e 4' and contains: 'Unidade 3 e 4 - versão para navegação.', 'Dúvidas sobre as Unidades 3 e 4', '"Aprendendo com a Prática"', 'Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 3', 'Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 4', 'Síntese', 'Pós-Teste', and 'Avalie o Curso e sua Participação'. Each section has a small square icon in the top right corner.

Fonte: Página do curso LRF maio/2011

A disponibilização do conteúdo e das avaliações do curso LRF ocorre da mesma maneira que no curso LCA, com intervalo de, aproximadamente, cinco dias entre a liberação do conteúdo e dos fóruns e a liberação das avaliações.

No curso também há o Pós-Teste, que contém 10 questões de múltipla escolha valendo 20 pontos, o fórum "Avalie o Curso e sua Participação", com a mesma função do fórum do curso LCA, a "Biblioteca Virtual" e a "Avaliação de Satisfação".

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

4.1 – Pesquisa Qualitativa

A partir da formulação do problema proposto nesta pesquisa, optou-se por seguir a linha de pesquisa qualitativa, por entender que essa responde, de forma mais eficiente, ao problema deste estudo, que se destinou a investigar se na visão dos tutores e monitores do TCU ocorre na prática a aprendizagem colaborativa, nos cursos a distância oferecidos pelo órgão e quais são as razões que contribuem ou não para sua prática nos cursos.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), a pesquisa qualitativa procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em determinado contexto, e acrescenta, ainda, que ao se utilizar o método de pesquisa qualitativa

não se procura observar a influência de uma variável em outra. O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam.

O propósito da pesquisa qualitativa não é fazer uma mera quantificação de opiniões, dados ou sujeitos, mas sim aproveitar o conteúdo das opiniões, possibilitando conhecer e compreender a interpretação dos sujeitos envolvidos na situação pesquisada.

Na pesquisa qualitativa compreendida neste trabalho utilizou-se como método de pesquisa o estudo de caso.

4.2 – Método de Pesquisa

4.2.1 – Estudo de Caso

Ponte (1994, p. 3) caracteriza o estudo de caso da seguinte maneira:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês” evidenciando a sua unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularista, isto é, debruça-se deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

Neste tipo de investigação, o estudo de caso é muito utilizado quando não se consegue controlar os acontecimentos e, portanto, não é de todo possível manipular as causas do comportamento dos participantes (Yin, 1994). Segundo o mesmo

autor, um estudo de caso é uma investigação que se baseia principalmente no trabalho de campo, estudando uma pessoa, um programa ou uma instituição na sua realidade, utilizando para isso, entrevistas, observações, documentos ou questionários.

Ludke e André (1986) afirmam que o interesse do estudo de caso incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente fiquem evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Estes autores acrescentam ainda que devemos escolher este tipo de estudo quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo.

4.3 – Técnica de Pesquisa

4.3.1 – Análise Documental

Para fundamentação desta pesquisa buscou-se referências à aprendizagem colaborativa em fontes documentais presentes nos cursos LCA e LRF. Os documentos analisados foram:

- Guia do Participante dos cursos LCA e LRF;
- Mensagem de introdução dos fóruns de discussão disponíveis no ambiente virtual dos cursos;
- Textos contidos na ambientação dos cursos.

4.3.2 – Entrevista Semiestruturada

Lüdke e André (1986, p. 34) apontam as características da entrevista:

[...] a possibilidade de captação imediata da informação desejada, bem como o clima de influência recíproca que, em geral se estabelece entre quem pergunta e quem responde caracterizam as entrevistas, sobretudo as não totalmente estruturadas ou semiestruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões. [...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

Por ser uma pesquisa com intuito de saber qual é a visão que possuem os atores envolvidos no processo sobre a prática da aprendizagem colaborativa nos cursos a distância ofertados pelo TCU, a entrevista semiestruturada se apresenta como a técnica mais adequada para conseguir responder ao problema de pesquisa. Essa técnica possibilita que o entrevistado se expresse livremente e que o

entrevistador, mesmo baseado em um roteiro previamente formulado, possa acrescentar ou retirar perguntas de acordo com cada situação, tendo uma autonomia maior durante a entrevista.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma amostra de seis tutores e seis monitores que atuaram nos cursos LCA e LRF em 2011. A forma de registro utilizada para as entrevistas foi a gravação direta, que apesar de ser trabalhosa, devido à transcrição literal, ela é vantajosa, pois o entrevistador pode dedicar sua atenção à fala e expressões do entrevistado, além de não correr o risco de perder nenhum trecho de sua fala. As entrevistas foram realizadas individualmente.

O critério de seleção dos tutores e monitores que compõem a amostra deu-se de forma intencional, pois estes foram selecionados por atuarem nos dois cursos que tiveram maior demanda de alunos nos meses de abril, maio e junho de 2011. Na tabela 3, a seguir, podemos verificar de forma detalhada o número de alunos inscritos nos cursos do Programa Capacitação de Servidores Públicos em 2011:

Tabela 3 - Distribuição de alunos por mês

Curso	Abril	Mai	Junho	TOTAL
LCA	724	721	726	2171
LRF	727	729	732	2188
PCC	721	718	716	2155
POP	713	715	721	2149

Fonte: Controle de matrículas do ISC/TCU

Por mais que a diferença do número de alunos matriculados em LCA e LRF seja pequena em relação aos outros, é possível verificar que a procura por estes cursos foi maior durante o período escolhido. Por isso, os cursos LCA e LRF foram escolhidos para esta pesquisa.

O roteiro de entrevista (Apêndice A) foi elaborado com quatorze questões abertas que procuraram auxiliar na obtenção de respostas aos problemas desta pesquisa. O roteiro aborda temas como: grau de formação dos tutores/monitores; tempo de atuação como tutor/monitor; dificuldades enfrentadas nos cursos; a prática da aprendizagem colaborativa nos cursos e o papel deles em seu incentivo. O

roteiro utilizado na entrevista com os tutores foi o mesmo utilizado com os monitores. Todos foram entrevistados em seu local de trabalho, com a entrevista marcada previamente.

Para preservar o anonimato dos participantes da presente pesquisa, os tutores receberam denominação de Tutor 1 a Tutor 6 e os monitores de Monitora 1 a Monitor 6.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo buscará analisar as informações referentes à aprendizagem colaborativa presentes nos documentos dos cursos LCA e LRF e os dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas realizadas com os tutores e monitores, buscando responder aos problemas desta pesquisa, que são:

- Ocorre na prática a aprendizagem colaborativa, expressa pelo TCU, no contexto da modalidade educativa a distância?
- Quais as razões que contribuem ou não para sua prática nos cursos?

Primeiramente a análise às respostas foi realizada de forma separa, tutores e depois monitores, e, em seguida, as partes mais relevantes para esta pesquisa foram analisadas em conjunto.

Para expor e analisar os dados obtidos nas entrevistas, elas foram categorizadas de acordo com o tema principal de cada pergunta, algumas por terem assuntos parecidos foram agrupadas na mesma categoria. Foram definidas 11 categorias – “A” a “K” –, tendo como base a visão dos tutores e monitores em relação a cada tema. Em cada categoria encontra-se a resposta de cada um dos entrevistados, para o referido tema. Quando se mostrou relevante, foram adicionados fragmentos das entrevistas. Os documentos do curso foram citados e analisados à medida que os entrevistados os mencionavam.

As 11 categorias foram intituladas da seguinte forma: a) área de formação e tempo de trabalho no TCU; b) treinamento para Tutor/Monitor; c) dificuldades encontradas nos cursos; d) aprendizagem colaborativa; e) aprendizagem colaborativa desenvolvida nos cursos; f) atividades fundadas na aprendizagem colaborativa; g) razões que contribuem e não contribuem para a aprendizagem colaborativa; h) autonomia Tutor/Monitor; i) contribuição para a aprendizagem colaborativa; j) atuação como Tutor/Monitor; e por fim k) importância do enfoque na aprendizagem colaborativa.

5.1 – Análise das entrevistas com Tutores

a) Área de formação e tempo de trabalho no TCU

- Tutor 1: Formado em Direito e tem especialização na área
Trabalha no TCU há 15 anos e atua como tutor há 1 ano;

- Tutor 2: Formado em Ciências Contábeis e Direito
Trabalha no TCU há 13 anos e atua como tutor há 2 meses;
- Tutor 3: Formado em Contabilidade e tem especialização na área
Trabalha no TCU há 7 anos e atua como tutor há 1 ano;
- Tutor 4: Formado em Engenharia Civil e tem duas especializações
Trabalha no TCU há 1 ano e 6 meses e atua como tutor há 6 meses;
- Tutor 5: Formado em Engenharia Elétrica
Trabalha no TCU há 5 anos e atua como tutor há 8 meses;
- Tutor 6: Formado em Economia
Trabalha no TCU há 5 anos e atua como tutor há 9 meses.

Todos os entrevistados são do sexo masculino e são servidores do quadro do TCU, porém não trabalham diretamente no Serviço de Educação à Distância (Seduc). São lotados em setores que trabalham diariamente com os assuntos abordados nos cursos. Não são obrigados a participarem dos cursos, aqueles que demonstram interesse procuram o Seduc e se candidatam. A tutoria é remunerada.

b) Treinamento para Tutor

Foi perguntado aos tutores se eles realizaram algum curso de formação relacionado à sua atuação nos cursos a distância oferecidos pelo TCU. Cinco dos entrevistados disseram ter realizado cursos de formação para atuarem como tutores.

A maioria dos entrevistados fez o curso “*Formação de Tutores para Cursos a Distância*”, que foi ofertado pelo Seduc em agosto de 2010, com o objetivo de treinar tutores para que tivessem condições de desempenhar atividades de tutoria em eventos educacionais a distância promovidos pelo TCU. Esse curso foi realizado no ambiente virtual de aprendizagem do TCU e foi totalmente a distância. Todos os tutores que realizaram esse curso o avaliaram muito bem e acreditam ter sido suficiente para prepará-los para atuarem nos cursos.

Apenas os Tutores 1 e 3 não realizaram esse curso, pois começaram a atuar como tutores antes dele acontecer. O Tutor 1 realizou o curso “Formação de Tutores” oferecido pela Escola de Administração Fazendária (ESAF) que atuou como parceira do TCU nos cursos a distância no ano de 2009. Esse curso foi semipresencial e o tutor o avalia como “muito bom”, principalmente os encontros

presenciais. O Tutor 1 ainda acrescenta que “(...) tem que ser obrigatório fazer um curso de formação para atuar como tutor”. O Tutor 3 não realizou nenhum curso de formação, mas quando foi atuar pela primeira vez como tutor, recebeu um treinamento individual e presencial da coordenadora que o explicou suas funções no curso e as ferramentas do Moodle. Ele julga esse treinamento “suficiente” para sua atuação como tutor nos cursos.

c) Dificuldades encontradas nos cursos

Para o Tutor 1 e o Tutor 4 a principal dificuldade enfrentada nos cursos do TCU em que foram tutores foi a falta de tempo para conciliar as atribuições dos cursos com as demandas de seu trabalho no TCU.

“Primeira dificuldade que eu acho é tempo, porque você tem 24 horas para responder e tem que conciliar isso com o trabalho e nem sempre isso é fácil, tem hora que aperta. No curso de LCA é bem puxado, leva de 1 a 2 horas por dia para responder as dúvidas.” (Tutor 4)

O Tutor 1 afirmou também que encontra dificuldade no nivelamento dos alunos das turmas, além de serem muitos por turma. Para ele isso dificulta a atuação do tutor. O Tutor 6 também afirmou encontrar dificuldade no elevado número de alunos por turma.

“As turmas são muito grandes, acho até que a proposta do curso é essa mesma pra poder tentar abranger o maior número possível de participantes, mas o que acontece é que você acaba não conseguindo dar uma atenção especial pra cada um dos matriculados no curso, e aí você acaba tendo que fazer suas respostas e as suas participações no atacado.” (Tutor 6)

Como informado no capítulo 3, cada tutor assume quatro turmas, cada uma delas com 90 participantes em média.

O Tutor 2 expõe que a maior dificuldade é responder alunos que aproveitam a oportunidade do curso para tentar resolver uma situação particular. O tutor trouxe como exemplo dessa situação uma dúvida que já foi enviada para ele nos cursos: “Eu tenho um contrato ‘X’ aqui e queria saber se tenho que fazer dispensa de licitação e inexigibilidade”. Segundo o tutor os alunos querem uma consultoria do Tribunal para solucionar situações de seu trabalho e não utilizam os conhecimentos proporcionados pelo curso para tomarem decisões. Para ele esse tipo de pergunta necessita “jogo de cintura” para não deixar o participante sem uma resposta, mas também não se manifestar dando sua opinião naquele caso específico, porque, segundo ele, somente o Tribunal por meio de seus órgãos pode se manifestar diante

de casos concretos. Para responder a essas questões ele procura se amparar na lei para não correr o risco de dar sua opinião diante dos casos, pois dentro do curso ele representa o TCU, mas não pode falar por ele.

Já o Tutor 4 citou essa questão como uma dificuldade devido ao tempo demandado para responder aos participantes, mas não como uma dificuldade na forma de responder. Para ele esses casos é uma maneira do tutor aprender mais.

“Os alunos ficam querendo uma consultoria do Tribunal. Além de quererem aprender, querem uma opinião do Tribunal, então você tem que pesquisar muito mais jurisprudência. Para o tutor é até bom, porque ele aprende mais, tem que estar sempre pesquisando e estudando.”

O Tutor 3 disse não encontrar nenhuma dificuldade nos cursos em que foi tutor, mas disse que é preciso ficar sempre atento à linguagem utilizada para responder aos participantes. Como o curso é a distância uma mensagem pode gerar diferentes interpretações e o tutor precisa encontrar uma maneira de escrever que não gere essas interpretações divergentes do que ele quer falar.

Para o Tutor 5 a principal dificuldade encontrada é no incentivo e motivação dos participantes. Muitos deles acabam se prendendo ao material disponibilizado e não participam das discussões nos fóruns.

“Na aprendizagem a distância eu tive essa impressão, inclusive quando fiz o curso 'Formação de Tutores', de que é mais necessário ainda esse tipo de interação, porque você ficar ali nas simples telas é tudo muito livre para você atuar, para você fazer, então se você quiser simplesmente concluir é muito mais fácil, mas aprender de fato é um pouco mais complicado e exige um pouco mais de esforço. E essa interação, que eu acho muito importante, não acontece com tanta frequência como eu acho que deveria para o pessoal se desenvolver melhor.”

d) Aprendizagem Colaborativa

Nesta questão é possível verificar o que os tutores entendem por aprendizagem colaborativa. No entanto, é importante retomar o conceito de aprendizagem colaborativa que foi enfatizado na fundamentação teórica desta pesquisa. De acordo com Campos et al. (2003, p. 26) a aprendizagem colaborativa é “[...] uma proposta pedagógica na qual estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com o objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto”.

Sendo assim, para o Tutor 1 aprendizagem colaborativa é:

“A aprendizagem não depende só do tutor, ou do professor, depende de todos que participam do curso. Então, cada um colaborando com uma pequena parte que seja, vai contribuir com o conhecimento de todos.”

O Tutor 2 acredita que na aprendizagem colaborativa em cursos a distância além do tutor passar o material, deve se mostrar presente, tirar dúvidas e incentivar a participação nas atividades do curso.

Para o Tutor 3 a aprendizagem colaborativa é onde o conhecimento é construído coletivamente, com a ajuda de cada um dos envolvidos vai se desenvolvendo, edificando o conhecimento. Mesma opinião apresentou o Tutor 4 que, mesmo não sabendo o significado correto, acredita que aprendizagem colaborativa é um aluno ajudando o outro e o tutor também participando dessa troca, como uma equipe em que todos se ajudam.

O Tutor 5 acredita que o foco da aprendizagem colaborativa seja a interação e que o tutor e o monitor devem atuar juntos fomentando a colaboração dos participantes. Ele vê em sua atuação como tutor uma grande responsabilidade para que a aprendizagem colaborativa ocorra.

“O tutor deve intervir e mediar os debates, fazendo com que todos participem e que os participantes sejam os principais colaboradores. O ponto de vista de um e de outro, as experiências um e de outro vai fazendo com que todos se desenvolvam por meio dessa colaboração.”

O Tutor 6 por nunca ter visto nenhum conceito formal de aprendizagem colaborativa se sentiu inseguro para responder a questão. Mas, incentivado pela pesquisadora, que disse a ele que não importava a definição correta e sim o que para ele significava aprendizagem colaborativa, o Tutor 6 disse que como o próprio nome diz é aquela aprendizagem em que você aprende colaborando, em que ocorre um troca de experiências e um aprende com o outro.

e) Aprendizagem Colaborativa desenvolvida nos cursos

A partir do entendimento que disseram ter por aprendizagem colaborativa os entrevistados foram questionados se ela ocorre de fato nos cursos em que atuam como tutores.

Todos os tutores acreditam que ocorre aprendizagem colaborativa nos cursos do TCU, mas que existe pouca participação se levar em conta o número de alunos em cada turma.

Para os Tutores 2 e 5 a aprendizagem colaborativa nos cursos ocorre apenas com minoria da turma, somente devido a falta de interesse dos participantes:

“Da forma como o curso foi concebido o aluno só não aprende se ele não quiser, porque tem o material que ele segue ali, com aqueles slides, tem o material de apoio que fica na biblioteca virtual, tem também o tutor, o monitor, tem horário flexível, ou seja, tem todas as condições para aprender e participar.” (Tutor 2)

“A ferramenta está preparada e propicia para que ocorra aprendizagem colaborativa e a gente tenta incentivar, mas mesmo assim somente a minoria participa, não sei se por desinteresse ou preguiça. Uns a gente pode ver que gosta de participar e comentar, mas é sempre um ou outro que assume esse papel na turma. Acho que a maioria, em um curso on-line, adota o perfil de só responder o que é obrigado a responder. Assim como em uma aula presencial, sempre tem aquela galera que gosta de participar mais, que é sempre um percentual pequeno da turma.” (Tutor 5)

Para o Tutor 6 quando ocorre uma interação maior nos fóruns tanto os participantes como os tutores podem aprender. Ele diz que já se deparou com situações que nunca tinha visto em todos os anos de trabalho do Tribunal e que para dar um posicionamento aos participantes ele teve que ir atrás, pesquisar, e essas situações acrescentaram muito em sua vida profissional.

Quando questionados sobre casos em que para eles tenha ocorrido uma aprendizagem colaborativa, todos citaram situações de alunos respondendo outros alunos no fórum “Aprendendo com a Prática”, tanto respondendo a dúvidas quanto dando continuidade a alguma questão colocada.

O fórum “Aprendendo com a Prática” é destinado à realização de discussões sobre o tema dos módulos, conforme orientações que devem ser traçadas pelo tutor, responsável por mediar às discussões nesse fórum. É importante destacar que o fórum “Aprendendo com a Prática” não é avaliado. Vejamos, a seguir, o enunciado desse fórum:

Figura 6 – Enunciado fórum “Aprendendo com a Prática”

Este espaço é destinado à realização de discussões sobre o tema das Unidade 1 e 2, conforme as orientações traçadas pelo seu **TUTOR**.

Além disso, sinta-se à vontade para conhecer e compartilhar experiências profissionais com seus colegas sobre o tema deste módulo.

Relate suas dificuldades, êxitos, situações encontradas ao longo da sua vida profissional. Participe dos debates propostos, deixando suas opiniões e contribuindo para a aprendizagem colaborativa.

Não deixe de participar!

Esse enunciado é o mesmo para o fórum “Aprendendo com a Prática” de todos os cursos e de todos os módulos, mudando apenas o tema da discussão que se adeque a cada módulo.

Ao final do comando do fórum (Figura 6) é possível perceber o destaque dado à aprendizagem colaborativa. Conforme afirmaram os tutores, nesse fórum que ocorre a aprendizagem colaborativa nos cursos. Mas, como eles afirmaram também, somente a minoria das turmas que participa. É possível comprovar essa informação observando as Tabelas 4 e 5 que fazem uma comparação do total de alunos inscritos nos cursos LCA e LRF com a quantidade deles que participou no fórum “Aprendendo com a Prática” nos meses de abril, maio e junho:

Tabela 4 – Participação no fórum “Aprendendo com a Prática” LCA

Mês	Total de inscritos	Nº de alunos que participou do fórum “Aprendendo com a Prática”
Abril	724	83
Maio	721	113
Junho	726	67

Fonte: Fórum “Aprendendo com a Prática” curso LCA

Tabela 5 – Participação no fórum “Aprendendo com a Prática” LRF

Mês	Total de inscritos	Nº de alunos que participou do fórum “Aprendendo com a Prática”
Abril	727	57
Maio	729	63
Junho	732	80

Fonte: Fórum “Aprendendo com a Prática” curso LRF

A partir das tabelas 4 e 5 é possível perceber a pequena quantidade de alunos que participou do fórum “Aprendendo com a Prática” tanto no curso LCA quanto no curso LRF. Em LCA juntando os meses de abril, maio e junho apenas 12,11% dos alunos inscritos no curso participaram do fórum. No curso LRF o percentual foi ainda menor, apenas 9,14%. Essas participações referem-se apenas

às mensagens postadas no fórum, não levando em consideração se contribuíram ou não para a aprendizagem colaborativa.

Ao serem questionados sobre a razão da pouca participação dos alunos no referido fórum, os Tutores 1 e 3 disseram que isso pode ocorrer devido a maneira como o tutor inicia e conduz os debates. Como são os tutores que devem traçar as orientações para nortear as discussões dos alunos nesse fórum, para eles, alguns podem utilizar algumas técnicas que não rende debate entre os alunos. O Tutor 1 citou como um exemplo as mensagens de tutores que contêm perguntas.

“Nessas situações os participantes apenas respondem as questões colocadas pelo tutor e não leem as respostas dos colegas. Muitas vezes os tutores não fazem por mal, pensam que aquelas questões podem gerar algum debate, mas os participantes não a encaram dessa forma. Eu mesmo já postei essas mensagens nos cursos que participei, mas vi que não dão certo. Quanto mais cursos a gente participa, mais melhoramos nossa atuação. Vemos o que dá certo e o que não dá certo e vamos atualizando nossa prática.”

Para exemplificar o que foi apresentado pelo Tutor 1, vejamos as mensagens contidas na figura 7, a seguir, retiradas do curso LCA do mês de maio. O tutor lança algumas perguntas e todas as contribuições dos participantes ocorrem somente respondendo ao que foi perguntado, inclusive enumerando as questões. Ninguém dialoga com as ideias apresentadas por outro colega, nem mesmo utiliza aquelas questões como um norte para uma reflexão que dará origem a um comentário.

Figura 7 – Mensagens fórum “Aprendendo com a Prática” 1

Uso da modalidade pregão
- quinta, 5 maio 2011, 14:04


Assim como as demais modalidades de licitação, o pregão, regulado pela Lei n. 10.520/2002, tem por objetivo obter a melhor proposta à Administração. Uma de suas características é a fase de lances, em que os licitantes são estimulados a reduzir os valores de suas propostas.

Qual a opinião de vocês acerca da modalidade pregão?
Ela é mais eficiente que as demais modalidades?

Há um risco maior, devido à fase de lances, de a Administração obter uma proposta inexecutável (v.g., a vencedora, na tentativa de cobrir o lance da concorrente, oferta uma proposta às vezes abaixo da sua margem de lucro)?

Alguns de vocês já participaram de um pregão, como pregoeiro, membro de comissão de licitação ou licitante? Ou teve a oportunidade de acompanhar esse procedimento alguma vez?
Vamos lá, participem!

[Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

 **Re: Uso da modalidade pregão**
- segunda, 9 maio 2011, 20:42

1. O grande benefício da modalidade pregão, sem dúvida foi de trazer para o certame o fator negociação muito salutar em observância ao princípio da economicidade;
2. Eu não diria mais eficiente, mas sem dúvida a mais atraente, principalmente o pregão presencial pela enteratividade e oralidade durante o certame;
3. sim, todavia os membros e pregoeiros devem estar atento, pois no mundo globalizado de hoje não se pode deixar de cercar-se das garantias e idoneidade dos participantes;
4. Não, só de estudos acerca do assunto

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Fonte: Fórum “Aprendendo com a Prática” curso LCA/maio

Algumas vezes, ao postar uma mensagem como a apresentada na figura 7, a intenção do tutor não é que os participantes respondam apenas as questões, mas que reflitam sobre elas, conforme relatado pelos Tutores 1 e 3.

Ao fazer o levantamento das participações nesses fóruns foi possível perceber que para dar início aos debates os tutores utilizam dúvidas postadas por colegas de outros cursos, reportagens e questões sobre o assunto. Muitos tutores não postam nenhuma mensagem para iniciar as discussões, conforme orienta o enunciado do fórum, apenas respondem aos participantes que colocam dúvidas ou comentam no fórum, não assumindo assim uma postura de mediador. Em uma turma do curso LCA do mês de junho aconteceu de não ter nenhuma mensagem postada no fórum “Aprendendo com a Prática” do módulo “Contratos Administrativos”, nem mesmo uma mensagem do tutor incentivando a participação dos alunos. É hipocrisia cobrar uma postura dos participantes se nem mesmo o tutor cumpri com suas funções.

Além dos Tutores 2 e 5 apresentados anteriormente, os Tutores 4 e 6 também acreditam que a pouca participação nos fóruns ocorre devido a falta de interesse e comprometimento dos alunos.

“Muitas vezes eu tento, posto mensagens no fórum ‘Aprendendo com a Prática’, mas nenhum participante responde. Posto a mesma mensagem nas quatro turmas algumas vezes poucos respondem em três delas e em uma ninguém participa. Já pensei que o problema pudesse ser com a minha mensagem, mas percebi que em outras turmas há participação. Isso ocorre por causa dos alunos mesmo, sempre tem uma turma que é menos interessada”. (Tutor 4)

“Faço minha parte, lanço questões, apresento reportagens, mas tem vezes que ninguém participa, não importa o que eu faça. Nesses cursos os alunos não são muito comprometidos. Acredito que isso ocorre porque o fórum não é avaliado. Em cursos que os fóruns são avaliados há muito mais participação. Faço tudo que está ao meu alcance e dentro da minha função como tutor para chamar os participantes para debaterem nos fóruns”. (Tutor 6)

Nas figuras 8 e 9, a seguir, podemos verificar exemplos de tentativas dos tutores de iniciar um debate, sem resposta de nenhum participante, conforme dito pelos Tutores 3 e 6. As mensagens foram retiradas dos fóruns “Aprendendo com a Prática” do curso LRF dos meses de maio e junho.

Figura 8 – Mensagens fórum “Aprendendo com a Prática” 2

10 anos de LRF
- segunda, 23 maio 2011, 01:37

 [091229-BrasilEco-LRF10Anos_1_1_.pdf](#)

Prezados,

Matéria sobre os 10 anos de LRF.

Felipe
Tutor

[Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Re: mudanças na LRF
- segunda, 23 maio 2011, 13:47

Prezados,

A LRF completou 10 anos, sendo objeto de matéria de diversos veículos de comunicação. Gostaria de saber a opinião de vocês ! Há avanços ? O que mudou ? O que precisa melhorar ?

No aguardo.
Felipe
Tutor.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Fonte: Fórum “Aprendendo com a Prática” curso LRF/maio

Figura 9 – Mensagens fórum “Aprendendo com a Prática” 3

Exercício 3: Caso Prático - Limite de gastos do DF
- sexta, 17 junho 2011, 21:58

Pessoal,

Neste tópico vamos discutir um caso real. Inicialmente, vou descrever para vocês a situação e deixar vocês exporem suas opiniões até o dia 21/06, quando apresentarei posicionamento sobre o assunto.

Situação:

Após o Poder Legislativo Distrital ter ultrapassado o limite de gasto com pessoal previsto na LRF, a Câmara Legislativa do Distrito Federal entrou com Ação Direta de Inconstitucionalidade (junto ao STF) defendendo que o limite cabível ao Legislativo Distrital deveria ser o relativo aos Municípios.

Questões:

- 1 - O que vocês acham dessa alegação da Câmara Legislativa do Distrito Federal?
- 2 - Tendo por base o que vocês estudaram em todo o curso, qual seria o posicionamento do STF?

Contamos com a participação de vocês!!

Grande Abraço,

Daniel

[Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Re: Exercício 3: Caso Prático - Limite de gastos do DF
- quarta, 22 junho 2011, 11:03

Pessoal,

Infelizmente não houve participação da turma, mas vamos à resposta do caso prático.

Seguem as considerações acerca do caso prático proposto. Cabe salientar que o caso prático foi baseado em fatos reais (ADIN 3756). Espero que este fórum tenha ajudado nos estudos da LRF.

RESUMO DO CASO: (...)

Fonte: Fórum “Aprendendo com a Prática” curso LRF/junho

No caso apresentado nas figuras 8 e 9 não houve nenhuma participação por parte dos alunos, ninguém respondeu as questões propostas pelos tutores. O tutor 6 acredita a maioria dos alunos não participa dos fóruns, por esses não serem pontuados.

f) Atividades fundadas na aprendizagem colaborativa

Ao serem questionados se havia nos cursos alguma atividade fundada na aprendizagem colaborativa, mas na prática isso não ocorria, todos os tutores responderam que não. Acreditam que todas as atividades propostas alcançam seus objetivos na prática.

“Eu acho que todas as atividades propostas no curso são importantes e contribuem para a aprendizagem, juntamente com as ferramentas disponíveis. Os fóruns são bem organizados e acho que as pessoas entendem bem a ferramenta”. (Tutor 5)

Os Tutores 2, 4 e 6 fizeram ressalvas quanto ao fórum “Aprendendo com a Prática”, devido a pouca participação, mas novamente afirmando que a participação da minoria da turma ocorre devido, somente, ao desinteresse dos participantes.

“No fórum a participação é limitada, são poucos que se interessam em participar e discutir. Sempre tem uns mais interessados, que perguntam mais e se se propõe a discutir, mas a participação é mais reduzida mesmo”. (Tutor 2)

“O fórum poderia ser utilizado pelos alunos para eles mesmos colocarem questões, não só o tutor. Eles ficam esperando a gente colocar, a famosa preguiça. Pouquíssimos alunos colocam alguma coisa para iniciar uma discussão”. (Tutor 4)

“Se os participantes do curso realmente se dedicarem, com certeza em todas as etapas eles vão tirar alguma aprendizagem. Basta saberem aproveitar o material e a ferramenta disponível”. (Tutor 6)

g) Razões que contribuem e não contribuem para a aprendizagem colaborativa

Como razões que contribuem para a aprendizagem colaborativa nos cursos oferecidos pelo TCU, os Tutores 1, 2 e 5 citam a estrutura, a forma como o conteúdo está disponível, as ferramentas, a participação e presença do tutor e do monitor incentivando e dando suporte aos alunos.

“A equipe de suporte contribui muito para deixar o aluno sempre bem amparado, ele ficando desamparado e solto ele tem uma tendência a não ficar motivado. Então ele tem que sentir a presença, apesar da distância. Essa presença virtual é que melhora a aprendizagem nos cursos”. (Tutor 1)

O Tutor 2 e o Tutor 4 acreditam que a flexibilidade de horário e o fácil acesso ao curso, tanto por ser gratuito quanto por estar disponível na internet contribuem para a aprendizagem colaborativa.

Para os Tutores 3 e 6 a principal razão que contribui para a aprendizagem colaborativa é a ligação do tema do curso com a área de trabalho do aluno.

“A ligação com o que a pessoa tem que desenvolver no seu dia a dia, tem que ter uma ligação muito forte. Até porque todo mundo tem interesse em melhor no seu trabalho, na sua atuação. Quando o curso faz um link direto, quando tangencia ou permite que a pessoa melhore o patamar de formação, aí ele contribui efetivamente”. (Tutor 3)

O Tutor 5 acredita que o fato das turmas serem heterogêneas, ter pessoas de todos os lugares do país que trabalham com diversos assunto faz com que a troca de experiências seja rica, devido a diversidade das turmas.

Em contrapartida, o Tutor 6 encara essa heterogeneidade das turmas como um fator que não contribui para a aprendizagem colaborativa nos cursos.

“Se fosse possível selecionar para os cursos pessoas que trabalhassem diretamente na área do curso certamente haveria uma troca de experiências muito maior, o que maximizaria a aprendizagem colaborativa. Quando você abre o curso para todos os interessados acho que você diminui a aprendizagem colaborativa, não que não seja importante, quem não conhece nada às vezes pode estar querendo dar os primeiros passos. A distância existente entre a área de atuação e o tema do curso acaba diminuindo a troca de experiências, até porque ele a pessoa não tem experiência na área”.

O Tutor 1 cita a falta de prática dos participantes com a inovação, devido a novidades das ferramentas que são utilizadas no curso e a timidez de alguns alunos que ficam com medo de ferir o sentimento de alguém ao debater nos fóruns como razões que não contribuem para a aprendizagem colaborativa nos cursos.

Já o Tutor 2 teve dificuldades para encontrar razões que não contribuem para a aprendizagem colaborativa, depois de pensar por muito tempo ele disse acreditar que a rotina de trabalho dos participantes pode não contribuir para que ele participe nos fóruns do curso. Mesmo os cursos podendo ser acessados em horários flexível tem participantes que não conseguem tempo para acompanhá-lo.

Os Tutores 3 e 5 afirmaram não detectar nenhuma razão que não contribua para a aprendizagem colaborativa nos cursos.

O Tutor 4 acredita que não haver uma retaliação para aqueles que desistem dos cursos sem uma justificativa não contribui para a aprendizagem colaborativa e para o andamento do curso em geral.

“Um ponto negativo, que eu acho que atrapalha a aprendizagem colaborativa é não ter uma, não é nem uma punição, uma retaliação para quem desiste do curso sem uma justificativa. Já vi em várias turmas o mesmo aluno dizendo que não podia fazer e no mês seguinte se matriculava em outra e dizia de novo que não ia poder fazer. Isso atrapalha, porque além de ser um gasto para o Tribunal, essa pessoa pode ter tirado a vaga de outra que estaria interessada em fazer o curso, e fica de fora por causa disso. Deveria ter um mecanismo de coibir isso”.

Os Tutores 1, 4 e 6 também destacaram como uma razão que não contribui para a aprendizagem colaborativa a não pontuação dos fóruns, que faz com que os alunos não se sintam interessados em participar e que tira todo o valor que deveria ser dados a esses fóruns.

h) Autonomia Tutor

Os tutores foram questionados se teriam autonomia para criar nos cursos novos espaços para a aprendizagem colaborativa, caso achassem necessário. Os Tutores 1 e 6 acreditam que a autonomia depende da forma como o curso é montado. Segundo eles, os cursos LCA e LRF não são modelados para os tutores criarem outros espaços além daqueles que já existem. Os dois acreditam que depende da questão motivacional de cada tutor, pois ele pode incentivar a aprendizagem colaborativa utilizando os fóruns já existentes, criando novos tópicos para discussão.

O Tutor 3 também acredita que não teria essa autonomia, pois segundo ele, os cursos normalmente são programados com uma carga horária ajustada ao seu conteúdo. De maneira que não seria possível sair da estrutura que já está formada. Em conformidade com esse posicionamento, o Tutor 6 afirma que já tentou realizar atividades, dentro dos fóruns já existentes, diferentes das que já estavam programadas, mas a participação foi muito pequena. Para ele a carga horária já está em conformidade com as atividades previstas, se fugir muito disse pode acabar comprometendo a participação dos alunos.

Os Tutores 2, 4 e 5 acreditam que teriam essa autonomia para criar novos espaços nos cursos.

“Acho que teria autonomia para propor alterações e dar sugestões. Acredito que para isso é preciso entrar em contato com o coordenador, mas a coordenação não incentiva isso, que o tutor participe de uma forma mais efetiva. Mas se o tutor quiser tomar essa iniciativa, acho que ele tem abertura”. (Tutor 2)

“Sim, teria. Acho que não teria problema nenhum. Nunca tentei, mas acho que teria essa autonomia”. (Tutor 4)

“Acho que sim, mas o curso já tem espaços para que aconteça aprendizagem colaborativa. A ferramenta já é suficiente e já propicia a participação de quem estiver interessado”. (Tutor 5)

Nenhum dos tutores demonstrou ter certeza se teria ou não essa autonomia para criar espaços diferentes dos já existentes nos cursos. Isso deve ser acordado entre os tutores e a coordenação dos cursos, para que eles saibam até que ponto vai sua atuação e que caso tenham interesse podem ou não criar novos espaços nos cursos para incentivar a participação ou a colaboração dos alunos.

i) Contribuição para a aprendizagem colaborativa

Mesmo acreditando que já incentivam a participação dos alunos, todos os entrevistados disseram como poderiam contribuir para a aprendizagem colaborativa nos cursos.

O Tutor 1 acredita que um tutor deve ter conhecimento sobre o assunto do curso, sempre se mostrar presente e incentivar nos debates. Ele citou um exemplo da importância de ter um tutor presente no curso.

“Fiz um curso uma vez que o tutor era distante e essa proximidade faz toda a diferença. Nesse curso que fiz como o tutor estava distante os alunos também se distanciaram. Foram 30 dias de curso em branco. O tutor apenas respondeu uma questão de outro aluno e não fez mais nada”.

O Tutor 2 também acredita que as formas de contribuir para a aprendizagem colaborativa são colocar questões no fórum “Aprendendo com a Prática”, estimular as discussões que surgirem, responder as dúvidas e ser bem educado, pois as respostas que são postadas nos fóruns são vistas por todos os participantes e dependendo da forma como o tutor responde, os outros podem não se sentir a vontade para perguntarem ou participarem também.

O Tutor 3 acredita que a melhor maneira de contribuir é dar um feedback construtivo aos participantes, que não seja voltado somente para uma correção, mas principalmente para um engrandecimento. O tutor dá um exemplo de como dar um feedback construtivo:

“Se um participante posta uma mensagem no fórum que está correta, seja para responder a dúvida de outro participante ou seja para apenas dar sua contribuição, o tutor tem que dar um feedback, ressaltando os pontos positivos e os pontos, que mesmo estando corretos, poderiam ser melhorados”.

O Tutor 3 ainda acrescenta que acha interessante que aconteça um compartilhamento de experiências entre os tutores. Reunir coordenadores e tutores e fazer uma avaliação crítica das estratégias que foram utilizadas e abordadas nos cursos, avaliando assim a atuação dos tutores, de forma coletiva, com o objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento da atividade de tutoria no Tribunal.

O Tutor 4 vê na formatação dos cursos, uma maneira de contribuir para a aprendizagem colaborativa. Segundo ele, os cursos devem conter mais situações práticas, pois não tem uma diretriz, ficando tudo muito solto, muito livre e às vezes essa liberdade, mesmo sendo uma vantagem, se não for bem utilizada pode comprometer o trabalho. Ele acredita que isso ocorra pelo fato dos cursos serem relativamente novos e de que muitos dos tutores atuam há pouco tempo, por isso a cada nova edição do curso eles vão aprimorando suas atuações.

Outro ponto levantado pelo Tutor 4 é a pouca utilização do fórum “Reservado para a Tutoria”. Esse fórum é destinado para que os tutores discutam questões relevantes ao curso, troquem experiências e ideias. Ele é invisível para os alunos, somente os tutores, monitores e coordenador podem visualizá-lo. Segundo o tutor, o fórum é um espaço importante para os tutores conversarem, mas não é muito utilizado, o ideal é que fosse usado durante todo o curso.

“Quando começa um curso a gente fica enrolando para ver as novas questões que poderiam ser apresentadas para os alunos nos fóruns e quando vemos o curso já está em andamento e já estamos na correria para responder as dúvidas. Por isso, acabamos sempre deixando o curso igual ao anterior para não termos trabalho. Tá vendo? Não é só os alunos que tem preguiça. A gente além de tudo ainda não tem tempo. Se a gente tivesse mais tempo entre um curso e outro para discutir e pensar em novas propostas, com certeza melhoraria muito nossa atuação”.

Ao ser questionado se já havia sugerido isso a coordenação do curso o tutor disse que na verdade nunca tinha refletido sobre esses pontos e que procuraria conversar mais com os tutores que atuam em parceria com ele nos cursos e que após conversar com eles, se achassem necessário procurariam a coordenação do curso.

O Tutor 5 apontou como uma maneira de contribuir para a aprendizagem colaborativa, fazer um levantamento dos alunos que não estavam participando ou que nunca acessaram o curso e enviar e-mails a eles, mostrando que se interessa pela presença e participação dele na turma. Segundo ele, essa medida poderia

contribuir muito, mas como são muitos participantes esse levantamento seria inviável e demandaria muito tempo.

O Tutor 6 acredita que colocar mais pontos polêmicos para discussão e discutir mãos casos concretos contribuiria para a aprendizagem colaborativa. Ele alertou que ao se manifestarem em casos concretos os tutores precisam ter cuidado, porque não podem falar pelo Tribunal. Por isso, quando forem avaliar um caso trazido por algum participante os tutores têm que deixar claro que é uma opinião pessoal e que o Tribunal ainda não se manifestou em nenhum caso parecido.

É curioso observar que na categoria “c”, que aborda as dificuldades encontradas pelos tutores nos cursos, o Tutor 2 aponta essa utilização de casos concretos como sua principal dificuldade, pois acredita que não pode dar sua opinião nesses casos. Já o Tutor 6 aponta esses casos como uma forma de contribuir para a aprendizagem colaborativa, não se esquecendo de que é complicado dar sua opinião, pois é possível que seja mal interpretado. Apesar de tudo acredita que essas situações incentivam a participação das turmas nos debates.

j) Atuação como Tutor

Foi perguntado aos tutores se acreditam que realmente estão contribuindo para a aprendizagem colaborativa nos cursos em que atuam, levando em consideração as contribuições apresentadas por eles na categoria anterior.

Todos os tutores entrevistados disseram que incentivam a participação dos alunos, fazendo tudo que está ao alcance deles.

Os Tutores 1, 2, 3 e 6 disseram colocar em prática as contribuições apresentadas por eles na categoria anterior. Sobre a reunião para avaliação da atuação dos tutores nos cursos, o Tutor 3 disse que iria sugerir para a coordenação. Já os Tutores 4 e 5 alegaram não colocarem em prática o que apresentaram anteriormente, porque as turmas tem muitos alunos e eles não têm tempo suficiente para conciliar essas atividades com as atribuições dos setores em que trabalham. Diante do tempo que disponibilizam esse é o melhor que podem fazer.

O Tutor 2 ainda acrescenta:

“Acho que a monitoria já estimula com as mensagens avisando sobre as avaliações, falando para os participantes fazerem. Acho que não teria necessidade de mais estímulo que já tem por parte da monitoria. Acho que ela já é bem presente”.

k) Importância do enfoque na aprendizagem colaborativa

Nesse item foi perguntado aos entrevistados que se caso fosse dado a eles poder para decidir se haveria ou não nos cursos a distância, oferecidos pelo TCU, um enfoque na aprendizagem colaborativa, que medidas tomariam.

Todos os tutores acreditam ser muito importante que os cursos tenham um enfoque na aprendizagem colaborativa. O Tutor 1 disse que ao ter esse enfoque os cursos a distância reproduzem quase que um esquema de sala de aula presencial, como se o professor estivesse sempre presente, incentivando os alunos. Segundo ele, nos ambientes virtuais a colaboração é necessária para melhorar os resultados do curso e enriquecer o processo de aprendizagem. O Tutor disse que para incentivar a aprendizagem colaborativa a única medida que tomaria seria intensificar e tornar constante a participação dos tutores nos fóruns, o que para ele já é realizado atualmente nos cursos.

O Tutor 2 disse que o enfoque é necessário, mas confundiu as qualidades da aprendizagem colaborativa com as do ensino a distância.

“Acho interessante, porque amplia o acesso. Se disponibiliza o material, todo esse conteúdo, essa informação para pessoas que não teria, de repente, condição de vir para cá, se deslocarem. Então acho que amplia mais e democratiza mais o ensino. Acho interessante essa estratégia do TCU”.

Ao ser questionado novamente sobre a aprendizagem colaborativa nos cursos a distância ele disse somente que acha importante que os cursos tenham esse enfoque e que não tomaria nenhuma medida, pois acredita que hoje todas as medidas possíveis são tomadas.

Para o Tutor 3 a interação dos envolvidos é a principal medida que deve ser tomada para que o curso tenha enfoque na aprendizagem colaborativa. Segundo ele, os tutores devem estar atentos, pois se não houver interação os participantes não se sentirão motivados. Continuando, ele afirma que nos cursos a distância a interação entre as pessoas substitui a necessidade da presença física que todos estão acostumados nos cursos presenciais.

O Tutor 4 acredita que a aprendizagem colaborativa facilita o trabalho nos cursos, pois a responsabilidade do aprendizado dos alunos não fica somente em cima do tutor, já que na aprendizagem colaborativa todos são responsáveis pelo processo. O Tutor afirmou que o Tribunal está indo no caminho certo, pois está

incentivando uma cultura diferente da que estamos acostumados, uma cultura de colaboração. Acredita que a medida principal já foi tomada que seria um curso de formação para os tutores, mas outras medidas irão surgindo a partir das experiências dos tutores em cursos a distância.

“É difícil mudar uma cultura, ainda mais a distância. Somos preguiçosos, individualistas e temos medo de novidade por natureza. A educação a distância e a aprendizagem colaborativa são relativamente novas no TCU. Para você implementar uma cultura disso aí leva tempo não é em 1 ou 2 anos que todo mundo vai se conscientizar e dizer: ‘Ah! Eu vou trabalhar de forma colaborativa nesse curso porque é importante’. Tem tantas coisas que são importantes e a gente não faz. É preciso que o Tribunal continue insistindo nesses cursos com o enfoque na aprendizagem colaborativa para que todos possamos nos conscientizar de sua importância e colocarmos em prática”.

O Tutor 5 disse que além das medidas mencionadas nas categorias anteriores ele não sabia mais de forma contribuir para a aprendizagem colaborativa. Acredita que por não ter muita experiência e muito conhecimento sobre ambientes virtuais e sobre aprendizagem colaborativa não poderia assegurar que medidas tomaria. Pare ele um curso a distância não poderia existir sem a aprendizagem colaborativa.

“Não sabia que sequer existia a possibilidade de ter um curso a distância sem enfoque na aprendizagem colaborativa. São duas coisas que tem que andar juntas, se não, não funciona. Se é possível fazer um curso a distância sem esse enfoque é melhor nem tentar, porque se já é difícil ter uma participação em cursos que procuram a aprendizagem colaborativa, eu acho que não sendo assim o curso estaria fadado a quase nenhuma participação, podendo ser um fracasso”.

O Tutor 6 acredita que se o curso quiser ter um enfoque na aprendizagem colaborativa é preciso que o público-alvo seja selecionado em conformidade com sua área de trabalho. É preciso que sejam pessoas que trabalhem com o tema abordado no curso, que o utilize em seu dia a dia, pois só assim poderá ter experiências para contribuir com a aprendizagem dos colegas.

5.2 – Análise das entrevistas com Monitores

a) Área de formação e tempo de trabalho no TCU

- Monitora 1: Estudante do curso de Pedagogia na UnB
Estagia no TCU há 1 ano e 6 meses;
- Monitora 2: Estudante do curso de Pedagogia na UnB

- Estágia no TCU há 2 anos;
- Monitora 3: Estudante do curso de Pedagogia na UnB
Estágia no TCU há 4 meses;
 - Monitora 4: Estudante do curso de Pedagogia na UnB
Estágia no TCU há 4 meses;
 - Monitora 5: Estudante do curso de Pedagogia na UnB
Estágia no TCU há 1 ano e 10 meses;
 - Monitor 6: Estudante do curso de Pedagogia na UnB
Estágia no TCU há 4 meses.

Cinco dos entrevistados são do sexo feminino e apenas um do sexo masculino. Todos são estagiários lotados no Serviço de Educação a Distância (Seduc). Foi retirada a informação de tempo de atuação como monitor, porque o tempo de atuação é o mesmo tempo de estágio no TCU.

b) Treinamento para Monitor

Foi perguntado aos tutores se eles realizaram algum curso de formação relacionado à sua atuação nos cursos a distância. Cinco dos entrevistados disseram ter realizados curso de formação para atuarem como monitores.

As Monitoras 1 e 5 disseram ter feito um curso, mas não tão voltado à sua atuação como monitor e sim um curso de apresentação do Programa Capacitação de Servidores Públicos e do Tribunal. Nesse curso, que teve duração de dois dias, as monitoras foram informadas de poucos detalhes referentes à sua atuação. Para elas, onde realmente aprenderam foi no trabalho direto com os cursos e com a ajuda das monitoras que já trabalhavam no Seduc. As Monitoras disseram que esse treinamento não foi suficiente para que elas pudessem atuar nos cursos.

A Monitora 2 afirmou quando entrou no TCU eles ainda não ofereciam cursos em grande escala. Disse não ter realizado nenhum curso de formação para auxiliar em sua atuação. A Monitora acredita que quando começou a atuar nos cursos um treinamento fez falta, pois ela se sentia insegura para atuar nas turmas.

“Meu treinamento foi trabalhar todo dia e me virar. Alguns meses depois outros estagiários entraram e eu participei do treinamento deles. Então o treinamento que eu tive foi bem depois que entrei e foi por causa do treinamento dos novos estagiários.”

Os Monitores 3, 4 e 6 entraram juntos no Tribunal e participaram do mesmo curso de formação de monitores. O coordenador do Programa Capacitação de Servidores Públicos explicou para eles como o Tribunal trabalha e como era organizado esse programa e também realizaram um curso no ambiente virtual do TCU chamado “Oficina de Monitoria em EaD”, com duração de uma semana, para orientá-los quanto ao trabalho que iriam executar e para se familiarizarem com o ambiente virtual. Os monitores avaliaram esse treinamento no ambiente virtual como “muito bom” e disseram que os auxiliou bastante para que conhecessem as ferramentas do ambiente e aprendessem a como se posicionar para responder aos participantes.

A Monitora 4 também fez um curso na Escola Técnica da Ceilândia, que foi a distância e era sobre motivação em cursos a distância. Mesmo não sendo sobre a atuação do monitor, ela acredita que contribuiu muito para sua atuação, porque a motivação é um trabalho que deve ser executado pelo monitor.

c) Dificuldades encontradas nos cursos

Para a Monitora 1 a quantidade de pessoas que tem dificuldade para manusear as ferramentas do curso e a questão da carga horária de trabalho dos participantes, que faz com que às vezes eles não consigam acompanhar o curso, são as principais dificuldades encontradas.

A Monitora 2 vê como a principal dificuldade a falta de formação pedagógica dos coordenadores dos cursos. Segundo ela, por eles terem que trabalhar e coordenar cursos a distância e conseqüentemente formar pessoas, eles deveriam ter alguma instrução pedagógica.

Como o material de conteúdo dos cursos LRF e LCA foram importados de outros cursos organizados por instituições parceiras do TCU, há alguns links que não levam a página informada dentro do material. Os participantes ficam questionando os monitores que os links não abrem e o monitor já sabendo disso há muito tempo tem que responder sempre a mesma coisa aos participantes. Para a Monitora 3 essa é a maior dificuldade encontrada, os links que não levam a lugar nenhum e não são retirados do material. Segundo ela, a coordenação do curso alega que não pode modificar um material que não foi elaborado por eles e dessa forma, os links continuam nos cursos e continuam quebrados.

Para as Monitoras 4 e 5 a principal dificuldade está no apoio que a coordenação dos cursos oferece aos monitores. A Monitora 4 disse que quando começou a atuar como monitora nos cursos do TCU recebeu mais apoio dos outros monitores do que dos coordenadores.

“Acho que a dificuldade maior está na ponte entre a coordenação dos cursos e o meu trabalho. Às vezes você pede uma coisa e não tem um retorno, aí você acaba tendo que levar meio que o curso sozinha, algumas responsabilidades. Vejo também como uma dificuldade a falta de avaliação do meu trabalho pela coordenação. Desde que entrei não sei se minha conduta está correta, o que preciso melhorar, acho esse feedback muito importante”. (Monitora 4)

A Monitora 2 também afirma encontrar dificuldade em relação a coordenação dos curso. Segundo ela, os coordenadores não sabem instruir os monitores, que muitas vezes ficam desamparados e fazem o trabalho sem orientação. Ela deixa claro que isso depende muito do coordenador, alguns prestam a assistência necessária, mas outros não. Isso complica o trabalho, porque com cada coordenador o monitor deve atuar de determinada maneira e quando não é orientado tudo fica mais difícil.

As Monitoras 2, 3, 4 e 5 também citaram como dificuldade o elevado número de participantes por turma, que faz com que elas não possam dar uma atenção maior aos alunos.

O Monitor 6, assim como a Monitora 1, acredita que o principal problema que enfrenta é a dificuldade dos participantes com o uso das tecnologias. Acrescenta também que a liberdade da escolha do tempo de estudo, oportunizado pelo ensino à distância, pode dificultar um pouco, pois muitos alunos deixam todas as atividades para os últimos dias do curso.

d) Aprendizagem Colaborativa

Nesta questão os monitores foram convidados a refletir sobre o que entendem por aprendizagem colaborativa. Para a Monitora 1 aprendizagem colaborativa é uma aprendizagem em conjunto, em que os participantes aprendem entre eles e com o auxílio do tutor e do monitor. Mesma opinião apresentaram as Monitoras 3 e 5 que acreditam ser uma aprendizagem em que todos constroem o conhecimento a partir da troca de experiências.

“Aprendizagem colaborativa ocorre na troca de ideias e experiências entre os sujeitos envolvidos no processo. Todos aprendem e ensinam. É uma

aprendizagem em equipe, que ocorre a partir da interação entre os envolvidos nessa equipe”. (Monitora 5)

A Monitora 2 acredita que aprendizagem colaborativa é baseada na troca de conhecimento, onde o professor não é o único detentor do conhecimento e todos devem aprender com ele. Segundo ela, nesse processo todos são considerados professores e alunos, pois todos ensinam e aprendem.

Para a Monitora 4 a aprendizagem colaborativa é a relação entre tutores, monitores e participantes, onde um ajuda o outro na construção do conhecimento.

O Monitor 6 acredita ser a aprendizagem que se dá através da colaboração entre todos os atores envolvidos no processo. Ainda acrescenta que em um curso a distância, os fóruns e trabalhos em grupo são excelentes exemplos de como pode se dar a aprendizagem colaborativa.

e) Aprendizagem colaborativa desenvolvida nos cursos

A partir do entendimento que disseram ter por aprendizagem colaborativa os entrevistados foram questionados se ela ocorre de fato nos cursos em que atuam como monitores.

As Monitoras 1, 2 e 4 acreditam que não ocorre a aprendizagem colaborativa nos cursos do TCU. Para elas a aprendizagem colaborativa não é exercida de fato nos cursos. A Monitora 1 acredita que a partir de sua vivência nos cursos a aprendizagem colaborativa não acontece, porque os alunos não são muito estimulados nem pelos monitores, nem pelos tutores. Já para a Monitora 2 não ocorre, porque os cursos são muito engessados e não há espaço livre para que aconteça. Compartilhando o mesmo ponto de vista a Monitora 4 acrescenta:

“Os fóruns que são ditos destinados à aprendizagem colaborativa são organizados de uma forma que não estimula a colaboração. Os tutores postam questões e os participantes simplesmente as respondem como se fosse um questionário. Muitas vezes nem lê a contribuição dos outros colegas. Não encaro como aprendizagem colaborativa o aluno participar por participar no fórum, para mim ele não está colaborando se só acessa o fórum, responde as questões e sai sem nem ao menos ler as outras respostas”.

As Monitoras 3 e 5, respectivamente, responderam quase da mesma maneira, não tendo certeza se ocorre ou não a aprendizagem colaborativa nos cursos do TCU:

“Olha, se acontece é bem pouco, porque pelo que eu vejo o curso estimula mais uma educação com uma concepção bancária, porque ele deposita os

textos e os alunos fazem as atividades avaliativas e no final ganha o certificado”.

“Se ocorre, ocorre muito pouco. As pessoas participam dos cursos com um olhar mais obrigatório, só fazem as atividades que são pontuadas e não procuram interagir. Nos cursos que fui monitora não teve essa interação, é uma ou outra interação mesmo. Não tem essa relação mais intensa”.

Para a Monitora 3 nos fóruns que são destinados para a participação não há muita contribuição, porque os alunos não são muito estimulados para que participem. Segundo ela, os alunos não veem muito sentido em participar porque os fóruns de discussão não são avaliados.

Já a Monitora 5 acredita que a aprendizagem colaborativa não acontece nos cursos não por culpa dos participantes, mas pelo formato dos cursos. Segundo ela, se o curso é desinteressante os participantes vão fazê-lo somente para obterem certificado e não para aprenderem de fato.

Somente o Monitor 6 acredita que tem algumas atividades em que ocorre a aprendizagem colaborativa, mas em parte concorda com as outras monitoras, pois afirma que são poucos os alunos que participam. Para ele há o ambiente como os fóruns para que a aprendizagem colaborativa ocorra, mas depende muito dos participantes para acontecer de fato, porque, infelizmente, quem participa de um curso virtual está economizando tempo e vê os fóruns como simples ambiente para responder a uma pergunta, sem se importar com o diálogo entre os envolvidos.

f) Atividades fundadas na aprendizagem colaborativa

Ao serem questionados se havia nos cursos alguma atividade fundada na aprendizagem colaborativa, mas na prática isso não ocorria, todos os monitores responderam que sim e citaram como exemplo o fórum “Aprendendo com a Prática” e o fórum “Debate sobre os textos”, que fica na “Fase de Ambientação” dos cursos.

“Os fóruns foram criados com o objetivo de disponibilizar um espaço no curso para que os participantes pudessem trocar ideias e debater com os colegas, os tutores e os monitores de forma colaborativa, mas na prática esses espaços disponibilizados não alcançam seus objetivos, pois os participantes não interagem de forma colaborativa e não são incentivados nem pelos tutores, nem pelos monitores a participar”. (Monitor 5)

“No fórum “Debate sobre os textos” é colocado que a proposta é a aprendizagem colaborativa, mas isso não ocorre. A participação dos alunos não é efetiva e nós, os monitores, não estimulamos para que ocorra de fato. Existe essa atividade, mas não ocorre a aprendizagem colaborativa”. (Monitora 1)

A Monitora 1 ainda acrescenta que nos cursos além dos fóruns há textos na ambientação que propõe uma aprendizagem colaborativa. Todos os entrevistados afirmaram que quando há alguma participação nos fóruns ela é muito pequena, apenas um número muito reduzido da turma participa.

Nos primeiros dias dos cursos LCA e LRF há a “Fase de ambientação”. Conforme explicado anteriormente, esta etapa é destinada para que os participantes se apresentem, juntamente com os tutores e monitores, leiam os documentos importantes relacionados ao desenvolvimento do curso, leiam textos sobre EaD e a importância da colaboração, discutam esses textos, com outros participantes, em um fórum e se familiarizem com o ambiente virtual de aprendizagem.

Conforme dito pela Monitora 1, na ambientação é possível verificar, a partir dos textos, o enfoque dado à aprendizagem colaborativa nos cursos do TCU. Os textos “Só Colaborando” e “Aprendizagem mediante a colaboração” introduzem o tema aos participantes e salientam sua importância em cursos a distância.

O texto “Só Colaborando” (Anexo C), escrito por Denis Russo Burgierman, aponta a importância da colaboração na construção de diversos projetos. Como exemplo ele cita a Wikipédia, uma enciclopédia livre da internet, em que qualquer pessoa pode colaborar, escrevendo informações e corrigindo erros. Ela começou com poucas informações e com diversos erros e hoje se pode dizer, segundo o autor, que é uma das maiores enciclopédias do mundo. Claro que ainda não é perfeita, mas foi construída a partir da colaboração de pessoas do mundo inteiro. No início do texto o autor lança a seguinte questão: “Será que a colaboração pela internet um dia vai ser capaz de mudar o mundo concretamente?”. Para mostrar que existem projetos com esse objetivo ele traz como exemplo um projeto realizado em Dalla, no Texas, em que moradores se mobilizaram para elaborar colaborativamente um projeto de construção de um quarteirão na cidade. Esse texto mostra aos participantes dos cursos, através de exemplos, a importância da colaboração e que a partir dela é possível modificar a realidade.

O texto “Aprendizagem mediante a colaboração” (Anexo D), desenvolvido pelo Seduc (TCU), também está presente na ambientação dos cursos. Mostra que o processo educacional ocorre de duas formas: ensino e aprendizagem. Mediante a colaboração entre os envolvidos nesse processo, torna-se possível construir o conhecimento e favorecer o aprendizado colaborativo. O texto afirma que a interação entre os sujeitos é o alicerce da aprendizagem colaborativa e aponta os

fóruns de discussão, nos cursos virtuais, como ferramenta principal para promover a colaboração e interação entre os envolvidos. Esse texto mostra aos alunos dos cursos que a participação nos fóruns de discussão é muito importante para contribuir para a aprendizagem colaborativa e que, com essa interação, além de aprenderem estarão ensinando.

A partir da leitura dos dois textos é possível que os participantes iniciem um processo de reflexão e se percebam como responsáveis não somente por sua aprendizagem, mas também pela aprendizagem dos outros, pois em decorrência da interação com os colegas, tutores e monitores o conhecimento será trabalhado e adquirido em equipe. Mas, é importante ressaltar que não é somente com a leitura desses textos que o participante irá despertar para seu papel de sujeito ativo do processo de aprendizagem, é preciso que além das leituras propostas, ele reflita sobre a importância de sua atuação no curso e, principalmente, seja estimulado a participar. Esses estímulos podem ser tanto internos como externos, motivados pelos tutores, monitores, ferramenta utilizada e conteúdo disponível. Nesse contexto a Monitora 5 afirma que:

“Os alunos tem que ter interesse e vontade de participar, de interagir com os outros e com os tutores, mas é importante lembrar que isso não depende só dele. Os tutores, monitores e o formato do curso tem que incentivar os alunos a participarem. Não estou afirmando que os alunos não tenham responsabilidade por não participarem, têm sim, mas essa responsabilidade é dividida entre todos os sujeitos envolvidos no curso, já que a aprendizagem colaborativa acontece coletivamente”.

Ainda na “Fase de ambientação” dos cursos, após a leitura dos textos os participantes devem discuti-los no fórum “Debate sobre os textos” com os outros colegas e o monitor. É importante destacar que esse fórum não é avaliado.

O fórum “Debate sobre os textos” foi citado pelos monitores como uma atividade proposta na aprendizagem colaborativa, mas que na prática isso não acontece, além do fórum “Aprendendo com a Prática” que também foi citado por eles se enquadrando na mesma situação. Como já verificamos, no item 5.1 deste trabalho, que a participação no fórum “Aprendendo com a Prática” é significativamente reduzida, agora vamos verificar como ocorre as participações no fórum “Debate sobre os textos”. Vejamos, a seguir, o enunciado desse fórum para saber por que os monitores alegam que ele é proposto na aprendizagem colaborativa:

Figura 10 – Enunciado fórum “Debate sobre os textos”

Debate sobre os textos
- quinta, 12 maio 2011, 15:17

Prezados (as) Participantes,

No intuito de aprendermos colaborativamente, pedimos para que cada um coloque neste fórum o seu ponto de vista a respeito das informações trazidas pelos textos em nossa "Ambientação":

- Por que costumamos apresentar tanta resistência às mudanças que ocorrem em nossas vidas?
- Quais as diferenças existentes entre a educação presencial e a educação a distância?
- Como podemos superar os desafios e as dificuldades que podem ser encontrados na educação a distância?
- Quais são as vantagens do ensino a distância?
- Você acha que educação a distância é como a imagem retrato que se encontra ao final do texto "Aprendizagem mediante a colaboração"?
- Como a colaboração pode contribuir para o processo de aprendizagem?

Para nós, a sua opinião é muito importante e poderá nos auxiliar quanto aos rumos da aplicação da educação a distância por parte do TCU.

Lembre-se : *"A regra é a reciprocidade, a colaboração para que todos ensinem a todos e todos aprendam com todos."*

Para correspondermos a finalidade desse fórum, que é gerar um debate a partir da opinião de cada um de vocês a respeito do tema, vamos postar nossas mensagens nesse único tópico.

Desta forma teremos a oportunidade de debatermos nossas ideias em conjunto.

Não deixe de participar!

Atenciosamente,

Equipe de Coordenação.

Fonte: Página do curso LCA e LRF maio/2011

Em alguns trechos do comando do fórum é possível perceber o destaque dado à aprendizagem colaborativa, conforme afirmado pelos monitores. Mas é preciso pensar, será que somente com essas questões para discussão após a leitura dos textos os participantes se sentem estimulados a participar do debate e contribuir para a aprendizagem colaborativa?

Para começarmos a pensar em uma possível resposta a essa questão, vejamos nas tabelas 6 e 7 a comparação do total de alunos inscritos nos cursos LCA

e LRF com a quantidade deles que participou no fórum “Debate sobre os textos” nos meses de abril, maio e junho:

Tabela 6 – Participação no fórum “Debate sobre os textos” LCA

Mês	Total de inscritos	Nº de alunos que participou do fórum “Debate sobre os textos”
Abril	724	189
Maio	721	210
Junho	726	191

Fonte: Fórum “Debate sobre os textos” curso LCA

Tabela 7 – Participação no fórum “Debate sobre os textos” LRF

Mês	Total de inscritos	Nº de alunos que participou do fórum “Debate sobre os textos”
Abril	727	186
Maio	729	176
Junho	732	194

Fonte: Fórum “Debate sobre os textos” curso LRF

A partir das tabelas 6 e 7 é possível perceber a pequena quantidade de alunos que participou do fórum “Debate sobre os textos” tanto no curso LCA quanto no curso LRF, comprovando a afirmação dos monitores entrevistados. Em LCA juntando os meses de abril, maio e junho apenas 27,17% dos alunos inscritos no curso participaram do fórum. No curso LRF o percentual foi ainda menor, apenas 25,41%. Ao fazer o levantamento das participações nesse fórum foi possível perceber que ocorreu uma média de 25 a 30 contribuições por turma, que tem em média 90 inscritos.

Segundo os Monitores 6, 2 e 4 a participação de um número reduzido dos alunos no referido fórum pode ocorrer devido à forma como ele é estruturado. No enunciado podemos perceber que os participantes são direcionados a discutirem respondendo a questões pontuais, o que o torna uma espécie de questionário. Conforme afirmado pelo Monitor 6:

“Os fóruns passam a ser vistos pelos participantes como um simples ambiente para responder a uma pergunta, sem se importar com o diálogo entre os envolvidos”.

Segundo ele, não podemos esquecer a importância de levantar questões para que os participantes possam refletir e a partir delas iniciarem um debate, mas a maneira como as questões estão empregadas nesse fórum faz com que eles as respondam como um questionário e acabem não lendo as contribuições dos outros colegas para dar continuidade ao debate.


A monitora 2 compartilha da mesma opinião e diz que tanto o fórum “Aprendendo com a Prática”, quanto o fórum “Debate sobre os textos” foram criados com a intenção de que os participantes troquem experiências e discutam ideias baseados no conteúdo, como é o caso do “Aprendendo com a Prática”, ou nos textos disponíveis na ambientação dos cursos, mas isso não acontece na prática.

“Não sei se a proposta desse fórum não fica clara para os participantes ou se é por falta de incentivo dos tutores e monitores que poucas pessoas participam. Aí acaba que os tutores lançam perguntas, como as que também são lançadas no fórum “Debate sobre os textos”, e os fóruns ficam mais cheios de respostas da parte dos participantes do que construindo um debate”.

A Monitora 4 acredita que essas questões tornam o fórum fechado, com uma participação mecânica, não contribuindo para a aprendizagem colaborativa.

Podemos verificar esse tipo de participação citada pelos Monitores 2 e 6, em que os alunos apenas respondem às questões propostas no enunciado de forma pontual, nas mensagens, a seguir, retiradas do fórum “Debate sobre os Textos” de algumas turmas de LCA e LRF:


Figura 11 – Mensagens fórum “Debate sobre os textos” 1



Re: Debate sobre os textos
- sexta, 1 abril 2011, 07:36

1. Por que costumamos apresentar tanta resistência às mudanças que ocorrem em nossas vidas? Acredito que seja o medo do novo, de deixar a zona de conforto e tentar fazer coisas novas, de inventar.
2. Quais as diferenças existentes entre a educação presencial e a educação a distância? A interação com o professor é a principal diferença, no entanto pode ser contornado com a participação através das ferramentas disponibilizadas.
3. Como podemos superar os desafios e as dificuldades que podem ser encontrados na educação a distância? Auto-disciplina nos horários de estudo, participação nos debates e fóruns.
4. Quais são as vantagens do ensino a distância? A comodidade de se fazer no seu ambiente e no horário disponível. Outra vantagem é a realização de cursos que não são ofertados presencialmente.
5. Você acha que educação a distância é como a imagem retrato que se encontra ao final do texto "Aprendizagem mediante a colaboração"? Acredito que tudo depende da força de vontade e disciplina de cada um.
6. Como a colaboração pode contribuir para o processo de aprendizagem? A contribuição de cada aluno é importante para disseminação do conhecimento pois quando as experiências vividas por cada um são colocadas nos debates há um compartilhamento de idéias.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



debates
- quinta, 31 março 2011, 08:48

- 1) se houve uma mudança, isso significa que é novo, e o novo é desconhecido, por isso as resistências e forte não estamos acostumado com o novo.
- 2) a educação presencial, nós temos o orientador na nossa frente, que facilita uma orientação com a sua experiência, educação a distância e a leitura que vai te ajudar, vc tem que ler mais e do com o orientador falando.
- 3) nem todos tem o computador, ainda há milhares de pessoas sem esse acesso, o município tem criar um grupo de estudo pois isso engrandece o município
- 4) o aluno trabalha e fica em casa normal, que é muito importante, tendo a hora que quiser rever o material didático
- 5) sim são várias experiências e muito material para estudar com facilidade
- 6) cada participante e os instrutores coloquem sua experiência e seus conhecimentos nos fóruns e nos murais

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Fonte: Fórum “Debate sobre os textos” cursos LCA e LRF

Apesar de o fórum “Debate sobre os textos” ter como objetivo incentivar a aprendizagem colaborativa, conforme podemos verificar em seu enunciado, e de alguns textos da ambientação abordarem essa temática, na prática não é possível perceber a interação entre os alunos.

Para todos os monitores essa participação reduzida nos fóruns também pode ser derivada da falta de estímulo e interação dos tutores e monitores com os participantes. Segundo eles, os alunos não se sentem motivados a participar.

Para o Monitor 6 ainda que a grande maioria das contribuições dos participantes nesse fórum ocorreria da maneira exemplificada na figura 11 alguns,

poucos, percebem o fórum como um ambiente de reflexão e discussão em grupo, como podemos verificar nas mensagens, a seguir, retiradas do fórum do curso LCA:

Figura 12 - Mensagens fórum “Debate sobre os textos” 2



Re: Debate sobre os textos
- segunda, 6 junho 2011, 11:38

Adorei os textos disponíveis na ambientação. Em especial o "Só colaborando". Mas eu realmente não sei como fazer para efetivar esse espírito de colaboração, nem no dia-a-dia, com as pessoas que trabalham ou estudam comigo, muito menos num ambiente virtual, com pessoas, ainda, desconhecidas. No dia-a-dia é raro vermos pessoas que se dispõem a sair de sua rotina para se engajar em projetos novos. No meio virtual, é difícil encontrar interesses em comum. Em ambas as situações, percebemos que, cada vez mais, as pessoas têm tempos, disponibilidades, compromissos distintos e, muitas vezes, por essa razão, é complicado trabalhar em equipe. Em certa medida, a EaD está aí para isso. Para permitir trocas em diferentes momentos. E eu acredito que o sentido da troca, do compartilhar, do comunicar, do tornar comum, está na essência, mesmo, da aprendizagem. Vamos nessas, junt@s?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: Debate sobre os textos
- segunda, 6 junho 2011, 17:11

Olá Keyciane,
Realmente todas novas formas de aprendizado e trabalho, principalmente em grupos e com auxílio de tecnologia, são muito importantes em nosso presente e o serão ainda mais em nosso futuro, em nossas vidas.
Muitas revoluções aconteceram e continuam acontecendo em nossa sociedade e demonstram essa nova tendência e necessidade do desenvolvimento do conhecimento e do ser humano.
Após atestarmos todo esse desenvolvimento tecnológico e do conhecimento humano, nos cabe uma pergunta: _Tudo isso melhora a condição humana de vida e sobrevivência?
Acredito que sim, mas somente se todos participarem e tiverem garantidos seus benefícios também. Para isso, devemos incluir todos interessados no processo, fazê-los participarem do processo e modificá-lo com suas contribuições e ideias, tornar cada membro como participante de importância ímpar no desenvolvimento do todo, do objetivo maior.
É muito importante também, conscientizar cada membro de um grupo (união de pessoas) a fazer parte da equipe (pessoas comprometidas) e, assim, se tornar integrante com direitos e deveres definidos.
Muitas iniciativas e colaborações das pessoas em nosso tempo, giram em torno de seus próprios interesses - certo ou errado - e em função da tecnologia existente (cursos EAD, grupos de discussões, redes de relacionamento, etc) se encontram e criam novos vínculos, desenvolvem objetivos comuns.

Obrigado!
Eduardo

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Fonte: Fórum “Debate sobre os textos” curso LCA/junho

Segundo a Monitora 3, essa interação quase não ocorre, mas quando acontece é muito interessante.

A Monitora 4 afirma que os monitores que deveriam participar do fórum “Debate sobre os textos” mediando às discussões e estimulando os alunos a participar, mas infelizmente isso não ocorre.

“Assim como os alunos não participam nós também não participamos. Na verdade, não podemos nem cobrar isso deles, já nem mesmo a gente sente vontade de participar, como vamos estimulá-los?”.

Segundo ela, nos cursos realizados no ano passado os monitores postavam uma única mensagem, que era padronizada para todos os cursos, levantando mais

questões pontuais para os participantes responderem. Nos cursos realizados em 2011 os monitores não postaram mais esta mensagem.

Ao serem questionados sobre não postarem mais a mensagem padronizada todos os monitores alegaram que muitos participantes fazem vários cursos do Programa de Capacitação de Servidores Públicos e veem sempre a mesma mensagem.

“Ocorre até o fato que a gente posta uma mesma mensagem sempre, ou seja, as pessoas que já fizeram os cursos outras vezes ou outros cursos veem que a gente incentiva o debate com a mesma mensagem. Acaba que isso fica um processo mecânico e os participantes percebem isso”. (Monitora 1)

Questionados se diante dessa situação procuraram interagir de forma individual com suas turmas, todos os entrevistados disseram que não, mas argumentaram serem muitas e um número elevado de participantes em cada uma delas. Cada monitor é responsável por 4 turmas do PCSP e por mais 3 turmas de outros cursos oferecidos pelo ISC, por essa razão seria complicado participar do fórum “Debate sobre os textos” de todas as turmas conciliando com suas outras atribuições neste e em outros cursos.

“O número de participantes é muito grande e a gente é responsável por muitas turmas, por isso a gente não consegue dar uma atenção maior aos debates e aos participantes, justamente por isso a maioria de nossas respostas são padronizadas, para que a gente possa ganhar tempo para conseguir cuidar dos outros cursos”. (Monitora 4)

Segundo a Monitora 3, no documento “Guia do Participante”, presente nos cursos de LCA e LRF, também há um incentivo à aprendizagem colaborativa. O guia contém um tópico definindo e estimulando a aprendizagem colaborativa nos cursos:

“A aprendizagem colaborativa pode ser entendida como um processo em que os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento.

Nesse tipo de abordagem pedagógica, o conhecimento passa a emergir e ser compartilhado por meio de colaboração dos indivíduos em forma de grupos e tornando-se necessário para resolução de problemas.

Vamos, por meio da interação com nosso ambiente virtual de aprendizagem, com os colegas, tutor e monitor, construir o conhecimento de forma colaborativa. Para isso, procure conhecer seus colegas e discutir com eles nos fóruns. É importante lembrar que ninguém aprende sozinho, precisamos do outro para progredir. Essa interação ao proporcionar um crescimento do indivíduo, propicia um desenvolvimento do grupo como um todo.

Contamos com a sua colaboração!” (GUIA DO PARTICIPANTE CURSO LCA e LRF, 2011, p. 10)

g) Razões que contribuem e não contribuem para a aprendizagem colaborativa

Como uma razão que contribui para a aprendizagem colaborativa nos cursos oferecidos pelo TCU, a Monitora 3 aponta a atuação do tutor quando ele instiga os participantes no fórum “Aprendendo com a Prática”, mas ressalta que é uma iniciativa única do tutor que só acontece quando ele acha interessante e quando tem uma formação para perceber essa importância. Às vezes o estímulo vem dos participantes e não do curso, mas são poucos os casos tanto de tutores quanto de alunos que tomam essa iniciativa.

A Monitora 5 também vê como uma razão que contribui para a aprendizagem colaborativa a conduta de pouquíssimos tutores que incentivam os participantes e se mostram presentes e interessados, mas também ressalta que isso ocorre raramente.

Para o Monitor 6 as atividades que são realizadas em grupo e são pontuadas contribuem para a aprendizagem colaborativa, o que não é o caso dos cursos LCA e LRF, que não têm trabalhos em grupo que são pontuados.

As Monitoras 1, 2 e 4 acreditam que nos cursos não há nenhuma razão que contribui para a aprendizagem colaborativa, pois acreditam que a forma como o curso é estruturado não possibilita que haja uma liberdade e motivação dos participantes.

“Como eu não consigo ver de fato essa interação, fica difícil eu responder o que no curso favorece a aprendizagem colaborativa. Se ela existe, eu não consigo enxergar ainda”. (Monitora 4)

Para as Monitoras 1 e 5 as razões que não contribuem para a aprendizagem colaborativa são a falta de incentivo dos tutores e monitores e a pouca motivação dos participantes, dos tutores e dos monitores.

As Monitoras 2 e 3 acreditam que uma das razões que não contribuem é a forma como os cursos são estruturados, de forma engessada e desinteressante, não tendo espaço para muitas modificações e adaptações. Pelo fato dos cursos serem sempre os mesmos e muito parecidos os participantes, tutores e monitores podem se sentir desmotivados.

A Monitora 2, assim como a Monitora 5, acrescentam que a grande quantidade de participantes por turma também não contribui para a aprendizagem colaborativa, pois torna inviável um acompanhamento mais próximo dos participantes.

Para a Monitora 3 o que não contribui para a aprendizagem colaborativa nos cursos é a quantidade de avaliações como questionário, que o aluno faz, recebe sua nota e pronto, não quer fazer mais nada.

“Mesmo que os tutores e monitores tentem incentivar os alunos dizendo: ‘Você tem que participar.’ O aluno pensa: ‘Mas por que, se o curso só pede isso, que eu entre, acesse e tenha um resultado nas avaliações?’”.

Segundo a monitora, nas atividades que são avaliadas não há aprendizagem colaborativa, o aluno apropria-se do conhecimento de forma individual, mas não dialoga e não aprende com o outro.

Essa prática, presente nos cursos, de valorizar apenas as avaliações individuais é alicerçada na teoria de Piaget, conforme explanado na fundamentação teórica desta pesquisa. Segundo essa teoria, o conhecimento se constitui principalmente a partir da ação individual do sujeito e não da interação dele com o meio.

A Monitora 5 acredita que a padronização de mensagens por parte da monitoria não contribui para a aprendizagem colaborativa, pois torna o ambiente mais frio e mantém uma relação mais distante com os participantes.

Para o Monitor 6 o horário flexível e a falta de cobrança da participação dos alunos não favorecem a prática da aprendizagem colaborativa nos cursos. Segundo ele, essa cobrança poderia ser feita, por exemplo, pontuando os participantes pelo número de acessos ou de perguntas feitas ou respondidas nos fóruns. Ele ainda faz uma ressalva, “Claro que essa avaliação não seria apenas em um aspecto quantitativo”.

h) Autonomia Monitor

Os monitores foram questionados se teriam autonomia para criar nos cursos novos espaços para a aprendizagem colaborativa, caso achassem necessário. Todos os monitores responderam que não teria essa autonomia caso quisessem implementar algum espaço diferente dos que já têm hoje nos cursos.

A Monitora 1 acredita que como monitora e estagiária não teria essa autonomia, mas talvez o tutor tivesse se trouxesse uma proposta já elaborada que não desse trabalho aos coordenadores. Segundo ela, se levasse uma proposta já elaborada não teria aceitação. Quando questionada se já tentou implementar

alguma mudança a monitora diz que uma vez sugeriu uma alteração em um fórum, mas nada foi feito.

Para a Monitora 2 a ideia poderia até ser ouvida, mas poderia não ser colocada em prática devido a hierarquia que existe no Serviço de Educação a Distância, às vezes a chefe dela até acataria, mas o superior dela poderia não aceitar. A monitora ainda acrescenta: “Então autonomia para implementar alguma coisa como monitora e estagiária eu não tenho”. Disse também que já tentou levar algumas ideias para a coordenação, mas lhe disseram que iriam avaliar a proposta e até o momento nada foi feito.

A Monitora 3 disse que já tentou comentar e avaliar o que poderia melhorar nos cursos, foi ouvida, mas nenhuma mudança proposta foi implementada. Segundo ela, essas situações a desestimulam para sugerir mudanças, porque nada é mudado.

Para a Monitora 4 além da falta de autonomia dos monitores eles não têm abertura para dar um feedback, fazer uma avaliação dos cursos ao final de cada rodada. Ela disse que nunca tentou dar nenhuma sugestão, apenas observa que não tem autonomia devido à falta de abertura dada pela coordenação dos cursos.

“O Monitor não tem essa autonomia para estar dando feedback para a coordenação, falando o que aconteceu nos cursos e o que poderia mudar. Não acontece uma avaliação dos cursos entre os monitores, os tutores e os coordenadores. Somente os alunos avaliam os cursos em um questionário ao final do curso. A monitoria fica de mão amarradas”.

A Monitora 5 se mostrou contrariada com a falta de autonomia dos monitores e disse que não se sente mais estimulada a fazer nenhuma sugestão:

“Não existe essa autonomia. Os cursos já são fechados com a estrutura que já tem. Quando vamos sugerir algo os coordenadores ou não concordam ou dizem que irão avaliar. Mesmo com algumas queixas e sugestões dos participantes o curso está há mais de 1 ano com o mesmo formato. Acaba que hoje não me sinto estimulada para propor e executar nada diferente. Sei que muitas coisas precisam mudar, mas hoje não me sinto mais motivada a tentar mudá-las”.

Segundo o Monitor 6, não há essa autonomia. Cabem aos tutores e monitores trabalhar a aprendizagem nos ambientes já existentes. Disse que nunca sugeriu nenhuma mudança, mas assim como a Monitora 4, não sente abertura da coordenação para receber sugestões.

i) Contribuição para a aprendizagem colaborativa

Nessa questão os entrevistados disseram como poderiam contribuir como monitores para a aprendizagem colaborativa nos cursos. Todos acreditam que estimular as discussões nos fóruns e participar mais efetivamente dos debates contribui consideravelmente para a aprendizagem colaborativa.

As Monitoras 1, 2, 4 e 5 disseram que para contribuir com a aprendizagem colaborativa os monitores teriam que utilizar poucas mensagens padronizadas, ter um contato mais direto e individual com os participantes. Segundo elas, essas mensagens desmotivam os participantes.

“O que poderia contribuir para a aprendizagem colaborativa seria ter um contato mais direto com os participantes, porque as vezes um participante está em dois cursos com monitores diferentes e recebe a mesma mensagem. Isso não aproxima, não chama o participante. Um contato mais direto e individual tenho certeza que contribuiria muito para incentivar eles. Quando eles recebem uma mensagem sabem que 200, 300 pessoas estão recebendo a mesma mensagem. Às vezes daqui há um mês ele faz outro curso e recebe a mesma mensagem, daqui há três meses ele faz outro curso e recebe exatamente a mesma mensagem. Então, eu acho que isso é um fator que não incentiva”. (Monitora 2)

“O monitor não interage com ninguém. Para responder alguém apenas pega uma mensagem padrão e envia, muitas vezes ele sabe que nada poderá ser feito naquele caso, mas como é preciso responder, dá alguma resposta que já estava pronta. Então o lema é o seguinte: Eu te ignoro, mas te respondo”. (Monitora 4)

“Participar dos debates colocando a minha opinião e não mensagens padronizadas era uma forma de ter um contato mais próximo e humano com os participantes. Eles têm que perceber que quando os respondemos estamos falando apenas com eles e não com mais 100 alunos”. (Monitora 5)

j) Atuação como Monitor

Foi perguntado aos monitores se acreditam que realmente estão contribuindo para a aprendizagem colaborativa nos cursos em que atuam, levando em consideração as contribuições apresentadas por eles na categoria anterior.

As Monitoras 1 e 5 acreditam que hoje, da forma com que atuam nos cursos, não incentivam os alunos a participarem, pois não tem um contato direto com eles. Nem mesmo participam do fórum “Debate sobre os textos” que trata de assuntos que têm conhecimento e poderiam atuar mediando às discussões, mas nem isso é realizado. Acreditam que esse estímulo faria a diferença na participação dos alunos.

Apontaram essa mediação nos fóruns como algo inviável devido à grande quantidade de alunos e turmas pelas quais são responsáveis.

As Monitoras 2, 3 e 4 acreditam que em sua atuação há intenção de contribuir para a aprendizagem colaborativa, mas talvez o aluno não sinta esse incentivo devido à forma como é tratado, sempre com mensagens padronizadas. Segundo elas, mesmo com essas mensagens sempre estão presentes respondendo as dúvidas dos alunos e eles sentem essa presença. Para elas o que torna inviável colocar em prática as contribuições sugeridas na categoria anterior é a quantidade elevada de alunos por turma. Segunda a Monitora 3: "A quantidade de alunos diminui a qualidade do serviço prestado pela monitoria".

Segundo o Monitor 6 em alguns casos há essa contribuição dos monitores para a aprendizagem colaborativa. Ele explica porque acredita que essa contribuição não ocorra como deveria:

"[...] na maioria dos cursos, não há uma recomendação para que o monitor trate tanto sobre a participação. Há sim uma cobrança no acesso e quanto aos prazos das atividades, mas a uma participação mais efetiva e menos focada em notas não ocorre muito".

k) Importância do enfoque na aprendizagem colaborativa

Nesse item foi perguntado aos entrevistados que se caso fosse dado a eles poder para decidir se haveria ou não nos cursos a distância, oferecidos pelo TCU, um enfoque na aprendizagem colaborativa, que medidas tomariam.

Todos os monitores acreditam ser muito importante que os cursos tenham um enfoque na aprendizagem colaborativa e que esse deve ser um ponto que deve ser levado em consideração no ensino a distância. A Monitora 1 toda a proposta de aprendizagem colaborativa presente no Tribunal deveria ser reformulada para que ela pudesse ocorrer de fato. As medidas que tomaria seriam intensificar a participação de tutores e monitores nos fóruns e diminuir a quantidade de alunos por turma ou aumentar a quantidade de colaboradores, para que o número de alunos não compromettesse a qualidade dos cursos.

Para a Monitora 2 primeiramente o que deveria ser mudado é que tem por traz do curso, a equipe de coordenação, tutores e monitores. O que poderia ser feito era um curso de formação para os coordenadores, encontros entre tutores, coordenadores e monitores, pois não conhecem presencialmente a equipe com que trabalham, é tudo a distância, e isso poderia melhorar consideravelmente o trabalho

em equipe dos tutores e monitores, pois poderia ser criado um vínculo maior entre eles. Ela afirma que por mais que saibam que o que está por trás daquela foto, presente no perfil do ambiente virtual, é uma pessoa, sua percepção muda quando você a encontra pessoalmente.

A Monitora 3 disse que aumentaria a quantidade de atividades que sejam baseadas na colaboração, fóruns em que os tutores e monitores participassem ativamente incentivando os alunos. E, além disso, que o tutor fosse capaz de retirar o conteúdo dessa participação para dar início ao estudo e não que ele apenas colocasse o conteúdo e a partir dele ocorresse a discussão nos fóruns. O conteúdo do curso deve ser construído coletivamente pelos sujeitos envolvidos e não ser fruto apenas da leitura de apostilas e textos.

Para a Monitora 4 a principal medida seria prestar atenção nas avaliações feitas pelos participantes sobre o curso. No curso há um espaço para que os alunos façam uma auto avaliação, escrevam o que acharam do curso e deem sugestões. Esse espaço é um fórum chamado “Avalie o curso e sua participação”. Segundo a monitora, essas avaliações não são lidas pelos monitores e nem pelos coordenadores. Para ela as sugestões são muito importantes para a melhora dos cursos. Por isso, devem ser lidas e discutidas entre os monitores, tutores e coordenação para que o curso seja construído e aperfeiçoado com a contribuição de todos.

A Monitora 5 acredita que a principal medida a ser tomada para que a aprendizagem colaborativa aconteça nos cursos, seria organizar encontros presenciais entre coordenadores, tutores e monitores para uma avaliação dos cursos, em que todos pudessem ser ouvidos e que inclusive fosse levado em consideração os pontos indicados pelos participantes em suas avaliações sobre curso.

Para o Monitor 6 as medidas seriam propor trabalhos em grupo, fóruns e dinâmicas que fogem um pouco do conteúdo específico. Além disso, monitor e tutor devem ser mais presentes, não apenas lançando uma pergunta e esperando que os alunos a respondam.

5.3 - Análise Conjunta das Entrevistas

Como já foram analisados os documentos que fazem alusão à aprendizagem colaborativa nos cursos e as entrevistas com tutores e monitores, de forma separada, iremos agora analisar, em conjunto, as partes das entrevistas que foram consideradas relevantes para esta pesquisa.

A partir do enfoque dado à aprendizagem colaborativa nos textos contidos na ambientação dos cursos, nos trechos retirados do “Guia do Participante” e no comando dos fóruns “Debate sobre os textos” e “Aprendendo com a Prática”, é possível inferir que o TCU prima pela aprendizagem colaborativa em seus cursos a distância e enxerga nela grande auxílio para o aprendizado do grupo. Dessa forma, resta saber se todo esse discurso sobre a aprendizagem colaborativa, presente nos documentos dos cursos LCA e LRF, está sendo colocado em prática. Para auxiliar em uma possível resposta a essa questão, foram entrevistados os tutores e monitores envolvidos nesse processo.

Quando perguntado aos entrevistados quais dificuldades encontravam nos cursos em que atuam, tanto tutores quanto monitores apontaram como principal dificuldade o elevado número de participantes nas turmas, não possibilitando que deem uma atenção individual aos participantes. Segundo eles, isso pode comprometer a atuação dos alunos nos fóruns.

A grande maioria dos tutores e monitores entende que aprendizagem colaborativa seja uma aprendizagem em conjunto, onde o conhecimento é construído coletivamente e ocorre devido à troca de experiências e ideias entre os envolvidos no processo.

É possível aferir que a maioria dos tutores e monitores acredita que a aprendizagem colaborativa ocorre por meio da interação entre os sujeitos envolvidos. Essa ideia também está presente na teoria de Vygotsky. Segundo ele, o sujeito só aprende se for submetido a situações de aprendizagem, e ela só ocorre a partir da interação entre os indivíduos e deles com o meio em que estão inseridos. Levando essa teoria para a realidade dos ambientes virtuais, a aprendizagem acontece a partir da interação entre os sujeitos envolvidos, participantes, tutores e monitores e desses com o meio em que estão inseridos, os fóruns, textos, conteúdos e avaliações.

Percebe-se uma divergência de ideias entre tutores e monitores quando questionados sobre a aprendizagem colaborativa nos cursos do TCU. Todos os tutores acreditam que há aprendizagem colaborativa nos cursos, embora seja em pequena quantidade se comparado ao número de alunos nas turmas. Dos seis monitores entrevistados, três acreditam que a aprendizagem colaborativa não ocorre nos cursos. Enquanto dois deles não tem certeza se ocorre e dizem que se acontece é muito pouco. Somente um monitor acredita que ocorra aprendizagem colaborativa nos cursos, mas ressalta que é apenas um número reduzido da turma que participa. Portanto, é possível aferir que a maioria dos monitores acredita que não acontece aprendizagem colaborativa nos cursos, enquanto todos os tutores entrevistados acham que ocorre.

Os tutores e monitores concordam em um ponto, o motivo pelo qual a aprendizagem colaborativa não ocorre como deveria nos cursos. Segundo eles, não acontece devido a pouca ou nenhuma participação efetiva de tutores e monitores nos fóruns.

Conforme discorrido no capítulo 1 deste trabalho, o AVA foi originado justamente como um recurso tecnológico para auxiliar e potencializar o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando uma interação entre os sujeitos envolvidos. Essa interação é a chave para a aprendizagem colaborativa e ela pode ser favorecida por esses ambientes se amparada por concepções pedagógicas, como por exemplo, a teoria de Vygotsky.

Apesar de citarem a interação como principal fator para que ocorra a aprendizagem colaborativa, conforme presente na teoria de Vygotsky, os tutores e monitores afirmam que essa interação não ocorre ou ocorre de maneira restrita nos cursos. O que nos leva a concluir que a concepção pedagógica dos cursos de TCU não é alicerçada nos pressupostos de Vygotsky, se aproximando mais do behaviorismo e do instrucionismo.

Para Okada (2004 apud NASCIMENTO et al., 2008, p. 6), os AVAs podem ser divididos em três tipos de ambientes: instrucional, interativo e cooperativo. Tomando como base as definições dadas pelo autor para esses ambientes e as respostas dadas pelos entrevistados, é possível aferir que nos cursos do TCU é utilizado o ambiente instrucional, que tem foco no conteúdo e pouca interação, fazendo correspondência com o ensino tradicional.

Moore e Kearsley apontam os tipos de interação que ocorrem no AVA, interação aluno-conteúdo, aluno-instrutor e aluno-aluno. A partir dos dados obtidos com esta pesquisa é possível aferir que nos cursos do TCU a interação aluno-conteúdo é a mais recorrente, apesar de ser necessário que as três interações ocorram simultaneamente para que o curso tenha bons resultados. E esses resultados não podem ser interpretados como apenas boas notas, pois nos cursos avaliados é possível que o participante obtenha boas notas apenas realizando as avaliações individualmente, que são corrigidas de forma automática. Podem ter boas notas sem ao menos terem tido uma interação aluno-aluno ou aluno-instrutor, que na realidade dos cursos do TCU, seria tutor ou monitor. E não são apenas resultados quantitativos que são esperados de cursos com enfoque na aprendizagem colaborativa.

Os tutores citam o fórum “Aprendendo com a Prática” como o espaço no curso em que ocorre aprendizagem colaborativa. Nas tabelas 4 e 5 podemos perceber como a participação nesse fórum ocorreu de forma reduzida nos meses de abril, maio e junho de 2011.

Em contrapartida, todos os monitores citam esse mesmo fórum e o fórum “Debate sobre os textos” como atividades que são fundadas na aprendizagem colaborativa, mas que na prática ela não ocorre. Já os tutores acreditam que não há nenhuma atividade no curso que seja fundada na aprendizagem colaborativa sem que ela ocorra de fato. Para eles, todas as atividades propostas alcançam seus objetivos na prática. Nas tabelas 6 e 7 é possível constatar a pouca contribuição dos participantes no fórum “Debate sobre os textos” nos meses de abril, maio e junho de 2011.

Para a maioria dos tutores entrevistados essa participação reduzida da turma nos fóruns ocorre somente devido ao desinteresse e pouco comprometimento dos participantes nas atividades do curso. Já para os monitores, os alunos não são os principais culpados. Segundo eles, se a aprendizagem colaborativa ocorre em conjunto a culpa não pode ser somente de um sujeito envolvido, ela recai sobre todos os que participam do processo. Tanto os alunos, quanto os tutores e monitores estão desmotivados e não estão interagindo e participando dos fóruns. A atuação de um depende da atuação do outro, não ocorre de forma isolada. Para saber a real razão para a pouca participação, não adianta colocar a culpa em um ou em outro, é preciso analisar o processo como um todo e os envolvidos como uma

equipe, em que se um falhar, todos falham, independente de onde o erro se originou.

Conforme ideias expostas na fundamentação teórica dessa pesquisa, nem alunos, nem professores tem hábito de trabalhar em parceria, de forma colaborativa. Por isso, o papel do tutor e monitor, é fundamental no incentivo a participação e na mediação dos fóruns para que os alunos sejam inseridos em um processo colaborativo. Como os tutores e monitores não estão acostumados a trabalhar de forma colaborativa é necessário que tenham um treinamento prévio a sua atuação e que sejam apresentados à aprendizagem colaborativa, pois é impossível incentivar algo que não conhece ou não acredita.

Dessa forma, o tutor¹ não pode furtar-se a responsabilidade de estar presente nos cursos, incentivando os alunos, tentando de várias formas, mesmo que eles não respondam, pois essa é a sua função, de parceiro, mediador, motivador e facilitador. Nesse contexto, Leite et al. (2005, p. 8) salienta que

o professor necessita ter clareza dos aspectos que envolvem a aprendizagem colaborativa em ambientes on-line para saber conduzir o processo, fazer com que os alunos possam interagir e realmente cooperar uns com os outros, com o objetivo de produzir conhecimentos, através das diferentes atividades possíveis num curso on-line.

Ao fazer o levantamento das participações nos fóruns para esta pesquisa, foi possível verificar no curso LCA do mês de junho, a diferença que ocorre na participação dos alunos nos fóruns quando o tutor realmente se mostra presente, incentivando e mediando as discussões nos fóruns. O tutor responsável pelas turmas 1 a 4 apenas respondia questionamentos postados pelos participantes no fórum “Aprendendo com a Prática”, não postou nenhuma mensagem de orientação ou incentivo. Já o tutor das turmas 5 a 8 se mostrou sempre presente e interessado, propondo diversas questões além de comentar de forma individual as contribuições dos participantes. Resultado, nas turmas de 1 a 4 apenas 21 participantes contribuíram nos fóruns “Aprendendo com a Prática”, enquanto que nas turmas 5 a 8 48 participantes contribuíram. Continua sendo um número baixo se comparado a quantidade de participantes das turmas, mas se compararmos apenas as turmas dos dois tutores é possível perceber uma diferença considerável no número de participações. Conforme mencionado anteriormente, essas participações referem-se

¹ O tutor nos cursos virtuais do TCU tem a mesma função de um professor, mudando apenas a denominação, pois ele é o especialista do conteúdo do curso.

apenas às mensagens postadas no fórum, não levando em consideração se contribuíram ou não para a aprendizagem colaborativa.

Para alguns monitores e um dos tutores a pouca participação nos fóruns pode ocorrer devido à forma como são estruturados. Nos fóruns os alunos são incentivados a participar a partir de questões pontuais, levantadas para que eles reflitam, mas a maneira como elas estão empregadas nos fóruns faz com que os alunos simplesmente as respondam como um questionário sem se preocupar em ler as contribuições dos outros colegas. A maioria dos tutores entrevistados acredita que ao responderem questões pontuais os participantes estão aprendendo de forma colaborativa, somente por postarem uma mensagem no fórum.

Outro ponto levantado tanto por tutores quanto por monitores, em razão da pouca participação, foi, como já citado em outras situações, o pouco estímulo dado por tutores e monitores que acabam não participando de maneira efetiva nos fóruns, não motivando os alunos a participarem colaborativamente. Tutores e monitores disseram também que o fato dos fóruns, que contribuem para a aprendizagem colaborativa, não serem avaliados, faz com que poucos participem.

Ao serem questionados sobre as razões que contribuem para a aprendizagem colaborativa nos cursos, os tutores levantaram os seguintes pontos: estrutura do curso, presença e participação do tutor e do monitor, flexibilidade de horário, ligação do tema do curso com a área de atuação profissional e heterogeneidade das turmas. A maioria dos tutores acredita que a presença e participação do tutor e do monitor é a razão que contribui significativamente para a aprendizagem colaborativa.

Em contrapartida, metade dos monitores acredita que da forma como os cursos estão organizados atualmente, não há nenhuma razão que contribui para a aprendizagem colaborativa. A outra metade, assim como a maioria dos tutores, acredita que a atuação e o incentivo do tutor e do monitor, quando participam dos fóruns, é uma razão que contribui.

Sobre as razões que não contribuem para a aprendizagem colaborativa nos cursos, dois dos tutores entrevistados disseram não detectar nenhuma razão que não contribua. Os outros citaram, novamente, que a não pontuação dos fóruns e a possibilidade do participante cancelar sua inscrição nos cursos quando e quantas vezes quiser não contribuem para o processo de aprendizagem colaborativa.

Para os monitores as razões que não contribuem são: a falta de incentivo dos tutores e monitores, a estrutura do curso, a pouca colaboração dos alunos, o número de participantes por turma e a não pontuação dos fóruns.

A quantidade elevada de participantes por turma é citada tanto por tutores quanto por monitores como uma razão que não contribui para a colaboração nos cursos. Essa quantidade elevada faz com que seja diminuída a qualidade dos serviços prestados por tutores e monitores e denota um enfoque industrial da EaD, buscando formar muitos não se preocupando com a qualidade.

Nota-se que a falta de incentivo dos tutores e monitores foi citada diversas vezes pelos entrevistados como um fator que contribui para a pouca colaboração nos cursos. Essa questão gera um ponto para reflexão: Será que a evasão dos cursos pode estar ligada, de alguma forma, à desmotivação dos alunos devido ao pouco incentivo dado pelos tutores e monitores, já que estes afirmam que o incentivo realmente não ocorre ou ocorre de forma restrita?

Constata-se a divergência de ideias entre tutores e monitores quando metade deles afirma que a forma como o curso é estruturado contribui para a aprendizagem colaborativa, enquanto que para dois monitores essa mesma estrutura não contribui. Eles alegam que a estrutura é engessada e não motiva os participantes a interagirem.

É importante destacar que a não pontuação dos fóruns foi citada, novamente, tanto por tutores quanto por monitores como algo que não contribui para a aprendizagem colaborativa.

Ao ser afirmado que a não pontuação dos fóruns faz com que os alunos não tenham interesse em participar, faz com que questionemos: Será que a pontuação dos fóruns seria uma maneira de obrigar os alunos a participar ou seria uma forma de incentivo da colaboração nos cursos? Nesse caso, será que a participação dos alunos nos fóruns se daria devido à necessidade da nota para serem aprovados ou devido à motivação?

Outro ponto que pode ser observado é que para os tutores os cursos têm muito mais razões que contribuem para a aprendizagem colaborativa do que razões que não contribuem. Diferente posicionamento tem os monitores que enumeram várias razões que não contribuem e apenas uma que contribui.

Quando questionados se teriam autonomia para criar nos cursos novos espaços para a aprendizagem colaborativa, caso achassem necessário, metade dos

tutores entrevistados responderam que sim, teriam autonomia, e a outra metade acredita que não teria essa autonomia. Todos os monitores responderam que não teriam autonomia para criar novos espaços.

É possível perceber que a atuação dos atores envolvidos nas ações a distância do TCU é muito segmentada. Não há um trabalho em equipe, as funções e papéis são muito diferenciados entre coordenador, tutor e monitor. Talvez essa situação possibilite um distanciamento entre eles. É possível perceber também que não trabalham em parceria, o que nos leva a pensar: Como querem que os alunos trabalhem coletivamente se nem mesmo eles utilizam a colaboração para atuarem nos cursos? Será que se esses laços fossem estreitados a colaboração tomaria outro rumo nos cursos?

Os tutores disseram que poderiam contribuir para a aprendizagem colaborativa nos cursos se participassem e incentivassem mais as discussões nos fóruns, se houvesse uma avaliação dos cursos realizada pelos atores envolvidos e se entrassem em contato de forma mais direta com os participantes que não acessam e não participam das atividades dos cursos.

Os monitores acreditam que poderiam contribuir se estimulassem e participassem mais ativamente dos fóruns e se utilizassem menos mensagens padronizadas que, segundo eles, afasta os participantes.

Foi perguntado aos entrevistados se acreditam que realmente estão contribuindo para a aprendizagem colaborativa nos cursos em que atuam, levando em consideração as contribuições apresentadas por eles anteriormente. Todos os tutores disseram que incentivam a participação nos fóruns e fazem o que podem. Aqueles que não colocam em prática as contribuições, citadas anteriormente, alegam que não têm tempo para se dedicarem mais ao curso e que o número elevado de participantes nas turmas torna inviável algumas ações que poderiam contribuir para a aprendizagem colaborativa.

Ao ser feito o mesmo questionamento aos monitores, dois disseram que realmente não incentivam a participação dos alunos, três acreditam que na atuação da monitoria há a intenção de motivar os participantes, mas que isso não ocorre devido ao uso de mensagens padronizadas e a pouca participação nos fóruns. Somente um monitor acredita que o trabalho da monitoria contribui para a aprendizagem colaborativa, mas garante que apesar dos incentivos essa colaboração é mínima.

A função dos monitores também é mediar os fóruns e motivar os participantes, mas como eles mesmos alegaram essa motivação e mediação não ocorre e se ocorre é muito pouco. Mesmo após identificarem que também são responsáveis pelo número reduzido de participações e colaborações nos fóruns e apontarem as razões porque acreditam não haver essa colaboração, não é possível identificar um posicionamento de que estão dispostos a modificarem suas atuações. Parecem desmotivados e sem intenção de proporem mudanças. Será que essa desmotivação ocorreu devido a pouca autonomia e abertura que tem diante da coordenação dos cursos? Após tantas sugestões de mudanças e tentativas de aproximação, conforme foram relatados nas entrevistas, os monitores nunca tiveram um posicionamento da coordenação, talvez isso possa ter os desmotivado.

Na última questão foi perguntado aos entrevistados que se caso fosse dado a eles poder para decidir se haveria ou não nos cursos a distância, oferecidos pelo TCU, um enfoque na aprendizagem colaborativa, que medidas tomariam. Todos os tutores e monitores acreditam que nos cursos a distância deve haver um enfoque na aprendizagem colaborativa.

Como medidas para que a aprendizagem colaborativa ocorra de fato nos cursos, os tutores sugeriram:

- Intensificar participação de tutores e monitores nos fóruns;
- Procurar uma interação entre participantes e tutores;
- Seleção do público-alvo, possibilitando o ingresso nos cursos apenas àquelas pessoas que atuam na área dos cursos.

Os monitores acreditam que para que a aprendizagem colaborativa ocorra de fato nos cursos, devem ser tomadas as seguintes medidas:

- Intensificar a participação e o incentivo de tutores e monitores nos fóruns;
- Capacitar os coordenadores dos cursos para que tenham uma visão com um enfoque pedagógico;
- Organizar de encontros presenciais entre os atores envolvidos no processo para avaliar e sugerir mudanças;
- Aumentar a quantidade de atividades de colaboração entre alunos, tutores e monitores;

- Construir o conhecimento a partir das contribuições feitas nos fóruns;
- Levar em consideração as avaliações feitas pelos alunos ao final do curso.

Novamente, tutores e monitores concordam que para que ocorra uma aprendizagem colaborativa nos cursos, a participação, o incentivo e a presença constante deles nos fóruns e na mediação dos debates são fundamentais.

É possível verificar um posicionamento mais crítico dos monitores, em relação à prática da aprendizagem colaborativa nos cursos, do que dos tutores. Para a maioria dos tutores o incentivo a participação já é realizado, mesmo que pouco. Todos concordam que participam dos fóruns e incentivam as discussões. Já os monitores refletem sobre sua atuação de forma mais crítica, apontando os aspectos que acreditam precisar melhorar tanto em sua atuação quanto nos cursos como um todo.

Outro ponto marcante nessa divergência de ideias entre monitores e tutores é que para estes o aluno é o principal responsável pela pouca participação nos cursos e para aqueles o aluno não é o único responsável, já que não é incentivado a participar. No caso da aprendizagem em colaboração a responsabilidade é de todos os envolvidos, já que é preciso analisar o processo como um todo e não somente os resultados alcançados. O importante não é apontar culpados e sim buscar soluções.

É possível perceber que nos cursos o tutor atua como um reproduzidor da educação tradicional, mesmo alegando que participam dos fóruns e incentivam a participação, a maioria deles realiza essas atividades de forma tradicional, colocando questões pontuais para iniciarem debate e às vezes somente respondem questionamentos feitos pelos participantes. É importante que tenham consciência que colaboração não é apenas postar qualquer mensagem no fórum, é necessário que percebam que precisa haver uma interação propiciando a construção do conhecimento de maneira coletiva.

A característica mais marcante na diferença entre esses dois atores é a formação. Todos os monitores cursam Pedagogia na Universidade de Brasília enquanto que nenhum dos tutores tem uma formação pedagógica. A partir dos dados colhidos nesta pesquisa é possível aferir que a formação pedagógica pode ser considerada um eixo norteador na postura do indivíduo ao analisar sua atuação de forma crítica, reflexiva e problematizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo acadêmico não possui a pretensão de esgotar o tema abordado nem, tampouco, sugerir profundas alterações nos procedimentos e processos já realizados pelo Tribunal de Contas de União em seus cursos virtuais. Buscou-se, por meio de referenciais bibliográficos e de um trabalho de pesquisa, argumentos que viessem a contribuir para a identificação de algumas questões, referentes à aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais oferecidos pelo TCU, que podem interferir nos resultados almejados tanto pelos participantes que os realizam quanto pelo órgão que os desenvolve.

Nos curso virtuais oferecidos pelo TCU verificamos o enfoque dado à aprendizagem colaborativa, a partir dos documentos presentes nos cursos “Licitações e Contratos Administrativos” e “Introdução à Lei de Responsabilidade Fiscal”, que são oferecidos pelo órgão no Programa Capacitação de Servidores Públicos. Dessa forma, o presente trabalho procurou compreender se o discurso sobre a aprendizagem colaborativa, empregado nos documentos dos cursos, está sendo colocado em prática. A partir de entrevistas realizadas com tutores e monitores envolvidos nesse processo, tornou-se possível percebermos, um pouco melhor, como ocorre a utilização da aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU e quais razões contribuem em não para sua prática.

Neste estudo, após a análise das entrevistas, foi possível constatar que apesar de ter nos curso um enfoque na aprendizagem colaborativa, ela ocorre de forma restrita nos cursos LCA e LRF. Essa aprendizagem colaborativa se mostrou tão pequena que alguns monitores chegam a considerar que ela não existe.

Verificou-se que a aprendizagem colaborativa acontece de forma reduzida nos cursos devido ao pouco ou nenhum incentivo e participação dos tutores e monitores nos fóruns de debate disponíveis. Sem essa participação não ocorre a interação entre os envolvidos no processo, que é o alicerce da aprendizagem colaborativa. Dessa forma, os alunos se sentem desmotivados e acabam não interagindo nos fóruns.

Apesar da aprendizagem colaborativa ocorrer de maneira restrita nos cursos virtuais do TCU, a partir da análise dos dados coletados foi possível constatar as razões que contribuem para que ela aconteça nos cursos:

- Presença e participação do tutor e do monitor;

- Flexibilidade de horário e fácil acesso;
- Ligação do tema do curso com a área de atuação profissional;
- Heterogeneidade das turmas;
- Estrutura dos cursos.

Devido à divergência de ideias entre os entrevistados, a estrutura dos cursos e a heterogeneidade das turmas, também foram consideradas razões que não contribuem para a aprendizagem colaborativa nos cursos. Foram apontadas outras razões que não contribuem para a prática da aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU:

- Não pontuação dos fóruns;
- A possibilidade do aluno cancelar sua inscrição nos cursos quando e quantas vezes quiser;
- Dificuldade dos alunos na utilização das tecnologias e ferramentas do curso;
- Pouco incentivo e atuação dos tutores e monitores nos fóruns;
- Número elevado de participantes nas turmas;
- Quantidade excessiva de mensagens padronizadas enviadas aos alunos.

Este estudo, após concluídas as fases de pesquisa, análise e argumentação, direcionou seus resultados para sugerir maneiras de como o enfoque dado a aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU pode ser colocado em prática. Para isso, seguem as seguintes sugestões e considerações:

- Intensificar a participação dos tutores e monitores nos fóruns;
- Diminuir a quantidade de mensagens padronizadas enviadas aos alunos;
- Organização de reuniões presenciais entre coordenadores, tutores e monitores para avaliarem e sugerirem mudanças nos cursos, levando em consideração as avaliações dos alunos;
- Redução do número de participantes por turma. Para que isso acontecesse ou a oferta deveria ser menor ou deveriam ser contratados mais colaboradores;

- Capacitação dos atores envolvidos nos cursos para que eles compreendam a importância do enfoque colaborativo nos cursos e mais importante, saibam como incentivá-lo;
- Reformulação dos fóruns existentes nos cursos. Retirar questões pontuais e inserir situações para que eles reflitam a partir de suas práticas.

No decorrer da análise dos dados foram formuladas questões para reflexão, em um primeiro momento, mas que futuramente podem encadear novas pesquisas para que sejam respondidas, já que esse tema é muito rico e tem diversas vertentes que podem ser analisadas em outros trabalhos.

Por fim, ressalta-se, que, embora os rumos adotados pelo Tribunal de Contas da União em seus cursos virtuais, quanto ao processo de capacitação dos gestores e servidores públicos do país, já estejam direcionados para profissionalizar e minimizar os erros cometidos por gestores e servidores públicos, diminuindo assim os gastos indevidos de dinheiro público, o que é meritoriamente reconhecido pela sociedade. O desejo por melhorias e pelo constante aperfeiçoamento dos cursos oferecidos, mais que um direito do cidadão, é seu dever consigo mesmo e com toda a sociedade que anseia por servidores públicos cada vez melhor qualificados.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A área de EaD me encanta, principalmente as questões que a cercam por ser uma modalidade relativamente recente, mas em um primeiro momento pretendo atuar na área da Educação Infantil, que após os estágios que fiz percebi que me identifico muito. Mesmo assim, não descarto a possibilidade de trabalhar com EaD, já que tenho bastante experiência na área.

Espero que esse trabalho seja o meu primeiro de vários outros, pois desejo que o hábito de estudar esteja sempre presente em minha vida.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

ALMEIDA, Solange M. G. **Os cursos a distância ofertados pelo Programa Interlegis: A ótica dos tutores**. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ÁLVAREZ MÉNDEZ, Juan M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

BARBOSA, Maria F. S. O.; REZENDE, Flavia. **A prática dos tutores em um programa de formação pedagógica a distância: avanços e desafios**. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 10, n. 20, jul/dez 2006.

BAYMA, Fátima. (Org) **Educação Corporativa** Desenvolvendo e Gerenciando Competências. Editora: Pearson Prentice Hall/Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2004.

BEHRENS, Marilda A. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: Moran, J. M.; Masetto, M.T.; Behrens, M. A. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, S.P.: Papyrus, 2000.

BELMONTE, Vanessa; GROSSI; Márcia G. R. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Um panorama da produção nacional**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/2942010181132.pdf>> Acesso em: 6 jun. 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAMPOS, Fernanda C. A. et al. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARVALHO, Juliana F, G. **Redação em língua portuguesa a distância: registro de uma experiência de sucesso**. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

DÖDING, Magrit D. et al. **O papel do monitor em cursos a distância através da Internet**. VII CREAD – Congresso de Educação a Distância – Mercosul 2003 - Aprendizagem e Trabalho: Políticas e Tecnologias. Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://aprendizadocontinuo.blogspot.com/2007/06/o-papel-do-monitor-em-cursos-distncia.html>> Acesso em: 13 jun. 2011.

FONTÃO, L. **Produção no ciberespaço: uma questão dialógica**. Revista Educação em Rede, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2007. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/educacaoemrede/article/viewFile/1764/1380>> Acesso em: 7 jun. 2011.

LEITE, Cristiane L. K. et al. **A aprendizagem colaborativa na educação a distância on-line**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/171tcc3.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

LITWIN, Edith (org). **Educação a Distância: Temas para Debate de uma Nova Agenda Educativa**. Porto Alegre, Artmed, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, Liliana D.; MACHADO, Elian C. **O Papel da Tutoria em Ambientes de EaD. UFC-CE**, 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/022-TC-A2.htm>> Acesso em: 13 jun. 2011.

MAIA, M. C.; MEIRELES, F. S. **Evasão nos cursos a distância e sua relação com as Tecnologias da Informação e Comunicação**. In: ENCONTRO DA ANPAD, 29, 2005, Brasília. *Anais...* Brasília: Anpad, 2005.

MARTINS, Valdemar N. P. **Avaliação do valor educativo de um software de elaboração de partituras: um estudo de caso com o programa Finale no 1.º ciclo**. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal, 2006.

MATHIAS, Emmily F. **Um estudo sobre a relação entre o uso das NTICE na Educação Corporativa e a Gestão do Conhecimento de uma instituição pública: O caso do TCU.** Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão integrada.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, José M. **O que é educação a distância.** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>> Acesso em: 6 jun. 2010.

NASCIMENTO, R.L.; SILVEIRA, R.M.C.F.; PINHEIRO, N.A.M. **Educação a Distância na Relação Enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).** In: I SENEPT - Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica. Anais..., Belo Horizonte, MG, 2008. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema5/TerxaTema5Artigo9.pdf> Acesso em: 7 jun. 2011.

PALANGANA, Isilda C. **Desenvolvimento & aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social.** São Paulo, SP: Summus, 2001.

PAZ, C. R. et al . **Monitoria online em educação a distância: o caso LED/UFSC.** In: SILVA, Marco (org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PEREIRA, Alice T. C. (org.). **AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem em diferentes contextos.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2007. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/imagem/capitulo/2259532.pdf>> Acesso em: 6 jun. 2011.

PONTE, João Pedro da. **O Projecto Minerva – Introduzindo as NTI na Educação em Portugal.** DEPGEF, 1994.

PORTAL DO TCU. Disponível em: <<http://portal2.tcu.gov.br/TCU>> Acesso em: 9 jun. 2011.

SANTOS, Edméa O. **Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livre, plurais e gratuitas**. In: Revista FAEBA, v.12, no. 18, 2003. Disponível em: <<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/ava.pdf>> Acesso em: 6 jun. 2011.

SIQUEIRA, Lilia M. M.; ALCÂNTARA, Paulo Roberto. **Modificando a atuação docente utilizando a colaboração**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, nº 8, p. 57-69, jan./abr. 2003.

SOUZA, Marina V. **Evasão em cursos a distância: O caso do Programa Capacitação de Servidores Públicos 2010**. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

TORRES, Patrícia L. et al. **Grupos de Consenso: Uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, nº 13, p. 129-145, set./dez. 2004.

VALENTE, José A. **A aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade**. Unicamp, 2005. Disponível em: <<http://www.redadultosmayores.com.ar/buscador/files/DESAR005.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2011.

_____. **Educação a distância Via Internet**. São Paulo: Avercamp, 2003.

VALENTINI, Carla Beatriz; SOARES, Eliana M. S. (orgs.). **Aprendizagem em Ambientes Virtuais: compartilhando ideias e construindo cenários**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

WIKIPEDIA. Disponível em : <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ambiente_virtual_de_aprendizagem> Acesso em: 9 jun. 2011.

YIN, Robert K. **Case Study Research – Design and Methods**. London: Sage Publications, 1994.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista aplicado com Tutores/ Monitores

Data:

Tutor () **Monitor** ()

Sexo: () Masculino

() Feminino

Faixa etária: () 50 anos ou mais

() 40 a 49 anos

() 30 a 39 anos

() 20 a 29 anos

1. Qual a sua formação (graduação, especialização, mestrado e/ou doutorado)?
2. Há quanto tempo você trabalha no TCU?
3. Há quanto tempo você atua como Tutor/Monitor de cursos a distância?
4. Participou de algum curso de formação relacionado com a sua atuação como tutor/monitor no TCU?
5. Quais as principais dificuldades enfrentadas nos cursos do TCU em que foi tutor/monitor?
6. O que você entende por aprendizagem colaborativa?
7. Você acredita que ocorre a aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU que você já atuou como Tutor/Monitor? Se sim, descreva uma situação em que você julga que houve aprendizagem colaborativa.
8. Há alguma situação no curso em que a proposta da atividade é fundada na aprendizagem colaborativa, mas isso não ocorre efetivamente? Se sim, por que não ocorre?

9. Em sua opinião, quais são as razões que não contribuem para a aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU?
10. Em sua opinião, quais são as razões que contribuem para a aprendizagem colaborativa nos cursos virtuais do TCU?
11. A prática do TUTOR/MONITOR permite que se esse crie, autonomamente, espaços para a aprendizagem colaborativa? Justifique sua resposta.
12. O que poderia fazer, como TUTOR/MONITOR, para contribuir com a aprendizagem colaborativa?
13. Você acredita que atualmente contribui para a aprendizagem colaborativa da maneira como citou na questão anterior? Se não, por que acredita que não contribui?
14. Se você tivesse poder de decisão para mudar os cursos do TCU em relação a ter ou não ter nos cursos o enfoque na aprendizagem colaborativa, quais as medidas que tomaria?

ANEXOS

ANEXO A

PÁGINA DO CURSO LCA

<p>Participantes</p> <ul style="list-style-type: none"> Participantes <p>Atividades</p> <ul style="list-style-type: none"> Enquetes Fóruns Questionários Recursos <p>Administração</p> <ul style="list-style-type: none"> Ativar edição Configurações Notas Grupos Reconfigurar Relatórios Perguntas Arquivos Cancelar a minha inscrição no curso LCA06W01 Perfil 	<p>Programação</p> <p>Fique de Olho!</p> <ul style="list-style-type: none"> Quadro de Avisos Cronograma do Curso MEUS DEVERES COMO PARTICIPANTE Guia do Participante Guia de utilização do Moodle Reservado para a tutoria Cronograma Tutoria <p>1 Ambientação <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Fala do Presidente do TCU, Ministro Benjamin Zymler Apresente-se aqui Bem-vinda, vida digital! Só colaborando. Aprendizagem mediante a colaboração Debate sobre os textos Pré-Teste <p>2 Equipe de Monitoria <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Fale com a Monitoria <p>3 Licitações <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> LICITAÇÕES - Conteúdo Dúvidas sobre o módulo "Licitações" "Aprendendo com a Prática" - Módulo Licitações Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Licitações Avaliação "Verificação de Aprendizagem" - Módulo Licitações <p>4 Contratos Administrativos <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> CONTRATOS ADMINISTRATIVOS - Conteúdo Dúvidas sobre o módulo "Contratos Administrativos" "Aprendendo com a Prática" - Módulo Contratos Administrativos Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Módulo Contratos Administrativos Avaliação "Verificação de Aprendizagem" - Módulo Contratos Administrativos Pós-Teste Avalie o Curso e sua Participação <p>5 Biblioteca Virtual <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Módulo "Licitações" - versão para impressão Módulo "Contratos Administrativos" - versão para impressão Coleção Serzedello Corrêa - Volume IV - Licitações Apostila "Licitações e Contratos Administrativos" - CGU Licitações & Contratos: Orientações e Jurisprudência do TCU - 4ª Ed. <p>6 Avaliação de Satisfação <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Avaliação de Satisfação
---	--

ANEXO B

PÁGINA DO CURSO LRF

<p>Participantes</p> <ul style="list-style-type: none"> Participantes <p>Atividades</p> <ul style="list-style-type: none"> Enquetes Fóruns Questionários Recursos <p>Administração</p> <ul style="list-style-type: none"> Ativar edição Configurações Designar funções Notas Grupos Backup Restaurar Importar Reconfigurar Relatórios Perguntas Arquivos Perfil 	<p>Programação</p> <p>Fique de Olho!</p> <ul style="list-style-type: none"> Quadro de Avisos Cronograma do curso MEUS DEVERES COMO PARTICIPANTE Guia do Participante Guia de utilização do Moodle Cronograma Tutoria <p>1 Ambientação <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Fala do Presidente do TCU, Ministro Benjamin Zylmer Apresente-se aqui Bem-vinda, vida digital! Só colaborando. Aprendizagem mediante a colaboração Debate sobre os textos Pré-Teste <p>2 Equipe de Monitoria <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Fale com a Monitoria <p>3 Introdução à LRF - Unidades 1 e 2 <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Unidades 1 e 2 - versão para navegação. Dúvidas sobre as Unidades 1 e 2 "Aprendendo com a Prática" Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 1 Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 2 <p>4 Introdução à LRF - Unidades 3 e 4 <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Unidade 3 e 4 - versão para navegação. Dúvidas sobre as Unidades 3 e 4 "Aprendendo com a Prática" Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 3 Avaliação "Fixação de Aprendizagem" - Unidade 4 Síntese Pós-Teste Avalie o Curso e sua Participação <p>5 Biblioteca Virtual <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Lei de Responsabilidade Fiscal - Atualizada Lei Complementar nº 131, de 2009, que altera a LRF Conteúdo Geral - versão para impressão Leituras Complementares Material Complementar <p>6 Avaliação de Satisfação <input type="checkbox"/></p> <ul style="list-style-type: none"> Avaliação de Satisfação
--	--

ANEXO C

por Denis Russo Burgierman



MUNDO LIVRE

Só colaborando

Você já deve ter ouvido falar da Wikipédia, a enciclopédia na internet com que qualquer um pode colaborar – escrevendo verbetes, corrigindo erros, acrescentando informações. No começo ela era incompleta e cheia de erros, mas conseguiu atrair gente suficiente para tapar os buracos. Hoje dá para dizer que ela é a melhor enciclopédia do mundo. Não é perfeita, claro. Mas, se você parar para pensar, ela é uma baita novidade: um empreendimento sem dono, sem patrocinador, sem apoio de governo, que conseguiu produzir uma ótima enciclopédia.

Muito legal. Mas, aqui entre nós, enciclopédias não mudam o mundo. A questão é: será que a colaboração pela internet um dia vai ser capaz de mudar o mundo concretamente? Tem um monte de projetos interessantes procurando uma resposta para essa pergunta. Um dos mais incríveis chama-se Re:Vision. O objetivo do Re:Vision é construir colaborativamente um bairro em Dallas, no Texas, de uma forma totalmente inovadora e sustentável. A ideia é começar com um bairro, torcendo para que ele vire uma espécie de modelo para um novo jeito de pensar a cidade, e que influencie cidades inteiras por todo o mundo. Enfim: inventar um novo modelo de cidade.

Construir um bairro de verdade é bem mais complexo que escrever uma enciclopédia. Para possibilitar a tarefa, o primeiro passo foi quebrá-la em pedaços mais simples: energia, transporte, comércio, planejamento urbano, construção,

arquitetura e processo. Para cada um desses temas, houve um concurso, do qual qualquer pessoa do mundo, arquiteto ou não, podia participar mandando ideias pela internet. O Re:Vision foi então escolhendo as melhores de cada tema e dando prêmios de 2 mil dólares para elas. Alguns exemplos de ideias que chegaram: um playground que gera energia com a brincadeira das crianças, um shopping center sem paredes feito de contêineres reciclados, um esquema urbano de microemprestimos. O próximo passo é pegar as ideias que chegaram e somá-las para chegar a um projeto final, o que deve ocorrer até o fim do ano.

A expectativa é que o bairro esteja construído em 2012. A água será reaproveitada, a energia produzida lá mesmo, haverá uma horta comunitária, um sistema local de educação sustentável e muitos espaços comuns para comércio e lazer. Será um bairro voltado para dentro, mas também conectado ao resto da cidade. E haverá tanto casas grandes para os ricos quanto casas pequenas para os pobres – tudo de uma maneira que seja sustentável também economicamente (ou seja, é importante que o projeto, além de visionário, seja viável financeiramente).

Não espere que a solução para os problemas do mundo venha dos governos ou das grandes empresas. Ela virá de gente legal conectada com mais gente legal conectada com mais gente legal. ■

Com a ajuda de muitos, sairá do papel um projeto que tenta mudar o mundo bairro por bairro



Denis Russo Burgierman é jornalista e está ansioso para ver o mundo começar a mudar. projeto.secreto.wordpress.com, mundolivre@abril.com.br

ANEXO D

Aprendizagem mediante a colaboração



“Hoje, o discurso que transita em todas as mídias é o de que as tecnologias de informação e comunicação irão mudar a Educação, por tornarem mais acessível, ao educando, a construção do conhecimento, facilitando o contato com a informação.” (Cristiane Nova et al., 2003)

Independentemente de local, estamos sempre aprendendo uns com os outros em todas as fases de nossas vidas. Cada um no seu tempo é capaz de superar suas limitações e interpretar o mundo com seu próprio olhar.

Na sociedade atual em que as informações e as “novidades” ocorrem em uma velocidade antes inimaginável, é quase impossível conviver harmoniosamente com tantos desafios e incertezas pessoais e profissionais.

Nesse contexto, é necessário que as pessoas sejam capazes de interagir na sociedade como cidadãos críticos, conscientes, participativos e agregadores de resultado.

Tudo isso e mais um pouco. Também é preciso que sejam criativas.

Como é possível então desenvolver tantas habilidades?

O grande desafio é promover a construção do conhecimento. Como?

Durante muito tempo, a educação foi tratada quase como sinônimo de ensino, e o foco na aprendizagem ficou em posição secundária. A experiência de aprendizagem era eminentemente individual, isolada e baseava-se, quase que exclusivamente, na distribuição e utilização de materiais, isto é, na transmissão de conteúdos e habilidades. (MARTINS et al., 2002).

Nas últimas décadas, a ênfase na aprendizagem ajudou a restabelecer o equilíbrio, mas é preciso entender o processo educacional como um processo de mão dupla: ensino “e” aprendizagem. Um processo coletivo que ocorre em todos os aspectos da relação.

Mediante a colaboração entre todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem é possível construir o conhecimento e promover o aprendizado colaborativo.

A base da aprendizagem colaborativa está na interação e na troca entre os envolvidos com o objetivo de melhorar as suas competências.

O uso didático dos recursos do ambiente virtual de aprendizagem, especificamente o fórum de discussão é o espaço que possibilita o entrelaçamento de múltiplas vozes que argumentam, constroem e desconstroem, questionam respondem, e olham além identificando também os vazios para procurar novas alternativas.

Ao se relacionar com os aprendizes, o educador também aprende. E aqueles cuja tarefa principal era apenas aprender também se colocam ensinando, não só ao professor, mas também aos seus colegas de aprendizagem.

Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem se torna cada vez mais complexo e baseado em múltipla interação.

A regra é a reciprocidade, a colaboração para que todos ensinem a todos e todos aprendam com todos.

"O homem é um ser inacabado e inconcluso, por isso se educa" (PAULO FREIRE, 1993).

Bibliografia consultada

NOVA, Alves L.C.(organizadora) Educação a distância. Uma nova concepção de aprendizado e interatividade. Futura. 2003.